UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

LETÍCIA DE ALMEIDA BARBOSA

CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM PERSPECTIVA PANCRÔNICA

São José do Rio Preto
2023

LETÍCIA DE ALMEIDA BARBOSA

CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM PERSPECTIVA PANCRÔNICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de São José do Rio Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Análise Linguística

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves.

São José do Rio Preto

2023

B238c

Barbosa, Letícia de Almeida

Construções parentéticas epistêmicas do português brasileiro em perspectiva construcional / Letícia de Almeida Barbosa. -- São José do Rio Preto, 2023

155 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientador: Sebastião Carlos Leite Gonçalves

1. Mudança Linguística. 2. Construcionalização. 3. Modalização Epistêmica. 4. Construções Parentéticas. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LETÍCIA DE ALMEIDA BARBOSA

CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM PERSPECTIVA PANCRÔNICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de São José do Rio Preto, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Estudos Linguísticos.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves – Orientador
UNESP - Universidade Estadual Paulista – Campus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Marize Mattos Dall´Aglio-Hattnher
UNESP - Universidade Estadual Paulista - Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza
UNESP - Universidade Estadual Paulista – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Solange de Carvalho Fortilli
UFMS/CPTL - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Câmpus de Três Lagoas

Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

São José do Rio Preto

25 de maio de 2023

A meus pais,
com amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida e pelas oportunidades que tem colocado em meu caminho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, por ter me ensinado a trilhar os caminhos da pesquisa com autonomia, criticidade e organização. Obrigada pela parceria, pela paciência e por me guiar nos caminhos da investigação científica. Tenho eterna gratidão pelas suas orientações ao longo desses anos de doutorado.

À Profª. Drª. Solange de Carvalho Fortilli, por quem tenho enorme apreço e admiração, não só por ter sido minha orientadora de iniciação científica e mestrado, mas por me acolher e acreditar em meu potencial enquanto professora-pesquisadora. Obrigada por mostrar-me o quanto sou capaz e por trazer luz às minhas inquietações pessoais e acadêmicas.

À Profª. Drª. Taísa Peres de Oliveira, por ser uma de minhas inspirações enquanto pesquisadora e por compartilhar tantos conhecimentos ao longo desses dez anos que a conheço. Obrigada pelas orientações durante nossas reuniões de grupo e por transmitir o que sabe sobre o universo acadêmico.

À Profª. Drª. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale, por ser presença constante durante minha trajetória de formação acadêmica, desde os meus primeiros resultados de iniciação científica na Unesp de Assis, a meu debate de tese no SELin e Exame de Qualificação de tese. Obrigada pelos questionamentos e sugestões valiosas feitas durante todos esses anos.

Ao Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza, pelas ricas contribuições durante a orientação do Exame de Qualificação Especial e à Profª. Drª. Marize Mattos Dall´Aglio-Hattnher, que aceitou o convite para avaliar e contribuir com esta pesquisa. Saibam que seus conhecimentos são de suma importância para este trabalho.

Ao *Grupo de Estudos Sociofuncionalistas* (GESF), pelas inúmeras trocas, contribuições e por fazerem parte da minha história.

Aos meus pais, Clarindo Gomes Barbosa e Olívia de Almeida Barbosa, por me ensinarem princípios e valores que me permitiram chegar até aqui. Obrigada por serem exemplo de força e superação. Às minhas irmãs, Tamíres de Almeida Barbosa Nonato e Aline de Almeida Barbosa Terto, pelos bons momentos que compartilhamos e por toda ajuda recebida ao longo da vida.

À minha querida tia Maria Pereira Barbosa, que não mediu esforços para me acolher, em São José do Rio Preto, ao longo desses anos de doutorado. Obrigada pelos conselhos, pela empatia e por me apoiar em decisões que não foram fáceis, mas necessárias.

Ao meu parceiro, Luiz Fernando de Moura Neves, pelo carinho, cumplicidade, por me ensinar o quanto é importante ser quem realmente somos e por me lembrar que o tempo passa muito rápido e vida plena só podemos ter uma. Obrigada por tanto amor e cuidado para conosco.

Aos meus amigos Aline Rodrigues da Silva e Raul Leme Medeiros, que há dez anos presenciam as minhas alegrias e me dão suporte nos momentos de tristeza. Obrigada por permanecerem.

Às minhas amigas da UFMS, Arielly Berlandi e Kátia Rodrigues, e às que conheci no Ibilce, Kátia Cortez, Virgínia Nuss e Taísa Robuste. Obrigada por serem exemplo de resiliência, dedicação e esforço.

Às amigas-irmã que a vida me deu, Bruna Neris, Débora Reis e Talita Koguchi, que, em todos esses anos de convivência, presenciaram os meus momentos bons e ruins e escolheram permanecer em todos eles.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

"A linguagem é a ponta visível do *iceberg*
da construção invisível do significado"
Fauconnier (1997, p. 1)

RESUMO

Nesta tese, investigam-se, na história do português brasileiro (PB), construções parentéticas epistêmicas (CPE) de base nominal, adjetival e verbal, originadas de esquemas de subordinação em que construções de mesma base funcionam como matrizes de orações subordinadas. Assumindo-se os pressupostos teórico-metodológicos da abordagem construcional da mudança (GOLDBERG, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2016), parte-se da hipótese de que as CPE, uma vez submetidas a processo de construcionalização gramatical, se consolidam na rede de construções epistêmicas do PB como um novo esquema construcional, via mudanças construcionais. Sob tal hipótese, constituem objetivos desta pesquisa: (i) com base em aspectos de forma e de significado, investigar a evolução e a consolidação das CPE ao longo de diferentes sincronias do PB; (ii) considerando-se as mudanças diacrônicas que as CPE experimentam, propor, como parte de uma rede mais ampla de construções epistêmicas, uma rede taxinômica das CPE do PB contemporâneo, avaliando seu grau de produtividade, esquematicidade e composicionalidade. Metodologicamente, a análise de dados empíricos se assenta em córpus constituído de cartas escritas por missivistas brasileiros entre os séculos XVIII e XX, complementado por textos de cartas e crônicas publicadas. Para o século XXI, utilizam-se, além de revistas brasileiras online, amostras de fala de uma variedade do PB (GONÇALVES, 2007). Os resultados de análises da forma das CPE permitem constatar: (i) dois subesquemas, um com presença do complementizador *que* e/ou de cópula, e outro, mais abstrato, que não os apresenta em sua composição; (ii) a manifestação de pronome de primeira pessoa anteposto ou posposto em CPE de base verbal, um indicador de mudanças construcionais; (iii) a tendência de ocorrerem mais em posição medial, sobretudo a partir do século XX, quando se consolida seu estatuto adverbial. No tocante aos parâmetros de significado/função, considerando o processo de (inter)subjetivização interveniente na consolidação do estatuto adverbial das CPE, constata-se: (i) seu alcance na focalização da informação modalizada; (ii) redução de seu escopo, quando o julgamento epistêmico passa a incidir apenas sobre parte do enunciado modalizado; (iii) a abstratização de significado atestada pela variabilidade tempo-modo dos enunciados que se associam às CPE e, por consequência, gera o aumento gradual de sua frequência ao longo das sincronias; (iv) a confirmação de que o grau de certeza epistêmica (alto ou baixo) está correlacionado a tipos específicos de CPE, com as de base verbal sendo mais propícias a expressar baixo grau de certeza, e as de base adjetival e nominal, alto grau de certeza (GONÇALVES; DALL'AGLIO-HATTNHER; SOUSA, 2016), e (v) os efeitos pragmáticos que as CPE exibem como resultado da mudança. Do mapeamento diacrônico das CPE, alcança-se o esquema parentético modal [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$, presente já no século XVIII, e ao qual se ligam os Subesquemas [([EU]) [PRED]$_V$ ([EU]) ([que])], [[é] [PRED]$_N$] e [([é]) [PRED]$_{ADJ}$], que se consolidam gradativamente ao longo das quatro sincronias investigadas. Conclui-se desses resultados que, por meio de mudanças construcionais, as CPE se consolidam como um novo nó na rede construções epistêmicas, tendo experimentado aumento de esquematicidade e produtividade, já que o sistema do PB contemporâneo dispõe de três subesquemas parentéticos que, juntos, sancionam vinte e cinco microconstruções de tipos variados.

Palavras-chave: Mudança Linguística. Construcionalização. Modalização Epistêmica. Construções Parentéticas.

ABSTRACT

In this dissertation, epistemic parenthetical constructions (EPC) of nominal, adjectival, and verbal bases are investigated in the history of Brazilian Portuguese (BP), which originated from subordinate schemas in which constructions of the same base work as matrices for subordinate clauses. Assuming the theoretical-methodological assumptions of the constructional approach to the change (GOLDBERG, 2006; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; BYBEE, 2016), we hypothesize that epistemic parenthetical constructions (EPC), once subjected to a process of constructionalization, consolidate in the network of epistemic constructions in Brazilian Portuguese (BP) as a new constructional schema, through constructional changes. Under this hypothesis, the objectives of this research are: (i) based on aspects of form and meaning, to investigate the evolution and consolidation of EPCs across different synchronies of BP; (ii) considering the diachronic changes that EPCs undergo, to propose, as part of a broader network of epistemic constructions, a taxonomic network of EPCs in contemporary BP, assessing their degree of productivity, schematicity, and compositionality. Methodologically, the analysis of empirical data is based on a corpus consisting of letters written by Brazilian missivists between the 18th and 21st centuries, supplemented, in the latter period, by texts of letters and chronicles published in Brazilian online magazines and samples of speech from a variety of BP (GONÇALVES, 2007). The results of analyses of the form of EPCs reveal: (i) two subschemas, one with the presence of the complementizer "que" and/or copula, and another, more abstract, that does not include them in their composition; (ii) the manifestation of first-person pronouns, either preposed or postposed, in verbal base EPCs, an indicator of constructional changes; (iii) a tendency to occur more medially, especially from the 20th century onwards, when their adverbial status consolidates. Regarding the parameters of meaning/function, considering the process of (inter)subjectification involved in the consolidation of the adverbial status of EPCs, it is observed: (i) their scope in focusing on modalized information; (ii) reduction of their scope when epistemic judgment only applies to part of the modalized utterance; (iii) the variability of modal-temporal utterances associated with EPCs, attesting to the abstraction of their meaning and consequently the gradual increase in their frequency across synchronies; (iv) the confirmation that the degree of epistemic certainty (high or low) is correlated with specific types of EPC, with verbal base EPCs being more likely to express low degree of certainty, adjectival and nominal base EPCs expressing high degree of certainty (GONÇALVES; DALL'AGLIO-HATTNHER; SOUSA, 2016) and (v) the pragmatic effects these constructions exhibit as a result of the change. From the diachronic mapping of EPCs, we reach the modal parenthetical schema [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$, already present in the 18th century, and to which are linked the Subschemas [([EU]) [PRED]$_V$ ([EU]) ([que])], [[é] [PRED]$_N$] and [([é]) [PRED]$_{ADJ}$], which gradually consolidate throughout the four investigated synchronies. It is concluded from these results that, through constructional changes, EPCs consolidate as a new node in the network of epistemic constructions, having experienced an increase in schematicity and productivity, since the contemporary BP system has three parenthetical subschemas that together sanction twenty-five microconstructions of various types.

Keywords: Linguistic Change. Constructionalization. Epistemic Modalization. Parenthetical Constructions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS Página

Figura 1: Representação de rede conceptual..... 27

Figura 2: Modelo de representação simbólica da construção..... 31

Figura 3: Hierarquia construcional 33

Figura 4: Uma representação de rede construcional..... 34

Figura 5: Gradiência das relações hierárquicas entre construções..... 44

Figura 6: Padrão prosódico da expressão parentética *I think* 48

Figura 7: Padrão prosódico da expressão parentética *I believe* 48

Figura 8: Padrão prosódico da expressão parentética *I think* em posição final…..... 49

Figura 9: Rede de *links* taxonômicos da oração *I guess* em posição inicial..... 54

Figura 10: Rede de *links* taxonômicos da oração *I understand* em posição inicial..... 54

Figura 11: *Cline* de (inter)subjetividade..... 64

Figura 12: A *(inter)subjetivação* do verbo calcular..... 64

Figura 13: Fluxo de atenção natural e linguístico..... 66

Figura 14: Pareamento forma e significado das construções parentéticas epistêmicas..... 83

Figura 15: A trajetória de mudança das construções parentéticas epistêmicas de base verbal com o predicado *parecer*..... 98

Figura 16: Presença/ausência de cópula e complementizador..... 105

Figura 17: Expressão tempo-modo das orações associadas às construções parentéticas epistêmicas ao longo das sincronias analisadas..... 112

Figura 18: A posição das construções parentéticas epistêmicas entre as sincronias.... 120

Figura 19: Aumento de (inter)subjetividade nos esquemas..... 131

Figura 20: Elos de herança entre os esquemas de oração matriz e de construções parentéticas epistêmicas..... 135

Figura 21: Esquema de construções parentéticas epistêmicas na rede de modalidade epistêmica do século XVIII..... 136

Figura 22: Esquema de construções parentéticas epistêmicas na rede de modalidade epistêmica do século XIX..... 139

Figura 23: Esquema de construções parentéticas epistêmicas na rede de modalidade epistêmica do século XX..... 140

Figura 24: Esquema de construções parentéticas epistêmicas na rede de modalidade epistêmica do século XXI..... 142

GRÁFICOS

Gráfico 1: Frequência *type* e *token* das construções parentéticas epistêmicas de base verbal entre as sincronias..... 89

Gráfico 2: Frequência *type* e *token* das construções parentéticas epistêmicas de base adjetival entre as sincronias..... 90

Gráfico 3: Frequência *type* e *token* das construções parentéticas epistêmicas de base nominal entre as sincronias..... 91

QUADROS

Quadro 1: Dimensões das construções.....……. 31

Quadro 2: Os níveis construcionais.....……. 34

Quadro 3: Padrões para definição de construções parentéticas.....……. 50

Quadro 4: Propriedades gramaticais das construções parentéticas..... 52

Quadro 5: Predicados matrizes, tipos oracionais e graus de certeza epistêmica..... 56

Quadro 6: Meios de expressão das modalidades com base em Neves (1996a).…… 59

Quadro 7: Os conceitos de (inter)subjetividade e (inter)subjetivação..... 63

Quadro 8: O fluxo de atenção natural e linguístico..... 65

Quadro 9: Amostra da língua escrita do século XVIII..... 71

Quadro 10: Amostra da língua escrita do século XIX..... 72

Quadro 11: Amostra da língua escrita do século XX..... 72

Quadro 12: Amostra para ampliação dos *corpora* dos séculos XVIII, XIX e XX..... 72

Quadro 13: Amostra da língua escrita do século XXI..... 73

Quadro 14: Amostra da língua falada do século XXI..... 73

Quadro 15: Predicados verbais com tendência à parentetização..... 74

Quadro 16: Predicados adjetivais com tendência à parentetização..... 75

Quadro 17: Predicados nominais com tendência à parentetização..... 75

Quadro 18: A presença das construções parentéticas epistêmicas de base verbal ao longo das sincronias..... 89

Quadro 19: A presença de construções parentéticas epistêmicas de base adjetival ao longo das sincronias..... 91

Quadro 20: A presença ou ausência de cópula em tipos de construções parentéticas epistêmicas de base adjetival..... 101

Quadro 21: A posição do sujeito em construções parentéticas epistêmicas de base verbal..... 107

Quadro 22: Posição de [EU] em construções parentéticas epistêmicas de base verbal ao longo das sincronias..... 107

Quadro 23 Tipos específicos de construções parentéticas epistêmicas e grau de certeza..... 126

Quadro 24: Aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos dos esquemas construcionais..... 132

Quadro 25: Níveis hierárquicos da rede de construções parentéticas epistêmicas..... 143

LISTA DE TABELAS

TABELAS Página

Tabela 1: Categoria de construções parentéticas epistêmicas (por sincronia e modalidade) .....…..... 76

Tabela 2: Frequência de tipos de construções parentéticas epistêmicas ao longo das sincronias investigadas ....…..... 85

Tabela 3: Frequência *type* e *token* ao longo das sincronias do PB.....… 86

Tabela 4: A presença de complementizador em construções parentéticas epistêmicas ao longo das sincronias do PB..... 96

Tabela 5: A presença ou ausência de cópula em construções parentéticas epistêmicas de base nominal e adjetival nos séculos analisados..... 100

Tabela 6: Presença ou ausência de cópula nas microconstruções de base nominal e adjetival..... 102

Tabela 7: Manifestação de sujeito nas construções parentéticas epistêmicas de base verbal..... 106

Tabela 8: Tempo-modo das orações associadas às construções parentéticas epistêmicas de base verbal do português brasileiro..... 109

Tabela 9: Tempo-modo das orações associadas às construções parentéticas epistêmicas de base adjetival do português brasileiro..... 110

Tabela 10: Tempo-modo das orações associadas às construções parentéticas epistêmicas de base nominal do português brasileiro..... 111

Tabela 11: Posição das construções parentéticas epistêmicas em relação ao enunciado no total dos dados analisados..... 114

Tabela 12: Posição das construções parentéticas epistêmicas de base adjetival nas sincronias investigadas..... 114

Tabela 13: Posição das construções parentéticas epistêmicas de base verbal nas sincronias investigadas..... 115

Tabela 14: Posição das construções parentéticas epistêmicas de base nominal nas sincronias investigadas..... 116

Tabela 15: Correlação entre posição e tipos específicos de construções parentéticas epistêmicas de base adjetival..... 116

Tabela 16: Correlação entre posição e tipos específicos de construções parentéticas epistêmicas de base verbal..... 117

Tabela 17: Correlação entre posição e tipos específicos de construções parentéticas epistêmicas de base nominal..... 118

Tabela 18: Correlação entre posição e escopo das construções parentéticas epistêmicas..... 123

Tabela 19: Produtividade e esquematicidade da rede de construções parentéticas epistêmicas da sincronia atual..... 145

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

Ø	Ausência (de cópula [é] ou complementizador [que])
CPE	Construção parentética epistêmica
COP	Cópula
Fut.	Futuro
Ind.	Indicativo
+Q.Perf.	Mais que perfeito
Perf.	Perfeito
PB	Português Brasileiro
PRED	Predicado
Pres.	Presente
Pret.	Pretérito
Subj.	Subjuntivo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	18
1	**REFERENCIAL TEÓRICO**.....	24
1.1	**Modelos Baseados no Uso ou Linguística Cognitivo-funcional**.....	24
1.1.1	Os processos cognitivos de domínio geral.....	26
1.1.2	Gramática de Construções.....	30
1.1.3	Esquematicidade, composicionalidade e produtividade.....	39
1.1.4	Construcionalização e Mudança Construcional.....	41
1.2	**Parentetização e a Modalização Epistêmica**.....	46
1.2.1	Parentetização.....	46
1.2.2	Modalização epistêmica.....	58
1.3	**Mecanismos pragmáticos envolvidos no uso das construções parentéticas epistêmicas** ……..……..…….....	63
2	**UNIVERSO DA PESQUISA E METODOLOGIA**.....	69
2.1	**Córpus de análise**.....	69
2.2	**Critérios para seleção dos predicados**.....	74
2.3	**Coleta de ocorrências**.....	75
2.4	**Parâmetros de análise**.....	76
2.4.1	Presença de cópula e complementizador nas construções parentéticas epistêmicas.....…….....	77
2.4.2	Forma de base e grau de certeza epistêmica das construções parentéticas epistêmicas …….....	78
2.4.3	Posição e escopo das construções parentéticas epistêmicas no enunciado.....	80
2.4.4	Aspectos sintático-semânticos da rede das construções parentéticas epistêmicas.…….....	81
3	**AS CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**…….....	83
3.1	**As construções parentéticas epistêmicas no córpus analisado**.....	83
3.2	**Análise dos parâmetros de forma**.....	85
3.2.1	Forma de base das construções parentéticas epistêmicas e os tipos específicos.....	85
3.2.2	Presença/ausência de cópula e/ou de complementizador.....	93
3.2.3	A manifestação de primeira pessoa nas construções parentéticas epistêmicas de base verbal originadas de matrizes de orações objetivas.....	106
3.2.4	Expressão tempo-modo das orações associadas às construções parentéticas epistêmicas.....	108
3.2.5	Posição das construções parentéticas epistêmicas no enunciado.....	113
3.3	**Parâmetros de significado/função**.....	122
3.3.1	O escopo das construções parentéticas epistêmicas.....	122
3.3.2	Tipos específicos de predicados de base e o grau de certeza epistêmica.....	125
3.3.3	Aspectos pragmáticos das construções parentéticas epistêmicas.....	127
3.4	**O desenvolvimento diacrônico das construções parentéticas epistêmicas**	133

3.4.1 Os elos de herança e a rede das construções parentéticas epistêmicas no século XVIII..... 134
3.4.2 A rede das construções parentéticas epistêmicas do século XIX..... 137
3.4.3 A rede das construções parentéticas epistêmicas do século XX..... 139
3.4.4 A rede das construções parentéticas epistêmicas do século XXI..... 141
3.5 A produtividade, esquematicidade e composicionalidade das construções parentéticas epistêmicas..... 143

CONCLUSÕES..... 147
REFERÊNCIAS..... 151

INTRODUÇÃO

Esta tese encontra sustentação nas teorias cognitivistas, especialmente a *Gramática de Construções* (GOLDBERG, 1995; 2003; CROFT, 2001; LAKOFF, 1987), em uma vertente que vem sendo denominada *Modelos baseados no Uso* (BARLOW; KEMMER, 2000) ou ainda *Linguística Cognitivo-Funcional* (NUYTS, 2007). Ancorando-se na concepção de língua como um inventário de construções organizadas em rede e consolidadas por meio de pareamentos simbólicos de forma e significado (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001), considera-se também a abordagem construcional de mudança linguística proposta por Traugott e Trousdale (2013), segundo os quais, mudanças que ocorrem no plano da forma e no plano do significado podem desencadear processos de construcionalização que geram novos padrões construcionais em uso na língua.

Como objeto de investigação desta tese, focalizam-se construções parentéticas epistêmicas (CPE, daqui em diante) do português brasileiro (PB, daqui em diante) que, originadas de construções matrizes de orações completivas, assumem estatuto semelhante ao de advérbios modalizadores (CASSEB-GALVÃO, 1999; GONÇALVES, 2003; FORTILLI, 2013) evidenciando um processo de construcionalização, por se ligarem à rede adverbial modal. Tais contextos de surgimento de CPE têm mostrado a forte tendência de se submeterem a esse processo de construcionalização construções matrizes epistêmicas como *é fato que*, *é lógico que, acho que*, *parece que* etc, que se desvinculam do complexo oracional que formam e passam a exercer a função de parêntese modal epistêmico incidente sobre um conteúdo oracional ou apenas parte dele.

Segundo Castilho e Castilho (1993), a estratégia de modalização tem por função expressar um julgamento do falante sobre uma proposição, e, em sua implementação, concorrem diferentes recursos linguísticos (prosódia, verbos plenos e auxiliares, tempos e modos verbais, adjetivos, advérbios etc.), dentre os quais encontram-se também as CPE focalizadas nesta tese, responsáveis por marcar atitudes e crenças do enunciador diante de um conteúdo proposicional comunicado.

As ocorrências exemplificadas de (1a) a (1c) mostram em destaque CPE de base nominal, adjetival e verbal, respectivamente, as quais resultam de processo de parentetização, na medida em que deixam de funcionar como construções matrizes de

mesmo tipo, como mostram as respectivas ocorrências de (2a) a (2c), e passam a assumir uma nova forma e uma nova função no contexto em que ocorrem.

(1) Construções parentéticas epistêmicas

a. O Leonino vira um gatinho, o Touro vira um bezerrinho e o Escorpião perde o veneno. E perto das maluquices e psicodelias que fazemos não tem pra ninguém! Quanto às drogas, **é verdade**, não devemos usá-las, pois já somos loucos o suficiente, quando usamos, ultrapassamos anos-luz o limite da insanidade. (100freskura.wordpress.com)

b. O conforto e a beleza da suíte são importantes, **é claro** – mas eram apenas o básico. O melhor estava nas outras atrações que o navio oferecia, como, por exemplo, uma piscina coberta – aliás, a primeira piscina em um navio. (50anosdetextos.com.br)

c. A revista é muito bem feita, super bem diagramada e seu fim deve-se, **imagino**, ao pequeno número de leitores. (brasil247.com)

(2) Construções matrizes epistêmicas

a. Seu íntimo amigo e coniventes **é verdade que** ellas naõ foraõ ainda aprovadas, mas espera-se que agora o sejaõ, e naõ tenhaõ a mesma sorte que outra ora tiveraõ as mal dirigidas deligencias do incansavel Antonio d'Arruda e Amaral, que achou no Capitam Ioze Correia, hoje seu mais cordial amigo a mesma opposiçaõ. (Livro de Notas – Lançamento de Sesmaria – PHPP)

b. Se o tempo voltasse você relevaria isso e pediria perdão por aquilo. Você entenderia que em boca fechada não entra mosquito. E tentaria entender o motivo do choro, da raiva, do medo, da angústia. Afinal, você estava ali pra isso também. Se o tempo voltasse, ah, **é claro que** você não reclamaria daquilo. Você até gostava, ora, pra que fazer cena? Pra que fazer charme, mistério? Diz logo. Volta aqui. Vem cá. Não vem mais… (Se o tempo voltasse – Crônica – Revista Medium)

c. HOje... hoje eu num... num sei se eu taria preparado pa entrá(r)... se eu ia conseguí(r) a/ o ritmo... deles como na escola particular que entra qualqué(r) um... aqui não aqui tão todos pa estudá(r) MESmo pra conseguí(r)... terminá(r) os quatro a::nos... se formá::(r)... faz o que qué(r) realmente… então isso valoriza muito... né? além dos professores são... **imagino que** são ótimos são professores bem estudados tal... então os alunos tam(b)ém são bem esforçados num estão aqui pa brincá(r)...
(BDI – AC – 147 – RP: L. 264)

Em (1a) e (1b), as CPE *é verdade* e *é claro*, embora não apresentem vínculo sintático, associam-se como pequenos comentários para reforçar o grau de certeza dos conteúdos "quanto as drogas, não devemos usá-las" e "o conforto e a beleza da suíte são importantes, mas eram apenas o básico". Já em (1c), a CPE *imagino* apresenta-se como um comentário do próprio locutor acerca do que afirma, porém com função de mitigar,

por meio de suposições, o grau de certeza do seu enunciado. As três manifestações de CPE em (1) revelam-se como pequenas ressalvas, uma vez que a ênfase maior é atribuída ao conteúdo afirmado e não a marca de dúvida e certeza.

As ocorrências em (2a) e (2b), além de apresentarem vínculo sintático com a oração subordinada, quando comparadas a (1a) e (1b), revelam outro distanciamento no que diz respeito aos efeitos pragmáticos envolvidos, visto que nas CPE, além de subjetividade, nota-se a intersubjetividade, que traz a preocupação do locutor com a reação do ouvinte perante a sua afirmação. O mesmo ocorre em (2c), uma vez que o locutor, antes de afirmar, relativiza o conteúdo sem deixar espaço para questionamentos, diferentemente do que ocorre em (1c), em que o locutor apresenta o seu enunciado e, como ressalva a ele, utiliza a CPE *imagino*, que o protege de qualquer reação negativa do interlocutor/destinatário.

Com base em autores como Goldberg (2003) e Traugott e Trousdale (2013), é possível defender a ideia de que as construções do tipo das mostradas em (1) e (2) encontram-se interligadas em uma rede taxonômica de construções epistêmicas, por meio de elos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

A metáfora de rede, postulada em Goldberg (2003), possibilita que sejam capturadas conexões entre padrões construcionais de diferentes tipos, de modo que sejam recuperados *links* entre eles em diferentes pontos da rede, revelando o domínio conceptual a que se ligam.

Observar a existência desses elos na rede de CPE de tipos diversos é uma forma de tornar clara a concepção de que a língua se compõe de redes conceptuais que abrigam inúmeras construções surgidas por meio do seu uso efetivo.

Revisitando trabalhos anteriores que trataram, no português, de construções matrizes que se gramaticalizam em parentéticos modais, entre eles, Casseb-Galvão (1999; 2000), Gonçalves (2003), Fortilli (2013), Gonçalves (2015; 2016; 2019), Carvalho (2017), Carvalho e Braga (2020), Barbosa-Santos e Fortilli (2019) e Barbosa-Santos (2019, 2020), nota-se a possibilidade de ampliar os estudos acerca das CPE, por meio dos pressupostos construcionistas, pois, embora tais análises não contemplem processos de construcionalização, pode-se, a partir delas, capturar a origem e funcionamento dessas construções de um modo mais aprofundado, considerando que não é apenas o predicado de base que responde pela mudança gramatical, mas toda a construção de que ele faz parte.

Destaca-se que, embora canonicamente se configurem como uma construção oracional, as CPE de base verbal, adjetival e nominal, em contextos inovadores, se distanciam dessa configuração oracional, tanto em termos semânticos quanto sintáticos, porque deixam de cumprir a função de construções matrizes em favor da função primária de CPE e da função secundária de focalização de informações comunicadas no enunciado modalizado.

Como se pretende demonstrar, com base nessa hipótese, esse funcionamento das CPE revela pistas de que elas se encontram ligadas em redes, sob o domínio de um esquema construcional mais abstrato do tipo [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ ↔ *modalização epistêmica*, com forma e função pareados. Na proposição desse esquema genérico abstraído de diferentes tipos de microconstruções com função de CPE, considera-se, como de preenchimento obrigatório, o *slot*[1] destinado ao *predicado* ([PRED]), representado entre colchetes por constituir a base categorial (*nome*, *adjetivo* e *verbo*) em torno da qual as CPE se organizam.

Como de preenchimento facultativo, a depender da base categorial da CPE, os *slots* das demais subpartes são representadas entre parênteses no esquema geral: os destinados à cópula (COP), ao pronome de primeira pessoa (EU) e ao complementizador (*que*). Somado a esse polo da forma das CPE, a expressão de modalidade epistêmica é significado primário presente em todas as microconstruções que funcionam como CPE.

Com base nessa proposição, o objetivo principal desta pesquisa reside em conjugar um espectro mais amplo do funcionamento das CPE de diferentes bases a uma interpretação, sob viés pancrônico, das mudanças verificadas na sedimentação de seus usos no PB, considerando-se o quadro teórico mais recente para o tratamento da mudança linguística, como o de *construcionalização* e da mudança construcional proposto por Traugott e Trousdale (2013), principal justificativa para o desenvolvimento desta tese, tendo em vista que se encontra na literatura a descrição da mudança de construções semelhantes, porém sob outros vieses teóricos.

Por meio do processo de *construcionalização*, é possível defender que as CPE se ligam à rede das construções adverbiais modais, e por meio de *mudanças construcionais*, é possível notar como elas se ampliam e se sedimentam no uso da língua.

---

[1] Espaços vazios que podem ser preenchidos por diferentes *types*, dentro de um padrão construcional.

Assim, como objetivo geral, procura-se, nesta pesquisa, descrever o comportamento diacrônico das CPE, e, como objetivos específicos, caracterizar:

a) o processo de construcionalização explicativo da origem dessas construções;
b) os aspectos de forma e significado dessas construções ao longo das diferentes sincronias do PB e considerando um conjunto de parâmetros que caracterizam seus usos inovadores;
c) em perspectiva pancrônica, as mudanças construcionais que explicam a sedimentação dessas construções no PB, por meio da reconfiguração de redes que as implementam em diferentes sincronias;
d) o grau de produtividade, esquematicidade e composicionalidade das CPE.

Para a busca de comprovação da hipótese e para o alcance dos objetivos traçados, esta tese, além desta introdução, está estruturada em três capítulos. No capítulo I, apresentam-se as bases teóricas da investigação, começando pelos *Modelos Baseados no Uso* somados à Gramática de construções e à abordagem construcional da mudança e, posteriormente, articulam-se esses postulados teóricos a processos sintático-semânticos explicativos da origem das CPE.

O capítulo II apresenta os aportes metodológicos que dão origem à composição do córpus de fala e escrita e ao levantamento das CPE. Para elaborar uma amostra representativa do PB, optou-se pelo gênero "cartas", cujas amostras são provenientes de missivistas de diversos estados do Brasil e contam com uma média de 105 mil palavras para a recolha dos dados de cada sincronia analisada. Ainda neste capítulo, descrevem-se os parâmetros de forma e de significado empregados na análise dos dados, a saber: (i) base categorial da CPE; (ii) grau de certeza epistêmica da CPE, (iii) posição e escopo semântico da CPE, (iv) presença e/ou ausência de cópula e/ou complementizador, (v) manifestação do pronome de primeira pessoa e posição em CPE de base verbal, (vi) configuração da rede de CPE.

O capítulo III encontra-se dividido em cinco seções. Apresentam-se, na primeira seção, as CPE no córpus analisado, a frequência *type* e *token* nas amostras e recomposição de pistas do surgimento dessas construções no PB. A segunda seção contempla as análises de parâmetros de forma que configuram as CPE ao longo das sincronias, e a terceira seção,

os parâmetros de significado/função. Na quarta seção, é apresentada a evolução diacrônica da rede de CPE, explorando-se os elos de herança capturados entre os usos analisados. Nesse sentido, para cada sincronia analisada, uma rede foi mapeada com base nas investigações. Por último, a quinta seção traz uma descrição dos graus de produtividade, esquematicidade e composicionalidade dessas construções. Encerram a tese as principais conclusões e generalizações alcançadas, seguidas das referências bibliográficas consultadas.

CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO

A investigação pancrônica das CPE ancora-se em estudos funcionalistas e cognitivistas (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995; 2006; BYBEE, 2016) somados à abordagem construcional da mudança linguística (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), segundo os quais toda a arquitetura da linguagem é composta por redes de construções interconectadas em diferentes níveis. O presente capítulo encontra-se dividido em três seções: na seção 1.1, são apresentados os postulados do quadro teórico dos *Modelos Baseados no Uso*, ou *Linguística Cognitivo-funcional*, como é também conhecido (BARLOW; KEMMER, 2000; NUYTS, 2007), destacando-se os processos cognitivos de domínio geral (1.1.1), que também atuam no domínio da linguagem (1.1.2), a Gramática de Construções, que se baseia no princípio de que todo o conhecimento linguístico pode ser capturado a partir de redes construcionais (1.1.3), os parâmetros esquematicidade, composicionalidade e produtividade, que permitem descrever a natureza das construções linguísticas, e os processos de construcionalização e mudança construcional (1.1.4); a seção 1.2 é dedicada aos postulados teóricos da parentetização e modalização epistêmica, mecanismos presentes na formação das CPE investigadas. Para finalizar o capítulo, a seção 1.3 apresenta os mecanismos pragmáticos de *(inter)subjetivação*, *fluxo de atenção* e *ponto de vista*, que estão envolvidos no funcionamento das CPE do PB.

1.1 Modelos Baseados no Uso ou Linguística Cognitivo-funcional

A escolha de uma abordagem teórica construída com base no uso da língua justifica-se pela importância atribuída por ela à atuação dos processos cognitivos que regulam padrões de uso linguísticos em situações reais de comunicação, bem como à premissa de que discurso e a gramática se constroem na língua mutuamente.

A *Linguística Cognitivo-Funcional*, como denominada por Nuyts (2007), ou *Modelos Baseados no Uso* (MBU, daqui em diante), como cognitivistas como Langacker (1987) prefere rotular, constitui um modelo teórico resultante da junção de postulados teóricos do Funcionalismo Norte-americano e da Linguística Cognitiva. Esses autores, ao aliarem tais postulados teóricos, assumem que fatores cognitivos e situacionais estão na base da explicação de padrões linguísticos ancorados no uso e, por isso, a língua nunca deve ser concebida como um produto acabado, mas como um sistema adaptativo complexo, porque, apesar de exibir estrutura aparente e regularidade de padrões, evidencia, ao mesmo tempo, gradiência e variação em todos seus níveis (BYBEE, 2016).

Para Barlow e Kemmer (2000), os MBU partem da relação entre os eventos experienciados pelo falante e a representação abstrata da gramática. Para tanto, são definidos pelos autores oito premissas teóricas representativas da relação entre uso e estrutura linguística, quais sejam:

a) *A frequência de uso*: por meio da rotinização, novas construções vão sendo consolidadas na língua e, consequentemente, modelam o sistema linguístico;
b) *A compreensão e produção integradas ao sistema linguístico*: a estrutura e os atos de processamento mental encontram-se integrados; o funcionamento do sistema linguístico é estruturado pelo uso, e a performance é parte de competência;
c) *O foco no papel do aprendizado e da experiência na aquisição da linguagem*: no processo de aquisição da linguagem, consideram-se importantes tanto a produção quanto a compreensão linguística, uma vez que, primeiramente, as crianças dominam os usos de certas construções e só depois passam a abstrair do uso padrões linguísticos que regulam a gramática de sua língua;
d) *As representações linguísticas emergentes*: o conhecimento linguístico não é estocado aleatoriamente no sistema cognitivo, pois emerge do uso, ou seja, dentro de um contexto sociocomunicativo;
e) *A importância dos dados de uso*: é no uso efetivo da língua que as teorias linguísticas devem se pautar, buscando dados empíricos em corpora e rejeitando intuições como fonte de pesquisa;
f) *Uso, variação sincrônica e mudança diacrônica*: quanto mais os usuários interagem, maior é a padronização de usos; o uso efetivo é o lócus da mudança. O falante é fonte de pequenas mudanças diacrônicas, e em cada estágio da mudança, operam as mesmas motivações que afetam a percepção e a produção;
g) *A interconexão do sistema linguístico com sistemas cognitivos não-linguísticos*: os processos cognitivos específicos às línguas decorrem de processos mais gerais atuantes em outros domínios da cognição;
h) *O papel crucial do contexto no funcionamento do sistema linguístico*: os significados são gerados no contexto e são eles que podem moldar todo o sistema da língua.

Esses princípios tomados em conjunto voltam-se à compreensão do surgimento e da regularização de padrões linguísticos de uso, considerando-se os fatores internos e externos que atuam no processamento da língua(gem). Nesse sentido, busca-se a compreensão da linguagem de modo mais amplo, abrangendo sua dimensão formal, semântica e contextual. Na próxima seção, serão apresentados alguns pressupostos teóricos que remetem a outros construtos essenciais à caracterização do referencial teórico desta tese (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2016; TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013).

1.1.1 Os processos cognitivos de domínio geral

A concepção de língua como um sistema adaptativo complexo, cuja estrutura emerge no uso (HOPPER, 1987), requer que se busquem em processos cognitivos de domínio geral que subjazem a qualquer atividade humana explicações de como eles atuam nos padrões de representação da língua. Bybee (2016), ao tratar da atuação de processos de domínio geral sobre a língua, descreve como essenciais cinco processos, que permitem, nas palavras da autora, "derivar a língua da não língua" e entendê-la como parte da cognição mais ampla.

O processo cognitivo de *categorização* é descrito como o emparelhamento de unidades que ocorrem quando palavras ou construções são associadas a conhecimentos já existentes. De modo geral, sua atuação se dá de forma inconsciente, sendo inerente a qualquer experiência humana com a categorização de objetos não linguísticos. Por meio da categorização ocorre a estocagem de feixes de exemplares que permitem ao indivíduo mapear conhecimentos a partir de representações já existentes no inventário da língua. Com base em um exemplar já existente, o falante é capaz de categorizar novos usos linguísticos considerando as características compartilhadas entre ambos.

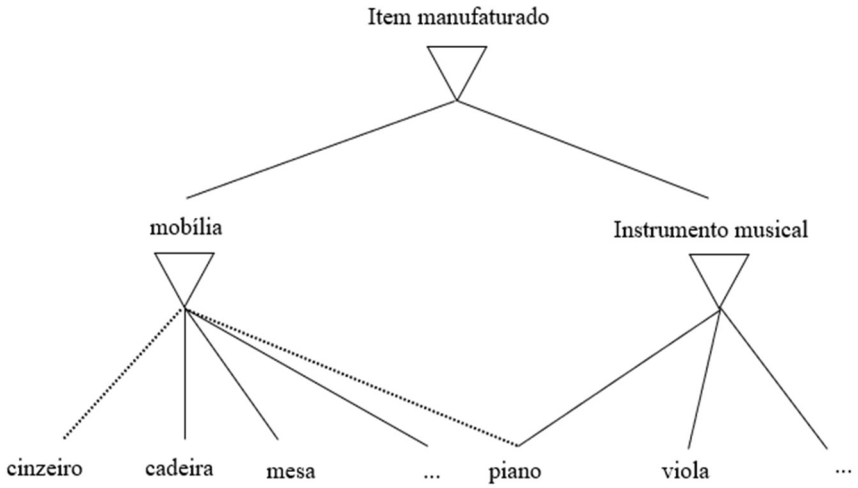
Segundo Bybee (2016):

> Categorias de exemplares, construídas por meio da experiência (em vários domínios), exibem efeitos prototípicos, os quais derivam de pertencimento graduado a uma categoria: alguns exemplares são membros mais centrais da categoria enquanto outros são marginais (BYBEE 2016, p. 131).

Conforme a autora, a organização das categorias varia de acordo com a experiência de cada indivíduo com o mundo, logo, indivíduos de uma mesma cultura podem selecionar exemplares semelhantes, a partir da vivência que tiveram.

Para ilustrar a categorização, segue abaixo o esquema de *item manufaturado*, de Traugott e Trousdale (2013):

Figura 1: Representação de rede conceptual



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 9).

A categoria apresentada acima liga-se a duas subcategorias que encabeçam diferentes exemplares. Dentro da subcategoria à esquerda, *cadeira* e *mesa* têm linhas ininterruptas por serem membros centrais, enquanto *cinzeiro*, embora compartilhe algumas propriedades com esses membros, não é considerado um bom exemplar para mobília, pelo fato de ser pequeno e fácil de ser transportado. Na subcategoria à direita, *piano* e *viola* são exemplares de instrumento musical. Nota-se que *piano*, embora seja um representante prototípico da categoria de instrumento musical, é membro marginal da categoria de mobília, razão pela qual ele é ligado a ela por uma linha tracejada.

Segundo os autores, a base do triângulo representa a categoria superior (item manufaturado) e abaixo encontram-se duas subcategorias (mobília e instrumento musical). O elo entre as duas subcategorias representa a forte associação entre uma categoria mais instanciada e uma mais geral.

A *analogia* é outro processo cognitivo de domínio geral que, aplicado à língua, revela que o pensamento analógico constitui mecanismo basilar à capacidade humana para criação de novos enunciados em contextos distintos a partir de experiências linguísticas prévias.

Segundo Bybee (2016):

> Uma fonte importante de criatividade e produtividade na língua que permite a expressão de novos conceitos e a descrição de novas situações é a habilidade de expandir posições esquemáticas nas construções, para preenchê-las com novos itens lexicais, sintagmas ou outras construções. Evidência significativa desse processo se refere a conjuntos específicos de itens que foram previamente usados e armazenados na memória (BYBEE, 2016, p. 99).

Como exemplo do processo de analogia, encontram-se no PB os verbos abundantes, que admitem particípios regulares e irregulares, como se vê nos usos do verbo *pagar*, em *pago* e *pagado* que, por analogia, levam particípios regulares a irregulares, como se vê nos usos *chego*/*chegado*.

A *memória enriquecida* como processo de domínio geral se constitui a partir das experiências vividas e que são estocadas em formas de representações cognitivas. Sua principal função é o armazenamento de categorias linguísticas e não linguísticas. Na língua é definida como a "estocagem mental de detalhes da experiência humana com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados" (BYBEE, 2016, p. 27). Esse mecanismo relaciona-se ao armazenamento de características decorrentes da experiência do indivíduo com a língua e apresenta relação intrínseca com o processo de categorização, pois é o processo que tem como principal fator o armazenamento de categorias linguísticas e não linguísticas.

O *chunking*, compreendido também como agrupamento, é o processo que, no domínio geral da cognição, se constitui a partir de exemplares construídos com base em experiências consideradas idênticas. Essas experiências exercem impacto nas representações cognitivas e na estrutura neurológica do indivíduo, desenvolvendo chunks, ou seja, sequências "embaladas" juntas na cognição. Esse processo permite que as pessoas se aprimorem em diversas atividades, por exemplo, as coreografias, que são formadas por meio de pequenas combinações de passos que concretizam uma sequência maior e mais integrada.

Na língua, o *chunking* faz com que sequências de unidades sejam combinadas, formando unidades mais complexas, porém de processamento simples. Tal fenômeno ocorre a partir da repetição, que gera aumento da frequência de uso, e possibilita que as construções sejam processadas como unidades simples. Assim, construções menores como o morfema *-mente* do português, quando somadas às palavras como *feliz*

(felizmente) ou *legal* (legalmente), levam esses adjetivos a atuarem como advérbios, evidenciando duas novas sequências de unidades na língua.

Associado a *chunks* formados na língua que são de alta frequência está a redução fonética. Bybee (2016), à título de exemplo, apresenta o caso da a construção *be going to*, do inglês, e sua redução para *gonna*, evidenciando uma fusão devido a sua invariabilidade no sintagma, assim, em uma construção *I'm going to travel*, há a possibilidade de redução para *I'm gonna travel*.

Observam-se formações de *chunks* não só em usos linguísticos, mas dentro de outros contextos sociais, como exemplo a ação de *dirigir* que se automatiza englobando o fato de colocar o cinto, ligar o carro, girar o volante, pisar na embreagem, mudar as marchas, etc.

A *associação transmodal*, outro processo cognitivo de domínio geral, relaciona-se à atuação simultânea dos sentidos sob a percepção dos objetos dentro de um contexto específico, assim, os processos implícitos que atuam na detecção de padrões ocorrem entre os níveis encadeados mais altos de nódulos ativados. Enquanto processo cognitivo geral, a capacidade cognitiva que o indivíduo apresenta para fazer conexões entre experiências coocorrentes pode ser observada a partir de situações em que se associa um slogan a um político, considerando as características que ambos compartilham, ou em outra situação, se pautar em experiências já vividas para pressupor as que ainda não experienciou.

Por estar implícita no uso da linguagem, a associação transmodal permite ao falante identificar o padrão de uso e, posteriormente, associá-lo a um pareamento de forma e significado já existente. Todos esses processos cognitivos permitem, em maior ou menor grau, explicar a formação das construções analisadas nesta pesquisa.

Entre os processos cognitivos mencionados acima, nesta tese, especial atenção será dada à *categorização* e *analogização*, por serem os mais evidentes na formação das CPE: o primeiro, porque permitirá a observação de que as CPE de base verbal, nominal e adjetival, por compartilharem características sintáticas, semânticas e pragmáticas com outras formas de expressão de modalidade, podem ser categorizadas como parte de uma mesma rede taxonômica de modalidade epistêmica; e o segundo, porque explicará a ampliação da frequência de tipos de CPE ao longo das sincronias analisadas. Detalhes sobre cada um desses resultados serão mais bem discutidos no capítulo 3.

A próxima seção dedica-se ao detalhamento da abordagem construcional, a partir da *Gramática de Construções*, que engloba o conceito de *construção*, seguido dos pressupostos teóricos da *construcionalização* e das *mudanças construcionais*, premissas fundamentais dentro desse arcabouço teórico.

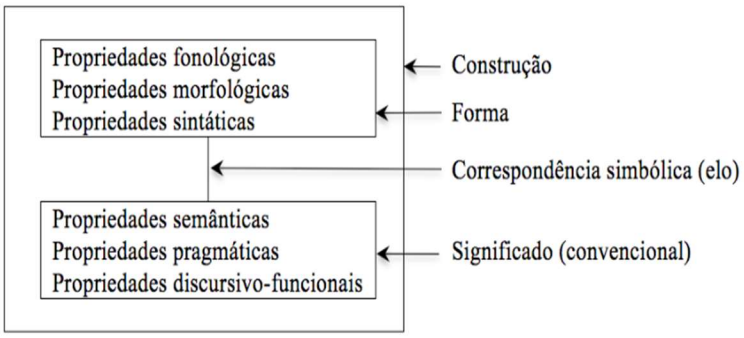
1.1.2 Gramática de Construções

Consolidada no contexto da Linguística Cognitiva, a Gramática de Construções postula que a língua é constituída por pareamentos de forma e significado organizados em rede (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008). Essa premissa sustenta que o conhecimento dos falantes constitui uma rede de construções interconectadas, cuja unidade básica da gramática, segundo Lakoff (1987) e Goldberg (1995, 2006), é a própria construção.

Nos moldes da abordagem construcional, a língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós ligados por elos, e as associações entre nós expressam elos de herança (LANGACKER, 1987), o que permite identificar construções de origens distintas ligadas em uma mesma rede.

Noção cara à abordagem construcional, o termo *construção* já estava presente em trabalhos como os de Fillmore (1988), Langacker (1987), Bybee, Perkins e Pagliuca (1994) e Hopper e Traugott (2003 [1993]), passando a ser explorado com mais êxito em Goldberg (1995, 2003, 2006) em Croft (2001) e em Croft e Cruse (2004), que consideraram construção como o pareamento de forma e significado, com o pólo da forma constituído por aspectos sintáticos, morfológicos e fonológicos, e o polo do significado, por aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais, como se observa no esquema abaixo, extraído de Croft (2001).

Figura 2: Modelo de representação simbólica da construção



Fonte: Croft (2001, p. 18).

A partir da noção de construção esquematizada na figura acima, entende-se que a língua se desenvolve por meio da relação entre as propriedades da forma e as propriedades do sentido, articuladas por meio de um elo de correspondência simbólica, que liga propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas a propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções podem assumir diferentes características, tais como tamanho, especificidade e conceptualização. O quadro abaixo apresenta essas três dimensões mencionadas pelos autores, com alguns exemplos para melhor compreensão.

Quadro 1: Dimensões das construções

Tamanho	**Atômica** *roupa*, *-s* (plural)	**Intermediária** *anti-herói*	**Complexa** *pode ser*
Especificidade fonológica	**Substantiva** *cama*, *-inha*	**Intermediária** *lindamente*	**Esquemática** SV, SPrep
Conceptualização	**Conteudística** *mesa*, SN	**Intermediária** *claro* (modal)	**Procedural** *-s* (plural), *tipo assim (marcador discursivo)*

Fonte: Adaptado de Traugott e Trousdale (2013, p. 13) para o português brasileiro.

As três dimensões expostas acima são utilizadas para a classificação das construções de uma determinada língua.

Em relação à primeira dimensão, uma construção pode ser atômica, complexa ou intermediária. Esse é um parâmetro que permite medir a complexidade das construções, classificando-as em atômicas, em caso de construções mais simples, como construções

monomorfêmicas; complexas, como sintagmas e marcadores discursivos; e intermediárias, as construções que estão entre as atômicas e complexas, como as construções compostas ou derivadas por prefixação e sufixação. Entre as construções atômicas do PB, estão o *-s* de plural, o morfema *-vel* formador de adjetivos, como *memorável*, e palavras simples, como *café*, *roupa*, *pé*.

Na língua, há construções definidas como complexas, porque constituem uma expressão composta, como, por exemplo, a expressão *pode ser* e o marcador discursivo *tipo assim*. Entre esses dois tipos de tamanho, há construções intermediárias, que são palavras formadas por prefixação como a palavra *anti-herói* ou as que ganham uma nova função, como o adjetivo *claro* em contextos de modalização.

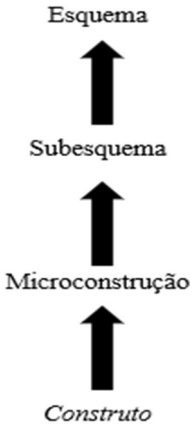
Em relação a segunda dimensão, caracterizada como especificidade fonológica da construção, de acordo com os autores, quanto mais preenchida for uma construção, menos esquemática ela será, ou seja, a construção substantiva é totalmente especificada fonologicamente e encerra um significado pleno, como as palavras *casa*, *cama* e *pé*, por exemplo. Construções como sintagmas verbais e preposicionados são altamente esquemáticas pois permitem alta variabilidade nos slots que as constituem. Como exemplo de construção esquemática, observa-se o padrão SVO do PB, que aceita inúmeras possibilidades de preenchimento dos slots que o compõem.

A terceira dimensão compreende o modo de conceptualização das construções, assim, a partir de uma categorização, permite caracterizá-las como construções conteudistas (lexicais) ou procedurais (gramaticais). As construções conteudistas estão associadas às categorias dos nomes, adjetivos e verbos, elas se estabelecem no léxico e são representacionais, já as construções procedurais apresentam um significado abstrato, e são representadas por preposições, numerais e conjunções. As intermediárias, como as construções modais *claro* e *calculo*, que transitam entre o polo lexical e gramatical, definindo-se como gradientes.

Para Traugott (2008), embora as construções tenham o estatuto de independentes, elas encontram-se ligadas a um sistema hierárquico que apresenta diferentes níveis de esquematicidade, podendo, ainda, se interseccionar. A proposta atualizada de Traugott e Trousdale (2013), em substituição aos termos *macroconstruções, mesoconstruções* e *microconstruções*, de Traugott (2008), reforça que a língua pode ser compreendida como

uma hierarquia compostas dos níveis: e*squemas, subesquemas* e *microconstruções*, conforme a figura a seguir.

Figura 3 - Hierarquia construcional



Fonte: Elaboração da própria autora.

A organização do inventário construcional, mais especificamente das redes de construções é realizada por meio de hierarquias construcionais. Na figura acima, notam-se quatro diferentes níveis que apresentam diferentes graus de generalidade. Os *construtos* são os *tokens* empiricamente comprovados, o lócus da mudança.

As *microconstruções* correspondem às construções individuais já convencionalizadas, e os *subesquemas* constituem conjuntos de traços compartilhados por diferentes microconstruções.

O nível do *esquema* possui natureza altamente genérica e abstrata, pelo fato de englobar todas as características sintático-semânticas apresentadas nos níveis inferiores. Em direção ascendente, cada nível representa um padrão abstraído do nível imediatamente anterior. Essas informações encontram-se sintetizadas no quadro abaixo.

Quadro 2: Os níveis construcionais

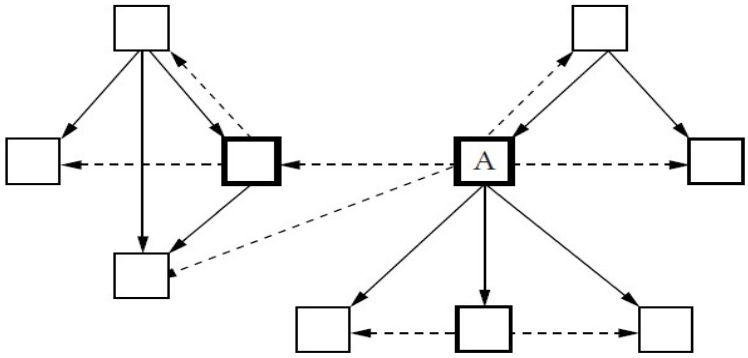
Esquemas	Subesquemas	Microconstruções	Construtos
padrões gerais compostos pelo pareamento de forma e significado, que apresentam *slots* (espaços vazios) que podem ser preenchidos por diferentes itens dos níveis mais baixos da hierarquia.	pareamentos mais específicos relativos a subfamílias dos esquemas mais gerais; eles materializam-se em construções individuais, apresentando similaridades entre si e *slots* a serem preenchidos.	construções individuais (*types* de cada subesquema); além de serem mais preenchidas e fixas, no uso efetivo da língua, materializam-se como construtos.	uso empiricamente comprovado; refere-se às ocorrências de uma dada construção dentro das situações comunicativas.

Fonte: Elaboração com base em Traugott e Trousdale (2013).

A partir do surgimento de um construto, ocorre uma nova convencionalização na língua, gerando uma microconstrução. Ao tornar-se produtiva, ocorre uma ampliação dos usos e o surgimento de novas microconstruções que poderão desencadear novos subesquemas, aumentando assim a generalidade do esquema construcional.

Com base na metáfora de rede mencionada em Langacker (2008), entende-se que "a linguagem é um inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais, e que essa estrutura está intimamente relacionada ao uso que molda e ao mesmo tempo é moldado por ela" (LANGACKER, 2008, p. 222)[2]. Na figura 4, segue uma representação de rede dada pelo autor.

Figura 4: Uma representação da rede construcional



Fonte: Langacker (2008, p. 51).

[2] No original: We can describe a language as a structured inventory of conventional linguistics units. This structure is intimately related to language use, both shaping it and being shaped by it (LANGACKER, 2008, p. 222).

Conforme a figura acima, os nós individuais podem ser estruturas envolvendo qualquer tipo ou grau de complexidade de uma construção, em que as caixas com bordas espessas indicam o grau de sua sedimentação na rede, como se observa em [A]. O modo como os usuários da língua ativa as construções é representado por setas que mudam de acordo com as associações semânticas que realizam. A continuidade das setas exibe associações entre construções já convencionalizadas na língua, e a descontinuidade mostra como as construções são ativadas por relação de extensão metafórica.

Consoante Goldberg (1995), "as construções encontram-se ligadas por relações de herança que permitem capturar generalizações entre elas"[3] (GOLDBERG, 1995, p. 67). Para descrever como se dão as relações entre as construções, a autora apresenta quatro princípios psicológicos que regem a organização linguística de redes de construções; são eles:

I. *O princípio de motivação maximizada*: se a construção A estiver sintaticamente relacionada a construção B, o sistema da primeira é motivado, na medida em que se relaciona semanticamente com a construção B;
II. *O princípio da não sinonímia*: se duas construções são sintaticamente diferentes, elas também serão distintas semanticamente ou pragmaticamente.
    Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e S(emanticamente) sinônimas, então elas não devem ser P(ragmaticamente) sinônimas.
    Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e P(ragmaticamente) sinônimas, então elas não devem ser S(emanticamente) sinônimas.
III. *O princípio do poder expressivo maximizado*: o inventário de construções é maximizado para atender a propósitos comunicativos.
IV. *O princípio da economia maximizada*: O número de construções distintas é maximizado tanto quanto possível, conforme o princípio III.[4]

(GOLDBERG, 1995, p. 67-68, tradução própria)

Esses princípios corroboram o entendimento dos processos de formação das redes construcionais em diferentes línguas, bem como a descrição dos *links* entre forma e

[3] No original: It is argued that constructions form a network and are linked by inheritance relations which motivate many of the properties of particular constructions. The inheritance network lets us capture generalizations across constructions while at the same time allowing for sub regularities and exceptions" (GOLDBERG, 1995, p. 67).

[4] No original: I. The Principle of Maximized Motivation: If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is motivated to the degree that it is related to construction B semantically. II. The Principle of No Synonymy: If two constructions are syntactically distinct, they must be semantically or pragmatically. Corollary A: If two constructions are syntactically distinct and S(emantically)-synonymous, then they must not be P(ragmatically)-synonymous. Corollary B: If two constructions are syntactically distinct and P-synonymous, then they must not be S-synonymous. III. The Principle of Maximized Expressive Power: The inventory of constructions is maximized for communicative purposes. IV. The Principle of Maximized Economy: The number of distinct constructions is maximized as much as possible, given Principle III (GOLDBERG, 1995, p. 67-68).

significado que se estabelecem sincrônica e diacronicamente. Para mapear as relações entre construções, Goldberg (1995) dá ênfase a quatro *links* (elos) de herança, são eles: elos polissêmicos, elos de subparte, elos entre instâncias e elos metafóricos.

Os elos polissêmicos, segundo Goldberg (1995), capturam a natureza da relação semântica entre um sentido particular de uma construção e qualquer extensão de sentido, bem como permite que extensões herdem especificações sintáticas do sentido central. Para exemplificar, a autora toma como base a comparação entre duas construções do inglês: a bitransitiva e a de movimento causado, por ambas compartilharem nuances sintático-semânticas. Abaixo, seguem os padrões da construção bitransitiva apresentados em Goldberg (1995).

(1) Construções bitransitivas (GOLDBERG, 1995, p. 75)

a. X CAUSA Y RECEBER Z (sentido central)
Ex.: Joe deu a bola a Sally.[5]

b. Condições de satisfação implicam: X CAUSA Y RECEBER Z
Ex.: Joe prometeu um carro a Bob.[6]

c. 'X PERMITE Y RECEBER Z'
Ex.: Joe deu uma maçã a Chris.[7]

d. X CAUSA Y não RECEBER Z
Ex.: Joe negou um biscoito a Bob.[8]

e. X PRETENDE CAUSAR Y RECEBER Z
Ex.: Joe fez um bolo para Bob.[9]

f. X AGE para CAUSAR Y RECEBER Z em algum ponto futuro no tempo
Ex.: Joe deixou uma fortuna para Bob.[10]

Para a autora, a escala de usos acima apresenta elos polissêmicos mapeados a partir do primeiro padrão, cujo significado é considerado central e, assim, para cada construção reconhece-se uma mesma realização sintática (GOLDBERG, 1995).

[5] No original: Joe gave Sally the ball.
[6] No original: Joe promised Bob a car.
[7] No original: Joe permitted Chris an apple.
[8] No original: Joe refused Bob a cookie.
[9] No original: Joe baked Bob a cake.
[10] No original: Joe baqueathed Bob a fortune.

Ao comparar as construções bitransitivas e construções de movimento causado, a autora afirma que ambas compartilham algumas características que evidenciam parentesco entre elas. Vejam-se os exemplos de movimento causado seguir:

(2) Construções bitransitivas (GOLDBERG, 1995, p. 75)

a. X CAUSA Y RECEBER Z (sentido central)
Ex.: Pat empurrou o piano para dentro da sala.[11]

b. Condições de satisfação implicam: X CAUSA Y RECEBER Z
Ex.: Pat ordenou que ele entrasse na sala.[12]

c. X HABILITA Y MOVER Z
Ex.: Pat permitiu Chris entrar na sala.[13]

d. X CAUSA Y não MOVER Z
Ex.: Pat trancou Chris dentro da sala.[14]

e. X AJUDA Y MOVER Z
Ex.: Pat ajudou Chris a entrar na sala.[15]

Quando cotejadas as construções bitransitivas às de movimento causado, as nuances de "habilidade, resistência e ajuda são conceitos dinamicamente relacionados à causação, que constitui componente central nas duas construções"[16] (GOLDBERG, 1995, p. 76). Embora existam relações de herança entre essas construções, há também restrições, como a interpretação *X ajuda Y a mover Z,* que não é encontrada na construção bitransitiva.

Os elos polissêmicos e metafóricos atuam de modo bastante tênue, uma vez que os elos metafóricos surgem quando duas construções se relacionam metaforicamente tendo a semântica da construção dominante mapeada pela semântica da construção dominada.

O modo como ocorre o mapeamento pode ser especificado pela metáfora que instaura um elo entre essas duas construções. Para exemplificar os elos metafóricos,

[11] No original: Pat pushed the piano into the room.
[12] Pat ordered him into the room.
[13] No original: Pat allowed Chris into the room.
[14] No original: Pat locked Chris into the room.
[15] No original: Pat assisted Chris into the room.
[16] No original: Anablement, resistance, and aiding are concepts force-dynamically related to causation, which is a central component of the central senses of the two constructions (GOLDBERG, 1995, p. 76).

Goldberg (1995, p. 81) descreve a construção resultativa como uma extensão metafórica da construção de movimento causado, devido a noção de *meta* que é estendida da segunda para a primeira.

(3) Extensão metafórica entre construções (GOLDBERG, 1995, p. 81)

a. Construção resultativa
Ex.: Pat martelou o metal até ficar plano.[17]

b. Construção de movimento causado
Ex.: Pat jogou o metal fora da mesa.[18]

Além dos elos polissêmicos e metafóricos, Goldberg propõe ainda a relação entre construções por elos entre subpartes e elos entre instâncias, que permitem relações de herança construcional. Os elos de subpartes podem ser observados quando uma construção é subparte de outra construção, e ainda assim atuam na língua de modo independentes. Um exemplo utilizado por Goldberg (1995, p. 78) é da construção intransitiva de movimento, esquematizada em (4), que constitui uma subparte da construção de movimento causado, esquematizada em (5).

(4) CAUSAR-MOVER <causa tema meta>

(5) MOVER <tema meta>

Por outro lado, os elos entre instâncias podem ser identificados quando uma construção particular funciona como um caso especial de outra construção. "Itens particulares que ocorrem dentro de uma construção particular são instâncias dessa construção, uma vez que herdam a sintaxe e a semântica lexicalmente"[19] (GOLDBERG, 1995, p. 79). Para exemplificação, a autora cita um caso especial com o verbo *drive*, que sempre ocorre dentro de uma construção resultativa, em contextos como *Chris drove Pat crazy* (Chris deixou Pat maluco). Dessa forma, a semântica de *drive* é categorizada como uma instância de *causa* da construção resultativa. Considerar elos de herança em uma

[17] No original: Pat hammered the metal flat.
[18] No original: Pat threw the metal off the table.
[19] No original: Particular lexical items which only occur in a particular construction are instances of that construction, since they lexically inherit the syntax and semantics associated with the construction (GOLDBERG, 1995, p. 79).

análise construcional auxilia na descrição das origens no mapeamento das relações estabelecidas entre diferentes construções. Nesta tese, especial atenção é dada aos elos polissêmicos e metafóricos, pelo fato de permitirem a ampliação e consolidação da rede com construções parentéticas modais.

Considerando que esses níveis podem apresentar graus diversos de abstração e generalidade, na próxima seção, serão detalhados os parâmetros relevantes estabelecidos em Traugott e Trousdale (2013) na análise de construções.

1.1.3 Esquematicidade, composicionalidade e produtividade

Para caracterizar uma construção, Traugott e Trousdale (2013) propõem ser tomados como parâmetros *esquematicidade*, *composicionalidade* e *produtividade*. A *esquematicidade* diz respeito às generalizações que evidenciam a abstratização de construções linguísticas na mente do falante. Para explicar a *esquematicidade*, Traugott e Trousdale (2013) consideram o aumento de polissemia e os graus de abstratização de uma construção, pois quanto mais ela se torna polissêmica, maiores possibilidades de uso e graus de abstratização são evidenciados.

Ao tratar desse parâmetro, Bybee (2016) sugere que as construções são esquemáticas, porque podem conter partes fixas e partes variáveis, representadas por *slots* que podem ser preenchidos por itens semanticamente relacionados definindo, assim, construções com significado mais geral ou mais restrito, a depender dos critérios sintático-semânticos de seleção dos elementos linguísticos de cada *slot*. Assim, encontram-se, no inventário linguístico, construções totalmente abertas ou não especificadas, como, por exemplo, uma construção transitiva SVO, e construções parcialmente especificadas, com elementos fixos e outros slots em aberto, como, por exemplo, o padrão conectivo *X-que* abstraído de locuções conjuntivas como *dado que*, *visto que*, *posto que* etc.

Um extremo de construções totalmente fechadas seria representado por construções idiomáticas, cujos constituintes são fixos na construção, admitindo pouco ou nenhuma variação, como, por exemplo, no idiomatismo *fazer vista grossa* (= ignorar).

O parâmetro *composicionalidade*, segundo Traugott e Trousdale (2013), está intimamente ligado ao grau de transparência entre forma e significado. A

composicionalidade, para os autores, refere-se à extensão do significado de uma dada construção, ou seja, se ele resulta da soma do significado das partes da construção, é composicional; se o significado se forma a partir do todo da construção, ele é autônomo em relação às partes que a compõem e, portanto, é não composicional.

Somado ao parâmetro semântico, a composicionalidade sintática é menos composicional, se a integridade morfossintática de suas subpartes perde propriedades gramaticais da categoria fonte, e mais composicional, se essas propriedades se mantêm. Nesse sentido, a redução da composicionalidade, tanto semântica quanto morfossintática, constitui importante fator na análise da mudança linguística das CPE.

A *produtividade* de uma construção refere-se ao grau com que esquemas mais abstratos sancionam outras construções menos esquemáticas e o quanto tais esquemas são restringidos, passando a ser especificados a partir do grau de restrição de seus *slots*. Nesse sentido, o mapeamento do grau de produtividade de uma construção mais esquemática implica investigar sua capacidade de atrair construções menos esquemáticas na língua.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), a produtividade envolve a frequência *type* e *token* de uma construção em um contexto de interação. A frequência de tipo (*type frequency*) é ligada ao nível mais esquemático da construção, podendo ser verificada no subesquema ou na microconstrução. A frequência de ocorrência (*token frequency*) é recuperada e associada tanto à frequência de uma dada construção quanto à frequência de um construto. A análise da frequência *type* e *token* será visualizada com base no nível analisado, ou seja, do nível da rede em que se opera.

Pelo fato de a *produtividade* constituir uma propriedade gradiente e relativa aos parâmetros de frequência*,* quanto maior a frequência de diferentes tipos nos *slots* de uma construção, maior será sua produtividade, e quanto mais restritos os tipos nos *slots*, menor sua produtividade, podendo a construção vir a constituir uma expressão idiomática a depender do seu grau de abstração.

A análise da esquematicidade, composicionalidade e produtividade das CPE amplia a compreensão da natureza dessas construções, no que diz respeito ao seu desenvolvimento enquanto construções adverbiais modais. Ao analisar a composicionalidade das CPE será possível constatar o quanto a forma e o significado se modificaram ao longo do tempo. Para analisar se a perda de composicionalidade

aumentou a esquematicidade dessas construções, serão observadas as possibilidades de preenchimento dos *slots* que ela possui.

A produtividade das CPE está relacionada à rotinização e à repetição, assim, quanto mais esquemático for o padrão construcional, maior grau de produtividade ele apresentará.

Relacionados a esses pressupostos importantes para compreensão da organização de redes de construções, destacam-se ainda na abordagem construcional dois tipos de mudanças que exercem papel fundamental na configuração e reconfiguração de redes: a *construcionalização* e a *mudança construcional*.

Considerando que, nesta pesquisa, ambos os tipos são detectáveis, a próxima seção descreve como ocorrem esses dois processos e a gradiência das relações hierárquicas entre construções.

1.1.4 Construcionalização e Mudança Construcional

Adotando-se a abordagem construcional como explicativa da constituição do inventário de construções de uma língua, a mudança linguística, de acordo com Traugott e Trousdale (2013), pode ocorrer por meio de dois processos: *construcionalização* e *mudança construcional*. O processo de *construcionalização* se caracteriza pelo surgimento de uma nova construção, isto é, de um novo nó na rede.

Segundo Traugott e Trousdale (2013):

> Construcionalização é a criação de signos a partir da combinação entre uma nova forma e um novo significado. Surge, desse modo, um novo nó com uma nova sintaxe ou morfologia e um novo significado codificado na rede linguística dos falantes. Esse processo é acompanhado por mudanças nos níveis de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos, atestando, assim, a gradualidade do processo (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22, tradução própria)[20].

[20]No original: Constructionalization is the creation of $form_{new}$-$meaning_{new}$ (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização ocorre associada ao processo de neoanálise das propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas, mudanças que afetam a esquematicidade, produtividade e composicionalidade das construções.

Para o tratamento da construcionalização, Traugott e Trousdale (2013) focalizam os dois principais tipos de construcionalizações que ocorrem: *lexical* e *gramatical*.

Construções que apresentam mudanças na forma e no significado e passam a funcionar como elementos lexicais, como substantivos e verbos, caracterizam processos de construcionalização lexical. Por outro lado, mudanças na forma e no significado que levam construções a funcionar como elementos gramaticais, como pronomes ou operadores textuais, caracterizam processos de construcionalização gramatical.

Tomando a palavra de origem inglesa *cupboard* como exemplo básico para a compreensão da construcionalização lexical, Traugott e Trousdale (2013) observam que ela se origina de duas palavras lexicais independentes e combinadas para indicar um pedaço de madeira (*board*) no qual são colocados copos (*cup*). Com o passar do tempo, a expressão passa por mudança semântica e adquire o significado de "área de armazenamento fechada dentro de uma casa", sendo reconhecida morfologicamente como um único elemento linguístico (uma unidade simbólica plena de significado).

Quando ocorre *construcionalização gramatical*, a construção sofre alteração de forma e significado e se torna mais procedural e não conteudística. Um exemplo desse tipo de construcionalização, de acordo com os autores, é o caso da construção de quantificação [*a lot of* + *N*], do inglês, em que o primeiro elemento [*a lot of*] passou de partitivo para quantificador. No inglês antigo, a construção era composicional e exibia o significado de [*lot* (núcleo) + *of* (prep) + SN (modificador)], como visto abaixo, em "um grupo de almas boas":

(6) A33 wass i tiss middellard *Summ lott off gode sawless.*
Always was in this middle-earth certain group of good soul. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013 p. 24).
[Havia sempre neste mundo um grupo de almas boas]

De um significado lexical, surgem novos usos para [*lot of*], em contextos que permitem ao ouvinte inferir o significado de quantidade.

No exemplo em (7), esse uso passa a ser interpretado como unidades para venda, em *lot of fans* (grande quantidade de ventiladores):

(7) Mrs. Furnish at St. James's has ordered *Lots of Fans, and China, and Indian Pictures* to be set by for her, 'till she can borrow Mony to pay for' (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 24).
[A senhora Furnish em St. James recomendou que *muitos ventiladores, porcelanas e pinturas indianas* fossem reservados para ela, até que ela pudesse pedir dinheiro emprestado para pagá-los]

No início do século XIX, a construção passa a assumir um uso mais generalizado, como em (8), e, assim, [*a lot of*] pode ser reinterpretada como *much* ou *many* a depender do contexto em que ocorre.

(8) He is only young, with *a lot of* power. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 24)
[Ele é o único jovem, com muito poder]

Segundo os autores, é diante desses contextos que se observa a construcionalização, cuja alteração ocorre na forma [modificador] e no significado [partitivo – quantificador]. Para representar o processo resultante da construcionalização gramatical, Traugott (2008) adota o seguinte esquema: $[N_i\ [de\ N_j]] \leftrightarrow [parte_i - todo_j]] > [[N\ de]\ N_j] \leftrightarrow$ [grande quantidade – entidade]. A construcionalização gramatical está intimamente ligada ao aumento de esquematicidade e à perda de composicionalidade, fenômenos que ocorreram com a construção [*a lot of*] ao longo da história no inglês.

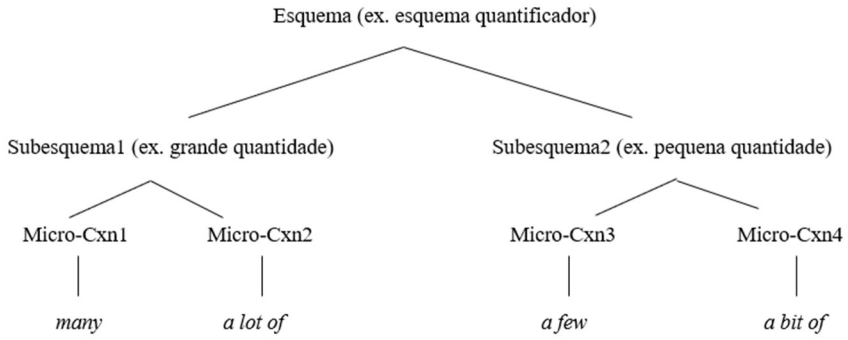
Nesses moldes, a *construcionalização* passa a ser concebida como um processo mais amplo, uma vez que relaciona gramaticalização e lexicalização. Enquanto a *construcionalização gramatical* pode ser considerada a principal fonte para o desenvolvimento de morfemas e construções gramaticais, a *construcionalização lexical* permite o surgimento de novos signos formados por uma nova forma, alocando-se dentro de uma das principais categorias (N, V ou ADJ) com um novo significado, que é relacionado a uma semântica mais concreta (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 14).

Diferentemente da construcionalização, a *mudança construcional* é uma mudança que afeta a dimensão interna de uma construção, sem envolver a criação de um novo nó

na rede de que ela faz parte (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013)[21]. Nessa alteração, podem ser modificados aspectos de forma ou significado/função.

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 26), para além do processo de construcionalização ocorrido no uso de [*a lot of*], há mudanças construcionais que a levam ao mesmo funcionamento dos quantificadores binominais, que, por inferência sugerida de quantidade, se alocam em um mesmo grupo semântico. Nessa trajetória, por meio de semantização, [*a lot of*] passa a ser decodificado como quantificador, distanciando-se da ideia de "parte/unidade", como na ocorrência (2) acima. Por meio desses processos de mudança, ocorre uma reorganização no inventário linguístico do esquema de quantificação, que pode ser observada na figura a seguir, extraída dos autores.

Figura 5: Gradiência das relações hierárquicas entre as construções



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17), tradução própria.

A figura 5 mostra que a distribuição dos quantificadores no inventário de construções é esquematizada a partir de três níveis: (i) esquema genérico de quantificação, (ii) subesquemas de quantificação de grande e pequena quantidade; e (iii) microconstruções que, ligadas aos dois subesquemas, são abstraídas dos níveis mais baixos da rede, *os construtos*, onde se alocam os usos efetivamente comprovados desses quantificadores.

A *mudança construcional* afeta os subcomponentes de uma construção, ou seja, seus fatores sintáticos, morfológicos, fonológicos, semânticos e pragmáticos (TRAUGOTT, 2012). A partir desse processo não há necessariamente uma mudança em

[21] No original: A constructional change is a change affecting one internal dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 26).

todos os subcomponentes da construção, logo, em alguns casos, podem ser observadas mudanças apenas de forma ou de função.

Outro exemplo de mudança construcional é dado na descrição do auxiliar de futuridade do inglês, que é apresentado em Traugott (2012) como um bom exemplo do fenômeno que se evidencia. Segundo a autora, em relação ao subcomponente semântico, o verbo *will*, que anteriormente significava desejo, passa a ser codificado como futuro. Por outro lado, no subcomponente sintático, essa construção passou de verbo pleno (lexical) para verbo auxiliar (gramatical), funcionando com diferentes predicados. Em relação ao subcomponente morfofonológico, *will* sofre uma redução, aglutinando-se a pronomes pessoais para expressão de futuro de verbos plenos, tornando-se '*ll*, em contextos como *I'll buy a new house*.

Como se observa até aqui, contrário ao que se observava por meio da gramaticalização clássica, que focalizava mudanças de itens linguísticos isoladamente, em perspectiva construcional o foco recai em toda a construção que instancia esse item gramaticalizado, de modo que proporciona um mapeamento da origem dessas construções e das relações de herança que elas apresentam. Nessa perspectiva, entende-se que o sistema linguístico é um inventário estruturado de unidades simbólicas e complexas, que compõem, por meio de redes de construções, todo o conhecimento do falante. Considerando que a linguagem é organizada em termos de redes taxonômicas, algumas construções podem ser consideradas mais básicas ou mais gerais em termos de abstratização.

Ao observar a mudança semântica, via extensão metafórica, Traugott e Trousdale (2013) citam, com base em Himmelmann (2004), a gramaticalização como expansão, visto que, ao ocorrer metaforização e generalização de significados, a construção passa a atuar em um maior número de contextos, devido à expansão semântico-pragmática adquirida durante o processo.

A mudança por gramaticalização, nesse sentido, passa a ser considerada um processo de esquematização, cujas construções encontram-se em constante trajetória de abstratização. Entendida desse modo, a gramaticalização também interessa a esta pesquisa, uma vez que se pretende investigar e descrever o esquema parentético modal que atrai variados tipos de construções epistêmicas de base nominal, verbal e adjetival no

PB. Nesta pesquisa, para compreender a formação das CPE, preza-se pela compreensão de dois fenômenos importantes: a parentetização e a modalização epistêmica, os quais permitem a consolidação do padrão construcional [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$. A próxima seção reúne premissas sobre tais fenômenos que embasam as análises empreendidas nesta tese.

1.2 A parentetização e a modalização epistêmica

As CPE investigadas surgem a partir da união de dois fenômenos distintos: a parentetização, que ocasiona alterações de forma e de significado em construções matrizes das quais se originam, e a modalização epistêmica, que, em termos semântico-pragmáticos, refere-se à avaliação do enunciador acerca de um conteúdo proposicional comunicado, pautada por seus conhecimentos, opiniões e crenças.

Primeiramente, define-se a *parentetização*, com base em Dehé e Kavalova (2007), Kaltenbock (2007), Brinton (2008) e Dehé (2014) e, em seguida, trata-se do domínio da modalidade, considerando os trabalhos de autores como Bybee, Perkins e Pagliuca (1994); Bybee e Fleischman (1995) e Neves (1996a; 2011). Posteriormente, para finalizar o capítulo, serão revisitados alguns trabalhos acerca das CPE do português.

1.2.1 Parentetização

Embora muitos estudos acerca da parentetização busquem definir suas condições de funcionamento na língua, ainda não se alcançou um consenso acerca de parâmetros necessários para sua caracterização.

Na literatura acerca de construções parentéticas, é comum serem encontradas definições do tipo: "elementos desintegrados sintaticamente, que se separam de uma oração hospedeira, por meio de vírgula entoacional, e funcionam como comentários" (ROUCHOTA, 1998)[22] ou ainda como construções que são, na verdade, "orações

[22] No original: Syntatically unintegrated elements, which are separated from the host clause by comma intonation and function as comments (ROUCHOTA, 1998, p. 105).

parentéticas reduzidas, pois não são nem a oração principal nem uma oração subordinada, mas inserções anexadas ao final da frase, de maneira semelhante aos advérbios" (SCHNEIDER, 2007)[23].

Apoiando-se em Dehé e Kavalova (2007), assume-se nesta pesquisa que:

> Parentéticos são expressões representadas linearmente em uma dada sentença, mas estruturalmente independentes ao mesmo tempo. Eles interrompem o fluxo prosódico de um enunciado, introduzindo quebras entoacionais e apresentando propriedades prosódicas diferentes daquelas de seus enunciados. Os Parentéticos normalmente funcionam como modificadores, acréscimos ou comentários sobre o enunciado. Muitas vezes eles transmitem a atitude do falante em relação ao conteúdo e o grau de comprometimento do falante (DEHÉ; KAVALOVA, 2007, p. 1; tradução própria)[24].

Os exemplos a seguir ilustram, de modo geral, o funcionamento dos parentéticos dentro do enunciado.

(9) He is only young, with *a lot of* power. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 24)
[Ele é apenas jovem, com muito poder]

(10) The voters *I think* just have an opportunity to stick two fingers up to whoever seems to be on top at the moment. (ICE - GB: s1b-029, #92 - DEHÉ; KAVALOVA, 2007, p. 270)
[Os eleitores *eu acho* têm a oportunidade de apontar dois dedos para quem quer que pareçe estar no topo do momento]

(11) That point has *I believe* been examined by the MMC as the honourable gentleman. (ICE-GB: s1b-052, #78 - DEHÉ; KAVALOVA, 2007, p. 270)
[Aquele ponto tem *eu acredito* sido examinado por meio do MMC como o cavalheiro honorável]

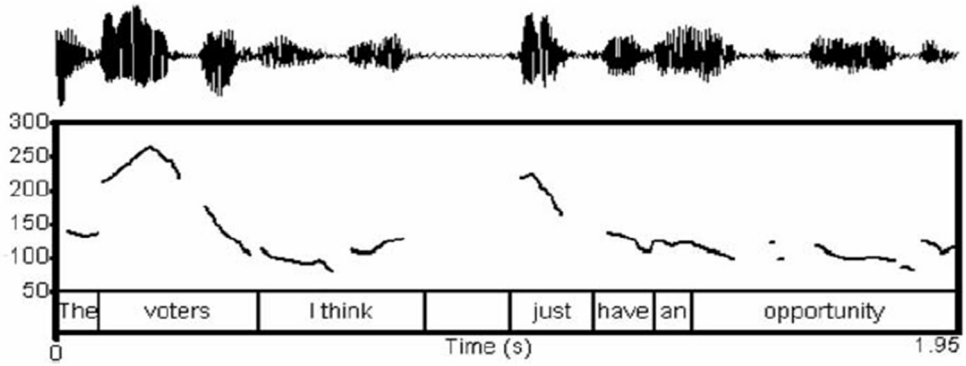
[23] No original: These expressions, wich I call reduced parenthetical clauses (RPCs), are neither the main clause nor a subordinate clause, but are inserted into or adjoined to the end of the sentence in a way similar to sentence adverbs (SCHNEIDER, 2007, p. 2).

[24] No original: Parentheticals are expressions that are linearly represented in a given string of utterance (a host sentence), but seem structurally independent at the same time. They have been argued to interrupt the prosodic flow of an utterance, introducing intonational breaks and featuring prosodic properties different from those of their host. Parentheticals typically function as modifiers, additions to or comments on the current talk. They often convey the attitude of the speaker towards the content of the utterance, and/or the degree of speaker endorsement (DEHÉ E KAVALOVA, 2007, p. 1).

Nota-se, por meio das ocorrências acima, que os parentéticos ocorrem desvinculados sintaticamente da oração, sendo dispensáveis no plano morfossintático.

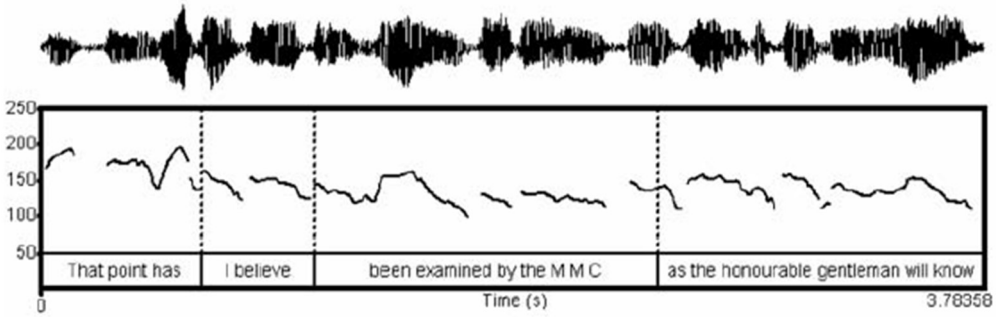
Ao considerar o contorno entoacional, Dehé e Kavalova (2007) demonstram que, embora não ocorra uma pausa brusca na oração hospedeira, prosodicamente, é observado um rebaixamento entoacional seguido de aumento de tessitura incidindo no parentético. As figuras 6 e 7 apresentam a análise prosódica de cada expressão.

Figura 6: Padrão prosódico da expressão parentética *I think*



Fonte: Dehé e Kavalova (2007, p. 271).

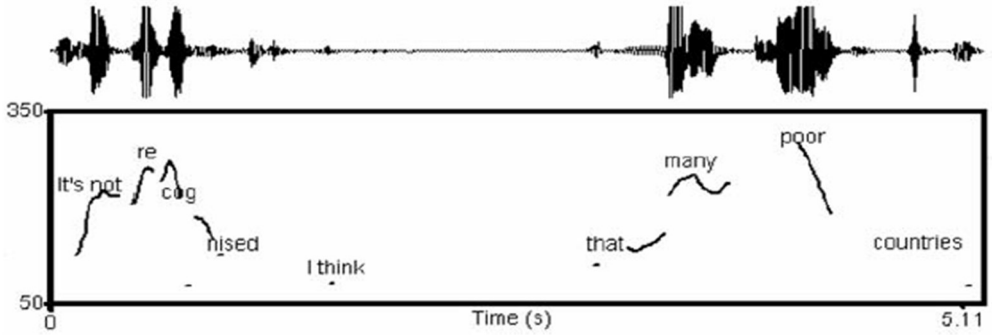
Figura 7: Padrão prosódico da expressão parentética *I believe*



Fonte: Dehé e Kavalova (2007, p. 271).

Ao defini-las, os autores afirmam que, sintaticamente, é possível observar a não dependência entre a construção parentética e o enunciado, uma vez que, de modo geral, há um consenso de que entonação é uma característica definidora dos parênteses, e que eles são prosodicamente separados e independentes da oração hospedeira (DEHÉ, 2014). Parentéticos em posição final mostram queda brusca do contorno entoacional, o que pode estar relacionado à baixa ênfase atribuída pelo locutor, como mostra a figura 8.

Figura 8: Padrão prosódico da expressão parentética *I think* em posição final



Fonte: Dehé e Kavalova (2007, p. 272)

Para a autora, enquanto na escrita existem meios ortográficos como colchetes, hifens, vírgulas e travessões para sinalizar a presença de parênteses, na fala "existem características que indicam claramente o início e o fim de uma expressão parentética, uma vez que ela vem marcada por variações de tessitura, tempo e volume"[25] (DEHÉ, 2014, p. 35).

Por funcionarem tipicamente como modificadores, as construções parentéticas expressam opinião, comentários e julgamentos, revelando um grupo bastante variado em termos de complexidade, categoria e função (DEHÉ; KAVALOVA, 2007).

Buscando definir o fenômeno, os autores destacam algumas das classes mais comuns de construções parentéticas, com vistas a delimitar e explicar o que são e para que servem essas construções na língua. Dentre essas classes, apresentam-se, no quadro abaixo, os padrões encontrados em Dehé e Kavalova (2007) e Dehé (2014), adaptados ao PB.

[25] No original: There are intonational features which clearly signal the beginning and end of a parenthetical insertion in spoken language. Parentheticals are prosodically marked by variations in pitch, tempo and loudness (DEHÉ, 2014, p. 35

Quadro 3: Padrões para definição de construções parentéticas

CLASSES DE PARENTÉTICOS	EXEMPLOS
verbos reportativos	O prêmio é certo, *disse* SN, caso faça os dez pontos.
amálgama sintático	SN vai *acho que para* Chicago, no sábado.
orações-comentário	Não há mais candidatos, *eu acho*, para aquela vaga.
advérbios sentenciais	SN é, *ADV*, ansioso.

Fonte: Adaptado pela autora com base em Dehé (2014).

A classe de parentéticos apresentada em Dehé (2014) é muito ampla e abriga diferentes tipos de construções. Ao observá-la, consideram-se relacionados a esta pesquisa: (i) os *verbos reportativos*, que passam de encaixadores de oração completiva à parentéticos, (ii) as *orações-comentário e* (iii) os *amalgamas sintáticos,* definidos nesta pesquisa como CPE, e (iii) os *advérbios sentenciais*, que permitem restringir ou modalizar o enunciado.

Para essa pesquisa, destaca-se a classe *orações comentário*, devido a sua funcionalidade em construções de base nominal, verbal e adjetival, que, ao se tornarem parentéticas modais, se incluem dentro deste grupo específico. Analisando o fenômeno sintaticamente, de acordo com Dehé e Kavalova (2007), enquanto os constituintes em construções subordinadas transmitem informações de *fundo* aos constituintes subordinantes, os parênteses veiculam informação em um plano paralelo à informação principal, não havendo uma competição entre ambos, pelo fato de serem sintaticamente independentes.

Em uma análise puramente sintática, Kaltenböck (2007) afirma que a forma oracional e a quebra da estrutura sintática da oração constituem duas características necessárias, sendo a flexibilidade posicional uma habilidade apenas de alguns membros do grupo dos parentéticos.

Dentro das definições do que é passível de ser considerado um parentético, o autor apresenta a oração-comentário como tendo função semelhante à de oração principal comentário (*main clause-like comment clause*), como no enunciado *The solution, it seems / I believe, is an easy one* (‘a solução, parece/acredito, é fácil'), e reforça que a quebra da oração e a mobilidade sentencial são critérios básicos para o reconhecimento desse uso em questão.

Em relação aos efeitos semânticos e pragmáticos que esses usos dão ao enunciado, pode-se afirmar, no geral, que os parentéticos apresentam duas funções básicas: *fortalecer* ou *enfraquecer* um conteúdo proposicional. Em muitos casos, os efeitos pragmáticos dos parênteses revelam, como característica comum, defendida em Fraser (1980), tentativas de mitigar um conteúdo afirmado ou, nos termos do autor, de diminuir o grau de rudez com que ele é afirmado.

Kaltenböck (2007, p. 45), ao tratar da posição dos parentéticos no enunciado, considera as posições *medial* e *final* como duas possibilidades, acrescentando que usos em posição *inicial*, embora pareçam funcionar como parentéticos, geram muitas controvérsias, uma vez que:

> Na ausência de provas concretas para essa posição, parece razoável adotar uma abordagem cautelosa e excluir todas as instâncias de orações iniciais com *-que* complementizador da classe dos PCs [parentéticos]. Orações iniciais sem *-que* são mais aceitáveis se estiverem claramente separadas do complemento, seja por pausa ou algum material intermediário como hesitações (uh, uhm) ou outras expressões como (sabe, quer dizer)[26] (KALTENBÖCK, 2007, p. 45), tradução própria.

Nesses contextos de posição inicial, a omissão do *that* (que) pode ser interpretada como o primeiro passo para uma posterior consolidação dessas construções na língua.

Na tentativa de definir a natureza sintático-semântica dos parentéticos, Brinton (2008, p. 18) afirma que *comment clauses* (orações-comentário), tais como *I know* e *I suppose*, são parentéticos prototípicos, constituindo subclasses de construções parentéticas epistêmicas/evidenciais, porque não mantêm qualquer relação sintática com o restante enunciado. Com função de comentário, tais construções permitem a expressão de atitude do locutor, evidenciando suas crenças sobre o mundo e o conteúdo em questão.

Em estudo mais recente, Heine e Kaltenböck (2021) analisam o desenvolvimento de orações-comentário com objetivo de descrever quais processos permitem o desenvolvimento das construções parentéticas *I believe*, *I think* e *I admit.* Para a investigação, os autores partem de alguns estudos (THOMPSON E MULAC, 1991;

[26] No original: In the absence of hard and fast evidence for any of the positions it seems reasonable to adopt a cautious approach and exclude all instances of initial clauses with a *that*-complementizer from the class of PCs. Initial clauses without *that* are best only taken into account if they are clearly separated from the complement/host clause by means of a pause or some intervening material such as hesitation sounds (uh, uhm) or other fillers (you know, I mean). (KALTENBOCK, 2007, p. 45).

BRINTON, 2008; 2017; HEINE, 2018) acerca da mudança que leva as construções matrizes ao funcionamento parentético. Buscando definir a categoria oração-comentário, Heine e Kaltenböck (2021) apresentam usos com *I believe* nos seguintes contextos de ocorrência:

(12) **I believe**, there were no other applicants for that job.
[Eu acredito, não há outros candidatos para aquele emprego]

(13) There were no other applicants, **I believe**, for that job.
[Não há outros candidatos, eu acredito, para aquele emprego]

(14) There were no other applicants for that job, **I believe**.
[Não há outros candidatos para aquele emprego, eu acredito]

(HEINE; KALTENBÖCK, 2021, p. 2)

Os contextos em (12), (13) e (14) atestam que as orações comentário podem ocorrer em posição inicial, medial ou final, sendo a inicial o estágio intermediário da mudança. Para explicar esses usos, os autores apresentam as principais propriedades gramaticais que definem esse tipo de construção:

Quadro 4: Propriedades gramaticais das construções parentéticas

Propriedades	**Características da oração comentário**
Significado	não são parte do significado da sentença
Função	apresentam função metatextual ou metacomunicativa
Sintaxe	não são constituintes da sentença
Prosódia	não compartilham os mesmos traços entoacionais da sentença
Semântico-pragmática	seu escopo vai além da sentença
Posição	apresentam maior flexibilidade dentro da sentença

Fonte: Elaborado com base em Heine e Kaltenböck (2021, p. 7).

As propriedades apresentadas acima são observadas no desenvolvimento das orações comentários como vistas em (12), (13) e (14). Para descrever o surgimento desses usos, os autores reconhecem dois processos de mudança que ocorrem: (i) *gramaticalização*, processo discutido e apresentado em várias análises sobre construções parentéticas

(THOMPSON E MULAC, 1991; BRINTON, 2008; GONÇALVES, 2003), e (i) *cooptação*, considerada por Heine e Kaltenböck (2021) como uma operação amplamente produtiva que leva uma construção a funcionar no domínio metatextual de modo independente da sentença ao qual se associa.

Como operação instantânea, a *cooptação* cria construções parentéticas que permitem ao falante, além de expressar conhecimentos e emoções, chamar a atenção do ouvinte para o que está sendo dito. Para mapear esses processos, os autores focalizam a construção *I admit*, e apresentam dois contextos de uso:

(15) **I admit** that I have done things in my life that I am not proud of (COCA2019_NEWS_New York Post)[1]
[Eu admito que tenho feito coisas em minha vida que não me orgulham]

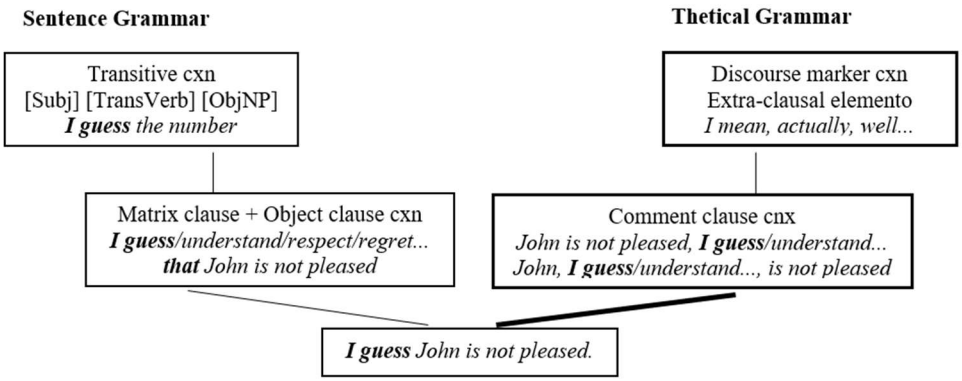
(16) This would, **I admit**, give no small degree of pleasure (COCA2016_FIC_Analog)
[Isso, eu admito, não daria nenhum pouco de prazer]

(HEINE; KALTENBÖCK, 2021, p. 9)

Conforme Heine e Kaltenböck (2021), o uso em (15) passa por cooptação e deixa o complementizador, tornando-se independente sintaticamente, como em (16). Por originar de uma sentença gramatical, a construção migra para um novo contexto, estabelecendo na língua o intercâmbio entre os domínios *sentencial* e *tético*.

Para Heine e Kaltenböck (2021, p. 11), os *links* de herança entre essas construções dividem-se em dois tipos: (i) os de natureza formal, caracterizados pela forma da predicação e posição sintática, e (ii) os de natureza funcional, definidos a partir do comportamento parentético metatextual ou metacomunicativo. O grau de sedimentação da construção nos dois domínios definirá sua frequência de uso no contexto em que atuar. Para comparar construções mais ou menos téticas, os autores contrastam os usos *I admit* e *I understand*, argumentando que, embora ambos passem por cooptação, o segundo uso é menos frequente no domínio tético, por apresentar maior sedimentação no domínio sentencial. Baseando-se na abordagem construcional da mudança, os autores elaboram a seguinte representação:

Figura 9: Rede de *links* taxonômicos da oração *I guess* em posição inicial

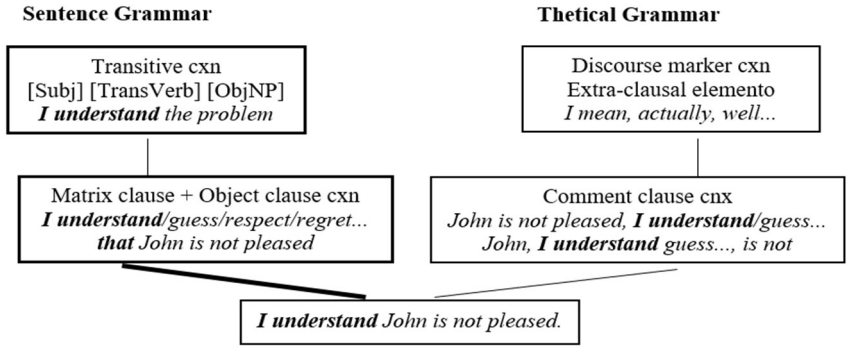


Fonte: Heine e Kaltenböck (2021, p.12).

A construção *I guess*, na figura em 9, é compartilhada por dois domínios sintáticos distintos, o sentencial, que compõe uma oração matriz, e o tético que evidencia perda de propriedades de origem. Segundo Heine e Kaltenböck (2021), o prenúncio da mudança é o apagamento do complementizador *que*. A construção *I guess John is not pleased*, embora se origine de uma oração complexa, apresenta os links fortemente associados ao contexto tético.

Na figura em 10, *I understand* não apresenta um forte vínculo com o contexto inovador, como se vê a seguir.

Figura 10: Rede de links taxonômicos da oração *I understand* em posição inicial



Fonte: Heine e Kaltenböck (2021, p.12).

O percurso descrito pelos autores a respeito do desenvolvimento dessas construções no inglês se distingue dos estudos já realizados, pelo fato de considerar uma trajetória de mudança a partir dos estágios graduais de gramaticalização e cooptação, já mencionados anteriormente.

Em estudo sobre a gramaticalização de construções matrizes que expressam modalidade epistêmica, Gonçalves, Dall'Aglio-Hattnher e Sousa (2019) tratam da subordinação sentencial substantiva na história do PB, analisando o fenômeno da modalização e as mudanças que afetam construções complexas substantivas que expressam significado epistêmico. Como critério, os autores focalizam dois tipos de construções com predicados epistêmicos: as construções matrizes de sentenças objetivas, tal como em (17), e as construções matrizes de sentenças subjetivas, como apresentado em (18).

(17) Trez saõ os fins porque esta obra se devia fazer, primeyro a defença de alguma| barra, segundo, impedir o dezembarque, ou penetrar o paiz os inimigo, treceyro defender| a povoaçaõ de alguma invazaõ Repentina, e de se Recolher a ella algum preciozo para o| Livrar do saque; para nenhum destes fins **acho que** pode servir. [18, 2 CO PE]

(18) **É verdade que** os avizos de 18 | de Junho e n° 323 de 26 de Ju-| lho de 1861 dizem que o Promo-|tor publico não pode deixar de ac-|cuzar assumindo o caracter de de-|fensor, mas... ora bolas! [19, 2 CL SC]

(GONÇALVES; DALL'AGLIO-HATTNHER; SOUSA, 2019, p. 2)

Considerando esses dois tipos de construções, Gonçalves, Dall'Aglio-Hattnher e Sousa (2019, p. 2) identificam os dois esquemas construcionais complexos mostrados em (a) e (b) abaixo.

a. $[(\text{ser})_{\text{3PS.PRES.IND}}\text{Predicado}_{\text{(V)/(N)/(A)}}]_{\text{MATRIZ/EPISTÊMICA}}+[\text{Sentença}]_{\text{(finita)/(infinitiva)/sujeito}}$
b. $[\text{Predicado}_{\text{v.1P(S)(PL).PRES.IND}}]_{\text{MATRIZ/EPISTÊMICA}} + [\text{Sentença}]_{\text{(finita)/objeto}}$

Ao mapear os padrões acima, os autores afirmam que, em (a), a construção matriz pode se realizar por recurso a predicados verbais (V.), nominais (N.) e adjetivais (A.) – com somente estes dois últimos antecedidos pela cópula *ser* que, se realizada, ocorre

sempre na terceira pessoa do singular do presente do indicativo (3PS.PRES.IND.) – e se combinar com sentença finita ou infinitiva na posição de sujeito. Em (b), o que esquema se caracteriza como mais esquemático, segundo os autores, devido a invariabilidade de tipo categorial de predicado da construção matriz epistêmica – sempre uma forma verbal (V.), em primeira pessoa (1P) ou do singular (S) ou do plural (PL.) e no presente do indicativo (PRES.IND.) – combinada com sentença finita na posição de objeto.

Aspecto importante dessas construções matrizes é a forte tendência de sentenças subjetivas com matrizes de base adjetival e nominal (12 tipos) expressarem alto grau de certeza epistêmica e a de sentenças objetivas com matrizes de base verbal (12 tipos) expressarem baixo grau de certeza epistêmica, conforme quadro a seguir, reproduzido dos autores.

Quadro 5: Predicados matrizes, tipos oracionais e graus de certeza epistêmica

Graus de certeza	**Sentenças objetivas**	**Sentenças subjetivas**
Alto (= certeza / necessidade epistêmica)	**5 tipos**	**12 tipos**
	Assegurar, Confiar, *Considerar*, *Constatar*, *Garantir*	*Certo, Claro, Evidente, Impossível, Inacreditável, Incontestável, Indubitável, Lógico, Natural, Óbvio, Verdade, Dúvida (é sem)*
Baixo (= possibilidade epistêmica)	**12 tipos**	**4 tipos**
	Achar, Acreditar, Calcular, Crer, Desconfiar, Duvidar, Entender, Imaginar, Julgar, Pensar, Presumir, Supor	*Possível, Provável, Parecer, Presumir (é de)*

Fonte: Gonçalves; Dall'Aglio-Hattnher e Sousa (2019).

Mais especificamente, de acordo com os autores, encontram-se, dentre as construções que expressam alto grau de certeza, cinco tipos de matrizes verbais de sentenças objetivas para 12 tipos adjetivais ou nominais de sentenças subjetivas. Contraste inverso é observado na expressão de baixo grau de certeza epistêmica, com 12 tipos de matrizes verbais de sentenças objetivas para apenas dois tipos de matrizes de base adjetival e dois de base verbal de sentenças subjetivas.

Consoante Gonçalves, Dall'Aglio-Hattnher e Sousa (2019), construções matrizes, como em (17) e (18), ao se gramaticalizarem, passam a funcionar como construções

parentéticas, transformando o complexo oracional de que se originam de bioracional a mono-oracional. Nesse contexto inovador, por terem se desvinculado de suas subordinadas, construções parentéticas assumem estatuto de advérbios modalizadores, como é mostrado em (19) e (20), ocorrências exemplificativas dadas pelos próprios autores.

(19) Problema complexo, a depen-|der de causas etnicas, sociais e| climortéricas, **é claro**, sua solu-|ção não se dará por medidas| policiais mais ou menos ener-|gicas. [20,1 CL BA]

(20) E tal succedeu, **eu creio**, por cau- |sa das occorrencias a que me refiro. [20,1 CL PE]

(GONÇALVES; DALL'AGLIO-HATTNHER; SOUSA, 2019, p. 4)

Pelo fato de serem originadas dos esquemas construcionais complexos dados em (a) e (b) acima, as construções parentéticas desempenham funções semânticas bastante semelhantes a suas construções matrizes de origem. A conclusão de Gonçalves, Dall'Aglio-Hattnher e Sousa (2019) é a de que as construções parentéticas constituem "um novo pareamento de forma e sentido, alcançado por meio de um fortalecimento pragmático decorrente de um processo crescente de (inter)subjetivização" (p. 5).

Como um aprofundamento dessa constatação dos autores, a proposta desta tese dirige-se para uma maior compreensão da consolidação das construções parentéticas na história do PB, considerando-se, na abordagem construcional da mudança, outros aspectos da construção ainda não contemplados nos estudos resenhados neste capítulo.

A partir dos pressupostos teóricos apresentados nesta pesquisa, caracteriza-se parentetização com base em três aspectos:

(i) Sintático: por adquirirem mobilidade sentencial, as CPE, quando em posição *medial*, rompem a estrutura sintática da oração e se inserem como comentários acerca do que está sendo enunciado. Embora elas sejam utilizadas no meio ou no fim do enunciado, estruturalmente, não é parte da oração com a qual ocorrem.

(ii) Semântico-pragmático: pelo fato de funcionarem como comentários, CPE expressam avaliação e crença do enunciador em relação a um conteúdo proposicional, promovendo, como efeito de sentido, seu (des)comprometimento com a verdade da proposição perante seu interlocutor. Por ocorrerem em posições *medial* e/ou *final*, CPE apresentam variabilidade de escopo, podendo em alguns casos ter incidência apenas sobre uma parte do enunciado e não sobre ele todo.

(iii) Prosódico: embora nesta pesquisa não seja realizada uma análise prosódica das CPE, com base nos estudos acima apresentados, considera-se que elas se destacam do restante do enunciado, por apresentarem, também, características fonológicas distintas.

Considerando tais premissas, para compreensão das mudanças semântico-pragmáticas geradas com a ocorrência da parentetização, é importante compreender o domínio da modalização e sua relação com os usos parentéticos analisados nesta pesquisa, aspectos que serão amplamente discutidos a seguir.

1.2.2 Modalização epistêmica

Bybee e Fleischman (1995), ao explicar as categorias de *modo* e *modalidade*, relatam que a primeira se refere a uma categoria do verbo que denota uma função modal, e atribuem à modalidade aspectos semânticos que são marcados na expressão linguística, por meios diversos, tais como morfológico, lexical, sintático e fonológico.

A *modalidade*, consoante Neves (1996a), pode ser expressa por diferentes meios linguísticos, conforme mostrado no quadro a seguir:

Quadro 6: Meios de expressão das modalidades com base em Neves (1996a)

EXPRESSÃO	EXEMPLOS
Verbos	Auxiliares (modais) Exemplo: "*Esta reunião **deve** ser importante para as próximas decisões"*[27]
	Predicadores (com significação plena) Exemplo: *"**Acho** que ninguém passou por situações assim"*
Advérbios	Os que se associam a um significado modal[28] Exemplo (i): *"Os resultados **provavelmente** serão bons"* Exemplo (ii): *"Os resultados **devem** ser **obrigatoriamente** atingidos"*
Adjetivos	Em posição predicativa Exemplo (i): *"Quem sabe se a reunião vai ser **necessária**?"* Exemplo (ii): *"É **possível** que ele consiga um novo emprego"*
Substantivos	Exemplo (i): *"Tenho a **impressão** de que irá chover"* Exemplo (ii): *"A minha **opinião** é que você pare com paranoia"*
Categorias gramaticais (como modo e tempo)	Geralmente associadas a advérbios modalizadores Exemplo (i): *"A situação **talvez tenha sido** mais difícil do que contaram"*

Fonte: adaptado de Neves (1996a).

Com base em Neves (1996a), embora o domínio da modalidade seja de difícil delimitação, há caminhos que possibilitam a compreensão do fenômeno em sua amplitude. Incluem-se entre as formas de expressão expostas no quadro 4, as CPE, definidas nesta pesquisa como expressões de natureza adverbial, que permitem ao falante avaliar um conteúdo proposicional evidenciando alto ou baixo grau de certeza epistêmica, a depender da construção utilizada.

Uma descrição da expressão epistêmica em verbos pode ser encontrada em Bybee, Perkins e Pagliuca (1994), que apresentam diferentes tipos de modalidades, dentre eles: *orientada para o agente*, *orientada para o falante* e *epistêmica.*

A *modalidade orientada para o agente* é explicada pelos autores como aquela que expressa todos os significados modais que indicam a existência de condições sobre um agente com relação à conclusão da ação expressa pelo predicado principal. Esse tipo modal pode expressar diferentes nuances a partir de usos verbais típicos de contextos

[27] Exemplos elaborados com base em Neves (1996).

[28] Segundo Neves (1996), a modalização pode incidir em um constituinte, e não na proposição, como se observa a partir dos exemplos dados no quadro.

modais, como *obrigatoriedade* (típica de *must*), necessidade (típica de *need*), habilidade (típica de *can*), desejo (típica de *would*) etc. Todos esses sentidos relacionam-se ao desejo do falante orientado para o agente e à completude da ação da oração encaixada.

A *modalidade orientada para o falante* está relacionada à expressão de direcionamentos, comandos e solicitações, sendo materializadas em contextos em que o falante se refere ao ouvinte expressando ordem, permissão, advertência ou proibição.

A *modalidade epistêmica*, segundo os autores, relaciona-se a quanto o falante está comprometido com a verdade da proposição. Para Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 179), ela é expressa em contextos que indicam *possibilidade*, *probabilidade* ou *certeza inferida*.

A expressão de *possibilidade*, segundo os autores, "indica que a proposição possivelmente é verdadeira"[29], e ocorre, dentre várias formas, em construções verbais, por exemplo, com *may* (poder), como em "I may have put them down on the table" /Eu posso tê-los colocado sobre a mesa (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994, p. 180), cuja expressão de verdade é relativizada a partir do uso do verbo modal "poder" (*may*), que indica, nesse contexto, incerteza acerca da ação declarada.

O valor de *probabilidade* denota maiores chances de a proposição ser verdadeira, quando comparada à expressão de possibilidade. Para os autores, dentro desse domínio, encontra-se a noção de *certeza inferida*, que implica fortemente o fato de o falante ter boas razões para supor que a proposição é real. Construções como *should* (deveria) e *must* (deve) são comumente utilizadas para essa expressão probabilidade, visto que o próprio contexto de uso em que essas construções ocorrem tendem a mostrar evidências da verdade.

Abaixo seguem os exemplos utilizados pelos autores, para ilustração de cada nuance modal epistêmica:

(21) I **<u>may</u>** have put them down on the table; they're not in the door.
[Eu posso tê-los colocado sobre a mesa; eles não estão na porta]

[29] No original: "Possibility indicates that the proposition may possibly be true".

(22) The storm **should** clear by tomorrow.
[A tempestade deve passar amanhã]

(23) There **must** be some way to get from New York to San Francisco for less than $600.
[Deve haver alguma maneira de ir de Nova York a São Francisco por menos de US$ 600]

(BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1993, p. 180)

Em (21), Bybee, Perkins e Pagliuca (1993) utilizam o verbo *may* para ilustrar a modalidade epistêmica que expressa *possibilidade*. Para os autores, a partir dessa nuance, a afirmação do falante é dada como possível de ser verdadeira. Na afirmação "*I may have put them down on the table; they're not in the door*", o falante demonstra a possibilidade de ter deixado algo na mesa, pelo fato de os objetos não estarem no lugar de sempre.

A expressão de *probabilidade*, em (22), pode ser recuperada a partir de verbos como *should*, cujo significado associa-se a alto grau de certeza. Ao afirmar *"the storm should clear by tomorrow"*, o verbo modal evidencia nuance de obrigação, uma necessidade lógica da ocorrência do evento, que, por partir de uma hipótese provável, indica maior probabilidade de ocorrência. Em (23), o falante, ao afirmar que deve haver uma maneira de chegar ao destino gastando menos de 600 dólares, considera outras possibilidades de trajeto, o que o dá mais chances de acertar em sua afirmação.

Neves (2013) defende que a *modalidade epistêmica* tem relação com a fonte do conhecimento, geralmente sendo esta fonte o próprio falante. Nos dizeres da autora:

> No extremo da certeza há um enunciador que avalia como verdadeiro o conteúdo de seu enunciado, apresentando-o como uma asseveração (afirmação ou negação), sem espaço para dúvida e sem relativização [...] Por outro lado, muitos enunciados oferecem um discurso com marcas do possível, e, no entanto, contêm elementos lexicais que, em princípio, confirmam certeza ao enunciado. Tais enunciados possuem elementos que implicam desconhecimento, ao lado de outros que implicam conhecimento por parte do falante (NEVES, 2013, p. 172-173)

Sabendo-se que a expressão epistêmica está relacionada ao conhecimento e às crenças do falante, é dado pela autora um exemplo da asseveração ao lado da relativização:

(24) Foi apresentado um projeto de resolução, que é um projeto de afogadilho, é um estudo sério, minucioso, que *evidentemente poderá* e, *acredito* mais, *deverá* receber emendas. [CPO] (NEVES, 2013, p. 173)

Na ocorrência (24), o locutor utiliza um modalizador evidencial (evidentemente), e um modalizador epistêmico de baixo grau de certeza (poderá) que logo em seguida são corrigidos, por meio de um modalizador de opinião (acredito) seguido de um modalizador de necessidade epistêmica (deverá). Segundo Neves (2013), tais enunciados possuem elementos que implicam desconhecimento ao lado de outros que implicam conhecimento por parte do falante.

Além dos casos mencionados acima, há aqueles que se identificam com o objeto de análise desta tese, por estarem em primeira pessoa. Para a autora "o locutor legitima espaço para registrar sua opinião - ao situar seu enunciado no campo graduável do possível -, e, confessando suas dúvidas e incertezas, ganhar em credibilidade" (NEVES, 2013, p. 173). Dessa forma, o jogo da modalização epistêmica, consoante Neves (2013), pode manifestar dois tipos de nuances distintas: *precisão* (no campo da certeza) e *imprecisão* (no campo da incerteza), o que coloca a expressão epistêmica em um *continuum* que vai do que é absolutamente certo aos indefinidos graus do que é possível.

No intuito de definir o pareamento de *forma* e *significado* das construções analisadas nesta pesquisa, parte-se da concepção de modalidade epistêmica como expressão de opinião, crença, baseada no (des)conhecimento do falante acerca de um conteúdo comunicado, o que leva ao reconhecimento das nuances de *precisão* e *imprecisão*, focalizadas em Neves (2013).

Considerando que a hipótese de que as CPE de base verbal, adjetival e nominal se conectam à mesma rede das construções adverbiais, como *talvez* e *certamente*, reconhecem-se que tanto modalização quanto parentetização constituem dois fenômenos fundamentais para sua consolidação enquanto construções adverbiais modalizadoras. Destaca-se, como hipótese central deste trabalho, a existência de inter-relações entre tais construções, uma vez que, via abstratização e parentetização, elas encontram-se ligadas, por meio de relações de heranças, a um esquema parentético modal do português.

Em síntese, constata-se que o grau de certeza do locutor acerca de uma proposição, que gera seu (des)comprometimento com a verdade, já existe nas construções matrizes de

que se originam as CPE, porém são reforçadas com esse novo funcionamento, pela ampliação do caráter (inter)subjetivo da modalidade epistêmica.

1.3 Mecanismos pragmáticos envolvidos no uso das CPE

Para a investigação das CPE de base nominal, verbal e adjetival, serão focalizados os mecanismos (*inter)subjetivização*, *fluxo de atenção* e *ponto de vista*, uma vez que esses são aspectos inovadores das CPE.

Para as análises realizadas nesta tese, tomaram-se como base as definições apresentadas em Traugott e Dasher (2002) e Traugott (2010), que apresentam uma distinção bastante clara acerca dos processos de (inter)subjetividade e (inter)subjetivização, como se mostra no quadro a seguir.

Quadro 7: Os conceitos de *(inter)subjetividade* e *(inter)subjetivação*

Subjetividade	**(Inter)subjetividade**	**Subjetivização**	**(Inter)subjetivização**
A expressão da relação existente entre o falante e suas atitudes e crenças.	Conceito que está relacionado com a preocupação do falante com a autoimagem de seu ouvinte (BENVENISTE, 1958).	Desenvolvimento de novas construções cujos aspectos semântico ou pragmático destacam o ponto de vista do falante sobre o que ele está falando.	Desenvolvimento de construções que evidenciam a preocupação do falante com o ouvinte e sua autoimagem.

Fonte: Elaboração da própria autora com base em Traugott e Dasher (2002) e Traugott (2010).

Conforme o quadro acima, as quatro noções fundamentam-se na expressão de atitude e crença do indivíduo que podem ser mais ou menos expressas, a depender do contexto e dos objetivos comunicativos envolvidos. Segundo Traugott (2010), como processo sincrônico, a *subjetividade* revela marcas de atitudes e pontos de vista. Por outro lado, a *intersubjetividade* mostra a preocupação do indivíduo com sua autoimagem. Ambos os processos são esquematizados pela autora como um *cline*, como o exposto na figura 11.

Figura 11: *Cline* de (inter)subjetividade

não/menos subjetivo > *subjetivo* > *intersubjetivo*
(- abstrato) (+ abstrato)

Fonte: Elaboração com base em Traugott (2010, p. 35).

O *cline* da figura acima revela que as expressões linguísticas podem aumentar o grau de subjetividade ao longo do tempo. Para Traugott (2002), no inventário linguístico, há construções que se caracterizam por não apresentar nenhuma subjetividade e construções que revelam desde a origem subjetividade ou intersubjetividade.

Com o passar do tempo, é possível que construções não subjetivas adquiram subjetividade e posteriormente aumentem ainda mais a marca de atitudes e crenças. O predicado *calcular* é um bom exemplo desse tipo de uso na língua. Barbosa-Santos (2019; 2020), ao analisá-lo etimologicamente, mostra que *calcular* era específico de ações ligadas ao raciocínio matemático. Ao longo de mudanças apreensíveis diacronicamente, o verbo ganha em subjetividade e assume novos funcionamentos sintático-semânticos que o leva a atuar no domínio da modalização epistêmica. Atualmente, *calcular* pode ser usado para codificar significados centrados na relação do falante com ouvinte, como se vê nas ocorrências apresentadas no esquema dado a seguir.

Figura 12: A *(inter)subjetivação* do verbo calcular[30]

Fonte: Elaboração da própria autora com base em Barbosa-Santos (2020).

[30] Ocorrências encontradas no *Corpus do Português* e analisadas de Barbosa-Santos (2019; 2020).

Conforme Barbosa-Santos (2020), os usos da construção acima evidenciam o processo de (inter)subjetivação no verbo *calcular*, uma vez que ao se associar a novos contextos, instaura-se no predicado função subjetiva seguida do novo significado pragmático intersubjetivo.

Traugott (2010, p. 30), ao tratar desses processos, considera (inter)subjetivização como um processo diacrônico de mudança semântica. Enquanto os conceitos *subjetividade* e *intersubjetividade* implicam processos sincrônicos, os conceitos de *subjetivização* e *intersubjetivização* se materializam como processos diacrônicos.

Além dos mecanismos que permitem aumento da expressão de subjetividade das CPE aqui analisadas, ganham destaque nos usos das CPE *fluxo de atenção* e *ponto de vista.*

Por meio dessas duas noções psicológicas, nota-se, segundo De Lancey (1981), que nem todos os aspectos de um evento prototípico têm igual interesse. Para o autor, essas noções contribuem para determinar o interesse de várias entidades envolvidas no evento real testemunhado. Para análise do fluxo de atenção, dois eixos devem ser observados: o fluxo de atenção natural e o fluxo de atenção linguístico.

Quadro 8: O fluxo de atenção natural e linguístico

Tipos de fluxo de atenção	Funcionamento
Fluxo de atenção natural	Inerente aos eventos e pode ser observado por meio da ordenação das frases organizadas temporalmente; assim, quando não há linearidade temporal dos eventos, identifica-se a não correspondência com o fluxo de atenção natural.
Fluxo de atenção linguístico	Organização sintática dos eventos que pode ou não refletir a ordenação temporal dos fatos; dessa forma, o fluxo de atenção linguístico não marcado pode refletir o fluxo de atenção natural.

Fonte: Elaboração da própria autora com base em De Lancey (1981).

Para melhor compreensão, abaixo seguem dois exemplos básicos:

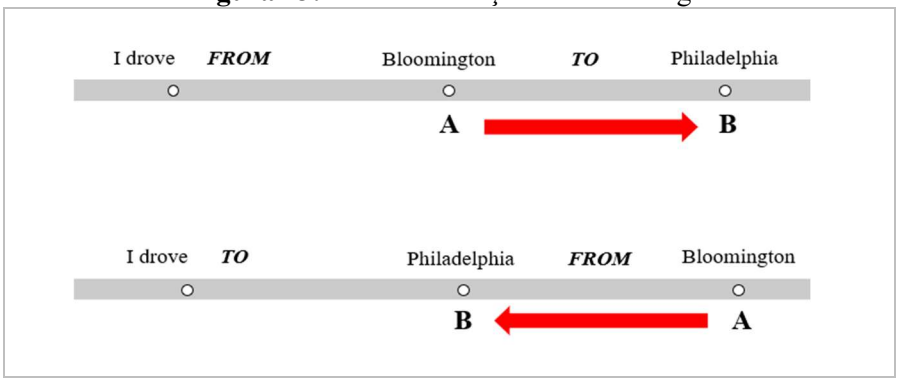
(25) I drove from Bloomington to Philadelphia
[Eu dirigi de Bloomington para Philadelphia]

(26) I drove to Philadelphia from Bloomington.
[Eu dirigi para Philadelphia de Bloomington]

(DE LANCEY, 1981, p. 633)

Ao analisar a ordenação temporal da construção em (25) e (26), nota-se uma distinção em relação à ordenação do evento e a ordenação linguística. Em (25), ao apresentar linguisticamente o evento, o falante aciona temporalmente uma ordenação linear, enquanto em (26) a ordenação temporal natural é alterada. Em uma linha do tempo, essas duas construções podem ser interpretadas de acordo com o esquema mostrado na figura 13.

Figura 13: Fluxo de atenção natural e linguístico



Fonte: Elaboração da própria autora.

Na figura acima, o fluxo natural é observado no trajeto de A para B, que se difere do trajeto B para A, visto que o fluxo linguístico do segundo não corresponde ao fluxo natural, devido ao modo de ordenação do evento. Para De Lancey (1981), essa alteração não se dá aleatoriamente, pois o fato de o falante ter como ponto de atenção Philadelphia e não Bloomington é resultado de uma motivação específica dentro desse contexto comunicativo.

Um aspecto importante a ser destacado é que "na organização do fluxo discursivo, a fonte representa o ponto de partida do evento e é, portanto, um candidato natural para o ponto de partida linguístico" (DE LANCEY, 1981, p. 633)[31]. Nesses casos em que o fluxo

[31] No original: Of the two locational prepositional phrases used in describing the event, the one which represents the semantic Source can be fronted and made the starting point of linguistic AF; but the one which

de atenção linguístico não remonta o fluxo de atenção natural, busca-se identificar qual é motivação por parte do falante que interfere na organização discursiva.

Ao observar o fluxo de atenção em construções transitivas, De Lancey (1981) analisa eventos de movimento que definem vetores de tempo e espaço. Prototipicamente, esses eventos iniciam em um ponto no espaço e terminam em outro, evidenciando um caráter icônico, por meio de um fluxo de atenção natural não marcado linguisticamente.

Para De Lancey (1981), quase todos os fatores que motivam o fluxo de atenção são relacionados ao ponto de vista que, em muitos casos, aparenta construir-se a partir de fatores externos, embora existam várias possibilidades de se construir um ponto de vista dentro de cada enunciado. Consoante o autor, essa noção é mais facilmente exemplificada por meio de eventos de movimento simples:

> No inglês e em muitos outros idiomas, a marcação do ponto de vista em eventos simples de movimento é inteiramente lexical. Verbos de movimento que são semanticamente mais complexos do que *come/go* e *bring/take* não são especificados para orientação do ponto de vista, embora muitos tenham alternativas lexicais que são utilizadas conforme a necessidade (DE LANCEY, 1981, p. 636, tradução própria).[32]

Uma explicação fornecida pelo autor para a mudança de ordenação do enunciado em (25), é o fato de o falante estar em Philadelphia no momento do ato de fala, ou seja, sacrifica-se o fluxo de atenção natural, que exibe a ordenação temporal do evento, para instalar o ponto de vista natural, que, nesse contexto, é o local que o falante se situa ao construir seu enunciado.

No caso das CPE de base verbal, nota-se que o fluxo de atenção natural e linguístico não apresentam contiguidade, pois, além de a construção epistêmica caracterizar-se como independente do enunciado, ela é utilizada em novas posições.

Uma hipótese levantada nesta tese é que a parentetização revela uma necessidade do falante de intercalar as informações para focalizar o conteúdo que considera mais

---

represents the Goal cannot. This is because the Source represents the actual starting-point of the event, and is thus a natural candidate for linguistic starting-point (DE LANCEY, 1981, p. 633).

[32] No original: In English and many other languages, the marking of viewpoint for simple motion events is entirely lexical. Motion verbs which are semantically more complex than come/go and bring/take are not specified for viewpoint orientation, though many of them have lexical alternatives, built on go and come, which are used if viewpoint specification is necessary (DE LANCEY, 1981, p. 636).

relevante dentro do contexto. Nesse sentido, pressupõe-se que, nos contextos de uso das CPE, o falante organiza o fluxo de atenção linguístico e sacrifica o fluxo de atenção natural, por tomar como ponto de vista a afirmação que é, segundo ele, a mensagem mais importante a ser transmitida.

Para a análise da (inter)subjetividade nos usos investigados nesta tese, parte-se da hipótese de que o aumento de subjetividade nas CPE deve-se à alteração do fluxo de atenção linguístico que anteriormente tinha como ponto de partida a construção matriz, e após o processo de mudança, parte da afirmação que se caracteriza como uma opinião do locutor.

Os mecanismos apresentados discutidos até aqui são essenciais para a compreensão dos efeitos semântico-pragmáticos tanto da nova construção modal quanto para a descrição do novo pareamento [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{\text{CPE}}$ ↔ *modalização epistêmica* do PB.

CAPÍTULO II - UNIVERSO DA PESQUISA E METODOLOGIA

A pesquisa realizada tem como base a utilização de córpus de fala e de escrita para o levantamento de dados de construções parentéticas epistêmicas. Tal escolha se justifica pelo fato de o trabalho assentar-se em pressupostos teóricos funcionalistas que consideram o recurso a dados reais de uso essenciais para a descrição da língua, tanto de fala quanto de escrita, uma vez que tais modalidades não se excluem; ao contrário, se completam, em um contínuo composto por traços que as diferenciam, mas que também as aproximam (KOCH, 2004). Para realizar a investigação das CPE de base verbal, adjetival e nominal, opta-se por desenvolver um estudo pancrônico, com intuito de contemplar tanto a sincronia quanto a diacronia, uma vez que ambas as perspectivas contribuem para a compreensão de processos de mudança linguística que criam estruturas emergentes e constituem a base de explicações de por que a língua é como é. Com base na coleta das ocorrências serão observados aspectos da frequência de uso de padrões das CPE entre os séculos XVIII e XXI, de modo que seja possível mapear a consolidação desses padrões no PB. Para esse recorte temporal, são consideradas as postulações de Mattos e Silva (2004), para a qual a gramática do PB se define de meados do século XVIII para o século XIX, sendo esse século o mais propício a uma "expansão" da língua portuguesa no Brasil.

2.1 *Córpus* de análise

Para a investigação empírica de CPE no PB dos séculos XVIII, XIX e XX, optou-se, na composição do córpus, pela modalidade "cartas", organizando-se um conjunto de amostras de cartas oficiais, cartas da administração pública, cartas de leitores e redatores, cartas particulares e cartas pessoais. Compostas por um pouco mais de trezentas mil palavras, essas amostras distribuem-se em três sincronias, cada uma com uma média de 105 mil palavras.

Consoante Mattos e Silva (2004), no período colonial o Brasil era marcado pelo multilinguismo que desencadeou uma nova variedade do português dentro do território, por meio do contato entre as línguas indígenas, o português europeu, as línguas africanas e outras línguas de diferentes origens. Segundo a autora, do contato intenso entre as diversas línguas e etnias, número estimado de mil e quinhentas línguas indígenas somadas a quase trezentas línguas de troncos linguísticos de origem africana, surge no Brasil o português brasileiro.

Com o objetivo de elaborar uma amostra representativa do PB, a seleção de cartas contempla missivistas de diversos estados do Brasil, de forma a evitar tendências de um único espaço geográfico.

Para reuni-las no córpus, fez-se uma busca em diferentes fontes: (i) na base de amostras de textos do Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB)[33], que se compõe de um conjunto articulado de subprojetos situados na área de linguística histórica, um dos quais tem por objetivo coletar, organizar e disponibilizar *corpora* diacrônicos para estudo da língua; (ii) na base do *Tycho Brahe*[34], que constitui um *corpus* eletrônico de textos, totalizando mais de três milhões de palavras; (iii) no Banco Informatizado de textos do Projeto Para História do Português, BIT-PROHPOR[35], que, em parceria com o PHPB, assume como um de seus objetivos a constituição de *corpora* de textos escritos para o estudo do português.

Para investigação do PB dos séculos XVIII e XIX, selecionaram-se cartas oficiais e particulares escritas por correspondentes brasileiros (seguindo a média de 105 mil palavras para cada sincronia), assim como no século XX, cuja amostra é composta por cartas oficiais da administração pública e cartas pessoais, contendo correspondências de Fernando Prestes, e cartas familiares em torno de Washington Luiz.

Para o PB do século XXI, tendo em vista a escolha por manter *cartas* como gênero norteador, selecionaram-se, inicialmente, todas as cartas ao leitor disponibilizadas por quatro revistas *on-line*: *Veja*, *Superinteressante*, *Galileu* e *Subjetiva*, e cartas do leitor disponíveis no *site Folha.com*[36], de responsabilidade do jornal *Folha de São Paulo*.

Para a modalidade falada do século XXI, foi utilizado o Banco de Dados do Iboruna (GONÇALVES, 2007)[37], mais especificamente a Amostra Censo (AC). Trata-se de um banco de dados de médio porte, com pouco mais de 1 milhão de palavras, e composto por dois tipos de amostras de fala do interior paulista: *Amostra Censo* (AC), com 151

---

[33]Disponível em: https://sites.google.com/site/corporaphpb/ Acesso em jan. 2021.
[34]Disponível em: http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/cgi-bin/getversion_edictor.pl. Acesso em jan. 2021.
[35]Disponível em: https://www.prohpor.org/bit-fale Acesso em jan. 2021.
[36]Disponíveis, respectivamente, em: https://veja.abril.com.br/ Acesso em jan. 2021, https://super.abril.com.br/ Acesso em jan.2021, https://revistagalileu.globo.com/ Acesso em jan. 2021, https://medium.com/revista-subjetiva Acesso em jan.2021 Acesso em jan. 2021. https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/secaodecartas/ Acesso em maio de 2021.
[37]Disponível em: http://www.alip.ibilce.unesp.br. Acesso em out. 2021.

entrevistas sociolinguisticamente controladas, e *Amostra de Interação Dialógica* (AI), com 11 interações dialogadas, coletadas secretamente em situações de livre interação social. Idealizado pelo projeto *ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista*, esse banco de dados tem servido como fonte de dados para inúmeros trabalhos de descrição do PB, especificamente da variedade falada no interior do Estado de São Paulo. O intuito de incluir amostras de fala na investigação diacrônica deve-se tão somente ao interesse de reunir, tanto quanto possível, uma maior diversidade de padrões de CPE.

Após a busca e coleta de dados nas amostras dessas três sincronias, notou-se a necessidade de ampliação das amostras, dada a escassez dos dados de CPE encontrados. Assim, utilizou-se também o banco de dados do Centro de Lexicografia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara, disponível para consulta na sede do Projeto. Desse banco de dados, manteve-se o gênero cartas/correspondências e acrescentou-se, ao córpus, amostras de Literatura Jornalística (LJ) e Crônicas representativas das três sincronias de interesse.

Diante disso, estendeu-se a amostra de escrita, considerando-se também o gênero crônica, que, no século XX, se mostrou como gênero favorável ao uso de parentéticos modais. Seguem nos quadros abaixo informações sobre as amostras que compõem o córpus de análise utilizado nesta tese.

Quadro 9: Amostra da língua escrita do século XVIII

ORIGEM	**ESTADO**	**TIPO DE CARTA**	**TAMANHO DA AMOSTRA** (em número de palavras)
PHPP	São Paulo	oficiais	87.198
PHPP	São Paulo	particulares	6.567
PHPB	Rio de Janeiro	particulares	1332
Tycho Brahe	Bahia	oficiais	4454
			Total: 104005 palavras

Fonte: Elaboração da própria autora.

Quadro 10: Amostra da língua escrita do século XIX

ORIGEM	**ESTADO**	**TIPO DE CARTA**	**TAMANHO DA AMOSTRA** (em número de palavras)
BIT PROHPOR	Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais e Pernambuco	avulsas	51057
PHPB (córpus mínimo)	Bahia	oficiais	36000
PHPB (córpus mínimo)	Mato Grosso, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul	particulares	15522
			Total: 105872 palavras

Fonte: Elaboração da própria autora.

Quadro 11: Amostra da língua escrita do século XX

ORIGEM	**ESTADO**	**TIPO DE CARTA**	**TAMANHO DA AMOSTRA** (em número de palavras)
PHPP	São Paulo	Cartas oficiais – processos criminais	7587
PHPP	São Paulo	Cartas da administração pública	13796
PHPP	São Paulo	Cartas pessoais	70.839
BIT-PROHPOR	Bahia	Carta de leitores e redatores	8717
			Total: 101573 palavras

Fonte: Elaboração da própria autora.

Quadro 12: Amostra para ampliação dos *corpora* dos séculos XVIII, XIX e XX

ORIGEM	**GÊNERO TEXTUAL**	**TAMANHO DA AMOSTRA** (em número de ocorrências)
Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara. (córpus mínimo)	Cartas/correspondências, Literatura Jornalística e Crônica	90 milhões de ocorrências

Fonte: Elaboração da própria autora.

Quadro 13: Amostra da língua escrita do século XXI

ORIGEM	**GÊNERO TEXTUAL**	**QUANTIDADE DE CARTAS**	**TAMANHO DA AMOSTRA** (em número de palavras)
Veja Abril	Carta ao leitor	32	13728
Superinteressante	Carta ao leitor	18	8173
Galileu	Carta ao leitor	16	5534
Folha.com	Cartas do leitor	564	57993
Revista Subjetiva	Crônica	84	32742
			Total: 118799 palavras

Fonte: Elaboração da própria autora.

Quadro 14: Amostra da língua falada do século XXI

ORIGEM	**TIPO DE AMOSTRA**	**TAMANHO DA AMOSTRA** (em número de palavras)
Projeto ALIP – Banco de dados Iboruna	Amostra Censo - Entrevistas sociolinguísticas	151 entrevistas (cerca de 1 milhão de palavras)

Fonte: Elaboração da própria autora.

Na elaboração do córpus, embora não seja objetivo estabelecer uma comparação entre fala e escrita, considerou-se relevante observar quais CPE estariam possivelmente mais consolidadas em cada uma das modalidades da língua, uma vez que ambas constituem "um *continuum* tipológico das práticas sociais e não a relação de dois polos opostos" (MARCUSCHI, 1995, p. 13). Com objetivo de encontrar CPE em contextos próximos da língua falada, selecionaram-se as cartas pessoais e particulares, por apresentarem maior informalidade e consequentemente, menor grau de planejamento, o que, por hipótese, sugere usos típicos da modalidade falada.

Nesta tese, o olhar qualitativo se sobrepõe ao quantitativo, pelo fato de os objetivos propostos estarem voltados ao mapeamento da rede de CPE e de suas propriedades construcionais.

2.2 Critérios para seleção dos predicados

Para a seleção dos predicados verbais, atentou-se para cinco critérios: i. serem predicados cognitivos que expressam atitudes desenvolvidas no âmbito do pensamento, ii. estarem cristalizados no presente do indicativo, iii. estarem na primeira pessoa do singular, que propicia a interpretação modal propriamente dita; iv. terem ao menos uma acepção modal (ligada à crença, opinião, dúvida, incerteza) (BARBOSA-SANTOS, 2019), uma vez que os predicados que se parentetizam se ligam a graus diferentes de certeza epistêmica (GONÇALVES; DALL'AGLIO-HATTNHER; SOUSA 2019); e v. constituírem predicados que, em contextos de subordinação, encaixam orações completivas finitas, visto que há a tendência de qualificações epistêmicas incidirem sobre conteúdos proposicionais expressos mais fortemente em sentenças finitas (GONÇALVES; DALL'AGLIO-HATTNHER; SOUSA, 2019) e serem esses os contextos propícios à parentetização.

Segundo a literatura consultada (BARBOSA-SANTOS, 2019; GONÇALVES E SOUZA, 2013; GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2016; GONÇALVES; DALL'AGLIO-HATTNHER; SOUSA, 2019), atendem a esses requisitos os predicados verbais mostrados no quadro 15.[38]

Quadro 15: Predicados verbais com tendência à parentetização

achar, *acreditar*, *assegurar, calcular, compreender, crer*, *deduzir, desconfiar*, *entender*, *garantir, imaginar*, *julgar*, *parecer, pensar*, *presumir*, *reconhecer, supor*

Fonte: Elaboração da própria autora.

Considerando que nem todos os predicados adjetivais são recrutados para a expressão de modalidade epistêmica e parentetização, para a seleção considerou-se necessário que eles, em contextos de subordinação, encaixem orações subjetivas finitas, pois predicados adjetivais que ocorrem apenas com orações não-finitas demonstram maior integração sintática entre as partes, e não são propensos à dessentencialização na formação de CPE. Nesse sentido, a partir da literatura consultada (NEVES, 2011; FORTILLI, 2013; GONÇALVES; SOUSA, 2013; GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2016;

[38] Nem sempre a construção atenderá todos os critérios para se conectar à rede.

GONÇALVES; DALL'AGLIO-HATTNHER; SOUSA, 2019), seguem, no quadro 12, os predicados adjetivais selecionados.

Quadro 16: Predicados adjetivais com tendência à parentetização

(é) capaz, (é) certo, *(é) claro*, *(é) evidente, (é) lógico*, *(é) óbvio*, *(é) possível*, *(é) provável*

Fonte: Elaboração da própria autora.

Em relação aos predicados nominais, como, para expressar conhecimento, o conteúdo comunicado se submete à avaliação subjetiva do enunciador, recortaram-se apenas os predicados que apresentassem ao menos uma acepção modal. Além disso, outro critério é o substantivo, em contexto de subordinação, encaixar oração finita, uma vez que, a partir desse formato, configura-se o conteúdo proposicional, que encerra construtos mentais não localizados no tempo e espaço. No quadro 17, apresentam-se os dois predicados que atendem a esses critérios.

Quadro 17: Predicados nominais com tendência à parentetização

é verdade, é fato

Fonte: Elaboração da própria autora.

Com base nos critérios estabelecidos, foi selecionado um total de 27 predicados modais para a coleta de CPE distribuídos ao longo dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI.

2.3 Coleta de ocorrências

Composto o córpus para o levantamento das ocorrências, buscaram-se usos de CPE que atendiam aos critérios estabelecidos. Na tabela 1, apresenta-se a quantidade de ocorrências encontradas em cada século, distribuídas por tipo categorial de predicado.

Tabela 1: Tipos de CPE (por sincronia e modalidade)

SINCRONIA / TIPO DE CPE	XVIII	XIX	XX	XXI		Σ	
	Escrita	Escrita	Escrita	Escrita	Fala	Escrita	Fala
VERBAL	2	4	22	6	60	34	60
ADJETIVAL	0	0	45	23	32	68	32
NOMINAL	1	1	19	2	1	23	1
Σ	3	5	86	31	93	125	93
				124		218	

Fonte: Elaboração da própria autora.

A partir das 218 ocorrências encontradas no córpus, são apresentados os efeitos semântico-pragmáticos de cada CPE, as instanciações-*type* (subesquemas) e a rede que se estabelece para o esquema genérico $[([COP])\ ([EU])\ [PRED]\ ([EU])\ ([que])]_{CPE}$, que representa um dos esquemas disponíveis ao falante do PB para expressar julgamento epistêmico sobre um conteúdo proposicional. Nesse esquema, a ser mais bem detalhado no capítulo de análise, as construções atomísticas [COP] e [EU], se ocorrem, são mutuamente exclusivas, e permitem diferenciar CPE derivadas de orações matrizes impessoais, caso de orações subjetivas de base nominal ou adjetival, e de orações matrizes pessoais, caso de orações objetivas estritamente de base verbal. Como pode ser observado, o esquema parentético modal, assim como qualquer outro esquema, contém *slots* para subpartes genéricas, como é o caso de [PRED], que possibilitam o reconhecimento do grau de produtividade da construção.

Pelo fato de a produtividade constituir uma propriedade gradiente e relativa aos parâmetros de frequência *type* e *token,* quanto maior a frequência de diferentes tipos nos *slots* de uma construção, maior será sua produtividade, e quanto mais restritos esses tipos, menor a produtividade. Nas análises, foram adotados quatro parâmetros para investigação do pareamento de forma e significado das CPE, como se descreve a seguir.

2.4 Parâmetros de análise

Os parâmetros estabelecidos para análise objetivam um maior detalhamento das propriedades de forma e função das CPE; assim, ao delinear aspectos do

significado/função, aspectos da forma são evidenciados, visto que a própria construção é o resultado do pareamento de propriedades de forma e sentido. Destaca-se que a escolha dos parâmetros de análise para investigação das CPE é sempre motivada por uma hipótese a ser comprovada.

2.4.1 Presença de cópula e complementizador nas construções parentéticas epistêmicas

Seguindo a tradição gramatical para a compreensão da estrutura das orações subjetivas no português (BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2013), é possível extrair o entendimento básico de que as CPE são inicialmente construídas com a presença do complementizador, como nas ocorrências que se seguem em (27) e (28), extraídas de Gonçalves (2003).

(27) ... agora existe o:: concurso já faz ahn já:: já caducou não tem validade ... mas ainda tem um número ...de **acho que** uns trinta umas trinta pessoas mais ou menos ... que entraram com um novo mandato de Segurança não sei exatamente alegando o quê mas entraram quer dizer que então:: estão também aguardando também o resultado disso...[NURC/SET/02/360/SP]

(28) hoje pode-se fazer o [casamento] religioso com efeitos civis e tal... então mas no/ [nós nos casamos no civil... **parece que** de manhã ... assim por volta de ... dez e meia onze horas por ai]. [NURC/RJ/SET/71]

(GONÇALVES, 2003, p. 123)

Usos inovadores, em contextos de parentetização, sugerem um *cline* de mudança para os casos aqui analisados, pois, de construções matrizes que ocorrem em posição apenas inicial encaixando um complemento oracional, CPE aparecem em posições mediais ou finais na sentença. Nota-se, nesses casos de CPE, que o complementizador pode permanecer, mantendo ainda sua função semântica de indicar o escopo do constituinte sobre o qual recai a modalização, mas não a de indicar complementação oracional.

A hipótese é que, nesse processo da mudança, os usos mencionados representam uma gradualidade, pois, aos poucos, vão se perdendo propriedades sintáticas que são características das construções matrizes. Acrescenta-se que, para além do rompimento do

fluxo do discurso, há uma variação no formato da CPE devido à possível presença (ou ausência) de cópula e de complementizador.

Em (29) e (30), pelo fato de tais CPE serem originadas de matrizes subjetivas, é possível ainda investigar, para além da presença ou ausência de complementizador, a possibilidade de elas aparecerem parentetizadas mantendo a cópula.

(29) TODO dia... lo::gicamente que perceBEU... que o colchão estava invertido... e pra num dá(r) e pra piorá(r) a situação tava com aquele perfume... MUITO FORTE da menina entendeu? e a mãe dele perceBEU aquele perfume **é lógico**... [AC-055-NR; L.79]

(30) cresci... estudei fiz Turismo na Unorp... (**claro**)... morei em Cuiabá também... um ano... [AC-051-NE, L.29]

De acordo com Fortilli (2013), a ausência do verbo *ser*, como visto em (30), constitui indício de mudança por gramaticalização seguido da ausência de complementizador *que*.

Nesse sentido, para além do rompimento do fluxo do discurso, há uma variação devido à presença ou ausência de cópula e à possível presença do complementizador revelando mais um estágio da mudança. As ocorrências (29) e (30) representam construções inovadoras e, por consequência, são consideradas mais gramaticalizadas da língua, como defende Fortilli (2013).

2.4.2 Forma de base das construções parentéticas epistêmicas e grau de certeza epistêmica

Por meio desses critérios, procura-se ratificar a constatação de Gonçalves, Dall'Aglio-Hattnher e Sousa (2019) de que CPE de base verbal são mais propícias à codificação de baixo grau de certeza epistêmica, enquanto as de base nominal e adjetival, à codificação de alto grau de certeza epistêmica.

Nas ocorrências (31) e (32), extraídas de Gonçalves, Dall'Aglio-Hattnher e Sousa (2019, p. 20), apresentam-se duas CPE de base verbal expressando baixo grau de certeza.

(31) Fico pensando no que ela pode me dar e antecipada-| mente sofro os choques que **imagino** estejam reservados para mim [20,1 CP BA]

(32) E todas estas es- | peranças, **penso**, não será um sonho [19,2 CP PR]

Ao afirmar, em (31), "sofro os choques que estejam reservados para mim", e, em (32), "todas estas esperanças não será um sonho", há, respectivamente, a inserção em pontos mediais da sentença dos predicados verbais "imagino" e "penso", respectivamente, para relativizar a verdade do conteúdo afirmado. Ao lado dessas construções, há CPE de base adjetival e nominal originadas de matrizes de orações subjetivas. Nas ocorrências de (33) a (36), também extraídas de Gonçalves; Dall'Aglio-Hattnher e Sousa (2019, p. 31), percebe-se um reforço da certeza epistêmica do conteúdo das orações escopadas pelos predicados *(é certo)*, *(é) claro*, *(é) lógico* e *(é) verdade*.

(33) O pranto **é certo** nos minora [19,2 A SP]

(34) O dr. Pernambucano | chegará às 15 hrs.; à vista do que o almoço não si realizará, sim o jantar. | Para o qual – **é claro** – fica mantido o | convite que lhe foi | feito por Ivone [20,1 CP PE]

(35) A "Gazeta", que tem em | seu programma a defesa | de todas as classesmdos pó- | bres, dos humildes, dos ne-| cessitados, não poderá, - **é lógico**, - ser indifferente á | precária situação do func-| cionalismo estadoal [20,1 CL CE]

(36) O Sr. Visconde de Tamandaré fal-|tou-me, **é verdade**, em um Aviso, que na opi-|nião d'aquelle Visconde, parecia derogatorio| do ajuste anterior [19,2 CP RJ].

(GONÇALVES; DALL'AGLIO-HATTNHER; SOUSA, 2019, p. 31)

As CPE destacadas acima, ao funcionarem como modificadores das sentenças que escopam, possibilitam que o falante reforce o grau de certeza do conteúdo do enunciado, diferentemente do que ocorre em construções de base verbal em que o grau de certeza do conteúdo do enunciado é minimizado. Pretende-se, portanto, investigar a interação entre a forma de base da CPE e o grau de certeza epistêmica, sob a hipótese de que o tipo de

modalidade expresso tem fortes correlações com a forma que a CPE assume na rede construcional de que ela participa.

2.4.3 Posição e escopo das construções parentéticas epistêmicas no enunciado

Sob esses critérios de análise, investiga-se se, a depender da posição, a CPE toma por escopo todo o conteúdo proposicional ou apenas parte dele. A hipótese que sustenta esse parâmetro é a de que, em posições mediais, é possível que o julgamento epistêmico recaia apenas sobre parte do conteúdo proposicional, diferentemente de quando ocorre em posição final, em que o escopo pode recair sobre todo o conteúdo, como sugere, por exemplo, Gonçalves (2003), por meio das ocorrências em (37), e em (38).

(37) A filha do Osvaldo ... nesse tempo meu genro era ... [vereador ... **parece**] [NURC/SET/021396/SP]

(38) O Sr. Rodrigo Felício, conquanto já exercesse o lugar de chanceler, é a primeira vez, **creio eu**, que se apresenta em concurso, e a timidez pode prejudicar a habilidade [19MA, p. 1044]

(GONÇALVES, 2003, p. 125; 179),

Ao analisar a ocorrência (37), observa-se que a CPE está em posição final da sentença, tendo sob seu escopo todo conteúdo “nesse tempo meu genro era... vereador...”.

Quando a CPE aparece em posição medial, como em (38), torna-se complexo identificar em qual parte da sentença recai o escopo da dúvida/incerteza. Na afirmação “é a primeira vez, creio eu, que se apresenta em concurso”, pode parecer que o predicado está relativizando a verdade de todo o conteúdo, porém, ao analisar semanticamente, percebe-se que a construção escopa apenas a informação à sua esquerda “é a primeira vez”. Análise semelhante se aplica às ocorrências de (39) a (41), cujas CPE são originadas de matrizes de orações subjetivas.

(39) Aquele... que está com problema a gente substitui... montamos ajustamos **é lógico**... [AC - 91, L. 140]

(40) Aí eu pego o defrizante... lavo bem a cabeça **claro** lavo bem passo condicionador desembaraço tudo... depois tiro BEM o condicionador [AC - 62, L. 316]

(41) O grande santo dividiu**, é verdade**, as confissões humanas em duas ordens, uma que é um louvor, outra que é um gemido, definindo assim as suas e as da representante de Dona Sol. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara - Literatura Jornalística, Crônicas e Correspondência – Crônica - A semana, século XX)

Em (39), a construção *é lógico*, ao aparecer em posição final da sentença, escopa todo o seu conteúdo (*montamos ajustamos*), revelando um alto grau de certeza epistêmica do enunciador sobre todo enunciado. Nas ocorrências (40) e (41), não se pode afirmar que a CPE escopa todo o conteúdo do enunciado, pois, pelo fato de os predicados estarem em posição medial, assim como em (38), há a possibilidade de o escopo recair sobre uma ou outra parte da sentença. Em (40), a CPE parece dar ênfase ao grau de certeza do conteúdo "lavo bem a cabeça", uma vez que, para o enunciador, talvez seja importante reforçar que ele faz a higiene capilar de modo eficaz. Do mesmo modo, em (41), o escopo recai em "o grande santo dividiu", e não nas "confissões humanas".

Assim, ao identificar a posição preferida de cada uma das CPE, será investigado se seu escopo incide sobre todo conteúdo do enunciado ou se apenas sobre parte dele, seja rebaixando o grau de certeza epistêmica, como ocorre em CPE originadas de matrizes objetivas, ou o reforçando, como é visto a partir de CPE originadas de matrizes subjetivas.

2.4.4 Aspectos sintático-semânticos da rede de construções parentéticas epistêmicas

A investigação que se propõe é baseada na hipótese de que ocorre uma construcionalização entre os predicados epistêmicos adjetivais, verbais e nominais, pois, ao serem interpretados como construções modais, passam por uma nova análise sintática e reconfiguram-se como advérbios modais.

Para uma descrição sintático-semântica mais detalhada da rede que comporta o novo pareamento, são analisados os tipos específicos de predicados, para identificar o grau de produtividade dos subesquemas de CPE.

Segundo Bybee (2016), a apuração da frequência *type* de um padrão construcional permite verificar seu grau de produtividade, o que revela o quanto um (sub)esquema pode sancionar novas construções menos esquemáticas na língua.

Considerando-se que os esquemas são caracterizados por comportarem *slots* passíveis de serem ou não preenchidos, investiga-se, nesta pesquisa, qual o grau de produtividade e esquematicidade do esquema geral [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$, e de seus subesquemas, identificando, ainda, se eles são substantivos, intermediários ou esquemáticos.

Além das análises com base nos parâmetros e hipóteses aqui postulados, será possível observar outros aspectos importantes das CPE decorrentes das análises empreendidas, como, por exemplo (i) a posposição do pronome de primeira pessoa em CPE de base verbal originadas de orações objetivas; (ii) a expressão tempo-modo dos contextos associados às CPE, e (iii) hipóteses prosódicas para análises futuras.

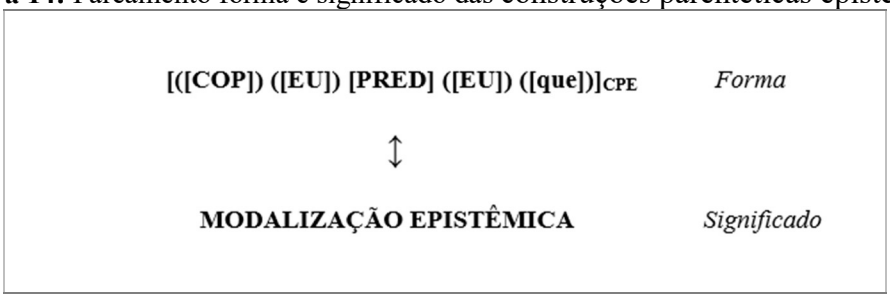
CAPÍTULO III - AS CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, desenvolve-se uma análise que contempla as CPE características das modalidades falada e escrita do português brasileiro. A partir das amostras representadas em cada sincronia, foi possível identificar algumas tendências que caracterizam e descrevem ainda mais o perfil das construções analisadas. O *corpus* composto para a investigação permitiu um levantamento significativo de ocorrências para a busca de comprovação da hipótese de que as CPE passam a integrar a rede de construção modal do português como um novo nó disponível para a instanciação de construções com significado epistêmico. A análise orienta-se por um conjunto de parâmetros de forma e de significado que permitem ampliar o conhecimento acerca da sedimentação dessas construções ao longo da história do português brasileiro, revelando elos de herança que as identificam e as diferenciam de outras construções do domínio funcional da modalidade. Nesse sentido, considera-se a gradualidade da mudança como fundamental para a compreensão dos micropassos da mudança e da variação que tais construções evidenciam em diferentes sincronias.

3.1 As construções parentéticas epistêmicas no *córpus* analisado

Considerando que toda construção é composta a partir do elo entre *forma* e *significado*, abaixo segue a representação do *link* simbólico que representa as CPE na rede de construções modais epistêmicas do PB.

Figura 14: Pareamento forma e significado das construções parentéticas epistêmicas



Fonte: Elaboração da própria autora.

Ao conceber a construção como pareamento [[Forma] ↔ [Significado]], Traugott e Trousdale (2013) afirmam que o elo de representação simbólica é composto pela união de aspectos morfológicos, sintáticos e fonológicos a aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos de uma construção. Nesta tese, a contraparte formal das CPE se caracteriza

como [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$, em que: (i) os colchetes delimitam sempre uma construção, seja ela a CPE ou suas subpartes; (ii) os parênteses indicam que uma subparte de realização facultativa da CPE; (iii) [COP] indica a cópula expressa pelo verbo *ser*, em CPE de base adjetival e nominal, como *é claro* e *é verdade*; (iv) [PRED] indica o predicado, que pode ser de base verbal, nominal ou adjetival; (v) [EU] indica o pronome de primeira pessoa do singular, que pode ocorrer, na construção, em posição anteposta ou posposta a PRED de base verbal originado de matrizes de orações objetivas, o que exclui o predicado *parecer*, que origina em contextos de matrizes impessoais de orações subjetivas.

A função modal presente no pareamento acima já estava presente em usos mais remotos das construções *crer*, *julgar*, *acreditar*, *é verdade*, *é fato*, e por metaforização, processo que permite o desenvolvimento de novos usos a partir de outros já existentes (LAKOFF; JOHNSON, 1980), outras como *achar*, *calcular*, *é fato* e *é lógico* foram desenvolvendo a mesma função e se consolidando como construções adverbiais modais do PB.

Considerar a modalização epistêmica como significado predominante implica desenvolver um percurso de análise que investigue quais acepções serviram de gatilho para o desenvolvimento do novo uso. Barbosa-Santos (2019), em sua investigação acerca das acepções das CPE de base verbal, como *eu acho, eu acredito, eu calculo* e outras, constata que cada construção apresenta ao menos uma nuance modal que determina sua mudança, assim, verbos cognitivos que não apresentam modalidade, não são recrutados para o funcionamento adverbial.

Para ampliar a compreensão dos fatores que levam as construções de base nominal e adjetival ao novo funcionamento sintático-semântico, adiante serão mapeadas suas acepções, para estabelecer uma comparação entre os três diferentes tipos de CPE investigadas.

Antes de iniciar um percurso de análise, apresenta-se, novamente, a frequência *type* e *token* das CPE, a partir das quais pode ser compreendida sua distribuição nas diferentes sincronias.

Tabela 2: Frequência de tipos de construções parentéticas epistêmicas ao longo das sincronias investigadas

FORMA DE BASE	XVIII	XIX	XX	XXI	Σ
VERBAL	2	4	22	66	95
ADJETIVAL	0	0	45	55	100
NOMINAL	1	1	19	3	24
Σ	3	5	86	124	218

Fonte: Elaboração da própria autora.

Por meio dos dados encontrados no córpus, há pistas de que as CPE de base nominal e verbal são encontradas no PB já no século XVIII, enquanto as CPE de base adjetival possivelmente teriam entrado na língua mais tardiamente, a partir do século XX.

Nesta tese, os dados quantitativos requerem certa cautela em suas interpretações, dadas as limitações impostas a uma pesquisa diacrônica baseada em córpus, que nem sempre permite constatar com segurança o momento exato de mudanças na língua. No entanto, é possível, com base nos dados, lançar hipóteses explicativas acerca de usos inovadores que surgem na língua. A seguir, descrevem-se os resultados das análises com base nos objetivos e hipóteses que norteiam a pesquisa.

3.2 Análise dos parâmetros de forma

Nesta seção, são descritos os aspectos formais das CPE no PB, focalizando: (i) a forma de base de cada uma das construções, (ii) a presença ou ausência de cópula e/ou complementizador, (iii) posição das CPE no enunciado; e (iv) a expressão tempo-modo das sentenças a elas associadas.

3.2.1 Forma de base das construções parentéticas epistêmicas e tipos específicos

Ao analisar os dados obtidos, pode-se constatar que todas as CPE se conformam a um mesmo padrão esquemático de forma e significado, embora se contrastem em nível de frequência *type* e *token*.

A tabela abaixo, além de ilustrar o tipo mais frequente, revela qual deles se encontra mais consolidado no PB.

Tabela 3: Frequência *type* e *token* das construções parentéticas epistêmicas nas sincronias do português brasileiro

FORMA DE BASE	SINCRONIA / *TYPES*	XVIII	XIX	XX	XXI		Σ	
		Escrita	Escrita	Escrita	Escrita	Fala	Escrita	Fala
VERBAL	*(eu) acho (que)*	-	-	5	-	60	5	60
	acredito eu	-	-	1	-	-	1	-
	(eu) creio (eu) (que)	2	-	9	2	-	13	-
	julgo	-	1	-	-	-	1	-
	parece (que)	-	3	1	2	-	6	-
	penso eu	-	-	4	-	-	4	-
	presumo	-	-	2	1	-	3	-
	suponho eu	-	-	-	1	-	1	-
Σ		**2**	**4**	**22**	**6**	**60**	**34**	**60**
ADJETIVAL	*é certo*	-	-	7	-	-	7	-
	(é) claro	-	-	18	21	16	39	16
	é evidente	-	-	3	1	-	4	-
	(é) lógico	-	-	10	1	16	11	16
	é óbvio	-	-	6	-	-	6	-
	é possível	-	-	1	-	-	1	-
Σ		**-**	**-**	**45**	**23**	**32**	**68**	**32**
NOMINAL	*é fato*	-	-	2	-	-	2	-
	é verdade	1	1	17	2	1	21	1
∑		**1**	**1**	**19**	**2**	**1**	**23**	**1**
∑ **geral**		**3**	**5**	**86**	**31**	**93**	**125**	**93**

Fonte: Elaboração da própria autora.

Ao observar a frequência de CPE do século XVIII, as de base verbal, com o predicado crer, e nominal, com o predicado verdade, possivelmente, são os únicos tipos que se manifestam na amostra, o que pode ser um bom indicativo de que o padrão construcional encontrava-se ainda em fase de consolidação na gramática do PB.

A ampliação gradual de tipos de CPE começa no século XIX, inicialmente por *analogização*[39] a tipos já existentes um mecanismo cognitivo que permite a criação de novos usos. Assim, recorre-se ao mapeamento das características semânticas dos predicados de base *crer* e *verdade*, que ocorrem desde o século XVIII e podem ter servido de base para o surgimento dos demais.

De acordo com Michaelis (2008) e Cunha (2010), pode-se afirmar que os predicados *crer* e *verdade* encontram-se relacionados, visto que ambos têm acepções ligadas àquilo que é real ou confiável. *Crer*, segundo os autores, denota as acepções *acreditar*; *confiar*; *ter como verdadeiro*, acepções que também são encontradas em Borba (2011, p. 358), para quem, dentro do conjunto de acepções, estão *supor*, *julgar*, *certificar*, *ter fé*/*crença* e *dar crédito*.

As acepções do nome *verdade* denotam, segundo Michaelis (2008) e Cunha (2010), *conformidade com o real*, *sinceridade*, *aquilo que existe com toda certeza* e *concepção clara de uma realidade*.

Para Borba (2011, p. 1423), *verdade*, entre os significados dado pelo autor, define-se como *conformidade do que se diz ou se pensa, com os fatos e eventos*; *característica daquilo que é real*; *autenticidade* e *exatidão*. Juntas, essas acepções podem ter servido de analogia para o uso de novos predicados epistêmicos de base verbal no século XIX, como é o caso de *julgar* e *parecer*, e de outros tipos que surgem nos séculos posteriores.

Ao analisar as nuances que compõem a significação das CPE de base adjetival e nominal, na seção 3.3 desta tese, nota-se que ambas apresentam, logo em sua etimologia, significados modais que permitem função análoga aos advérbios modalizadores, via expressão de certeza.

[39] A atuação dos mecanismos semânticos que atuaram na formação das CPE está descrita na próxima seção, cujo enfoque é voltado aos aspectos de significado/função dessas construções.

Essa constatação atesta que o principal gatilho para o recrutamento dos *types* de base adjetival e nominal à rede das CPE é existência de ao menos uma acepção modal, como afirma Barbosa-Santos (2019) para as CPE de base verbal.

Entre as formas de base das CPE aqui investigadas, a adjetival apresenta-se como a mais frequente, no total das três sincronias investigadas (100 ocorrências). Em seguida, na escala de frequência, há a forma de base verbal, que representa 94 das 218 ocorrências encontradas no córpus.

Quando se comparam as três CPE, nota-se que a forma de base nominal, embora apresente ocorrências desde o século XVIII, não ganhou força ao longo das sincronias, fato verificado por meio da frequência representada por 24 *tokens* ao longo dos quatro séculos investigados.

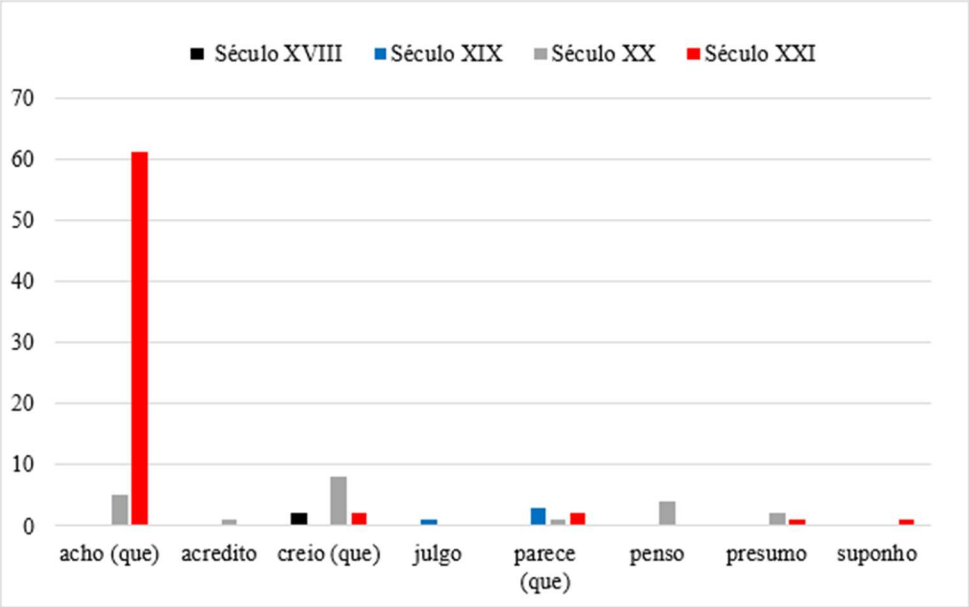
Começando pelas microconstruções de base verbal encontradas, no total das quatro sincronias analisadas, a CPE com *achar* é a mais frequente, com 61 ocorrências, seguida de *crer*, com 11 ocorrências, *pensar* com 4 ocorrências e *parecer* ao lado de *presumir*, com 3 ocorrências cada.

Destaca-se que o percurso de *achar* conforma-se ao resultado de Gonçalves (2003) e de Casseb-Galvão (1999), que, em investigação diacrônica, desde o século XIII, identificaram usos parentéticos com esse predicado somente a partir do século XX.

Gonçalves (2003), no entanto, consta que parentéticos com *crer* e *parecer* datam do século XVI, o que indica que, muito possivelmente, usos com esses dois predicados já ocorriam no PB desde o século XVIII, embora, no córpus de análise desta pesquisa, essa possibilidade se confirme apenas para CPE com *crer*, já presente no século XVIII, mas não com *parecer*, que só ocorre no século XIX.

O gráfico abaixo ilustra a frequência *type* e *token* das CPE de base verbal encontradas nesta pesquisa.

Gráfico 1: Frequência *type* e *token* das construções parentéticas epistêmicas de base verbal entre as sincronias



Fonte: Elaboração da própria autora.

Embora a CPE *acho* ocorra na amostra a partir do século XX, o seu comportamento sintático-semântico é bastante similar à CPE com *creio*, que, na amostra, ocorre desde o século XVIII.

A consolidação dos *types* encontrados ao longo das três sincronias é representada diacronicamente no quadro abaixo.

Quadro 18: A presença das construções parentéticas epistêmicas de base verbal ao longo das sincronias

XVIII	XIX	XX	XXI
creio que *creio eu*	*julgo* *parece que* *parece*	*acho que* *(eu) acho* *acredito eu* *penso eu* *presumo*	*suponho eu*

Fonte: Elaboração da própria autora.

Constata-se, por meio do quadro acima, que, no século XX, cinco novos *types* de base verbal consolidam-se no PB, o que permite considerar tal século como um período

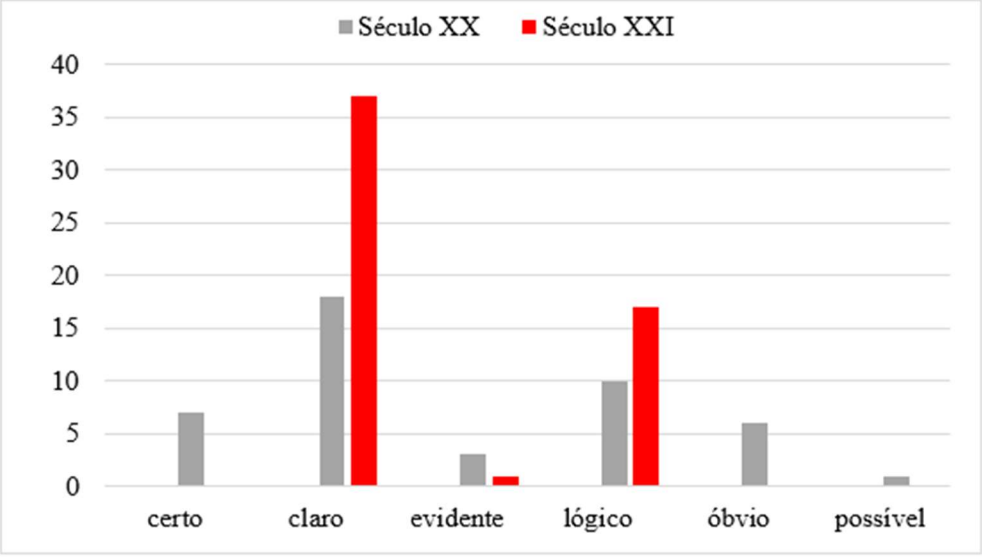
favorável à ampliação do quadro das CPE, devido ao aumento crescente dessas construções.

Entre os dados do século XXI, surge a CPE com o predicado *suponho*, que, nessa sincronia, ao lado de *creio* e *presumo*, totalizam 4 ocorrências em amostras de língua escrita. Na amostra de língua falada, foram encontradas 61 ocorrências de CPE de base verbal, 57 delas realizadas como *(eu) acho* e 4, como *acho que*.

Os dados levantados revelam que, quando comparadas CPE de base verbal às de base adjetival, encontra-se uma trajetória bastante semelhante, visto que ambas apresentam um aumento significativo da frequência *token* no século XX. Em relação às CPE de base adjetival, *(é) claro* é o tipo mais frequente entre as sincronias, com 55 ocorrências, seguido de *(é) lógico*, com 27 ocorrências, e de *é certo*, com 7 ocorrências.

O gráfico abaixo ilustra a frequência *type* e *token* das microconstruções de base adjetival do PB.

Gráfico 2: Frequência *type* e *token* das construções parentéticas epistêmicas de base adjetival entre as sincronias



Fonte: Elaboração da própria autora.

No *continuum* das CPE de base adjetival, percebe-se que, diferentemente das de base verbal que foram descritas acima, no córpus de análise, seus usos passam a ser encontrados a partir do século XX, o que revela uma diferença em relação à frequência *type* por sincronia analisada. O quadro abaixo mostra as microconstruções de base adjetival em cada sincronia.

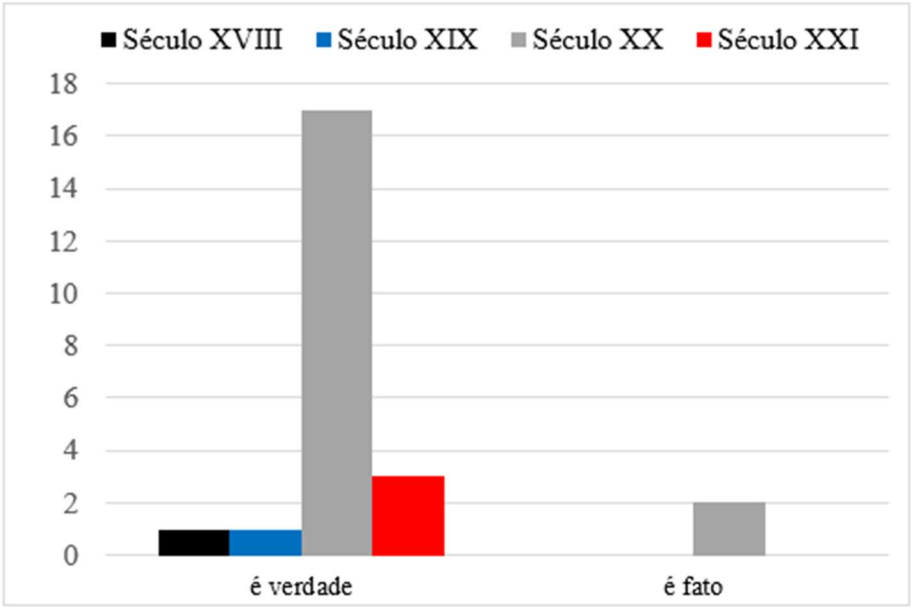
Quadro 19: A presença de construção parentética epistêmica de base adjetival ao longo das sincronias

XVIII	XIX	XX	XXI
Ø		*é claro* *é lógico* *é certo* *é evidente* *é possível* *é óbvio*	*claro* *lógico*

Fonte: Elaboração da própria autora.

A observação da frequência *type* nos séculos investigados permitiu constatar que, das três formas de base, as CPE de base nominal são as menos frequentes, apresentando apenas dois tipos: *é verdade,* com 23 *tokens*, sendo o primeiro a ocorrer já no século XVIII, e *é fato*, com 2 *tokens* identificados na sincronia do século XX, como se vê no gráfico abaixo:

Gráfico 3: Frequência *type* e *token* das construções parentéticas epistêmicas de base nominal entre as sincronias



Fonte: Elaboração da própria autora.

Os gráficos de 1 a 3, com o indicador de frequência das três construções (verbal, adjetival e nominal), revelam que *é verdade* e *é fato* não ganharam força ao longo das sincronias. Entre os tipos de base de CPE, a de base adjetival é a que se encontra mais consolidada no PB. Tal fato se comprova por meio da frequência *token*, que se manteve significativa nas amostras dos séculos XX e XXI. Como apresentado ao longo dessa análise, das 218 ocorrências, 100 *tokens* são das CPE de base adjetival.

Dos quadros (18 e 19) acima, com o período em que cada CPE ocorre no córpus analisado, o século XX é a sincronia que evidenciou o maior número de *types* da amostra. Com base no que se aferiu até aqui, de (42) a (45), abaixo, são apresentadas ocorrências exemplificativas de CPE encontradas ao longo dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI.

(42) V*ossa* Ex*cellenci*a / **creio eu** / mais do que ninguem esta compenetrado destas ver – dades, epor isso com socego, e confiança venho pelo prezente ante V*ossa excellenci*a espor aq*ue* ha a respeito. (Século XVIII – Cartas oficiais - Fernando Paes de Barros - inspetor de estradas)

(43) Do De*zembargad*or Franc*is*co Nunes | da Costa Ouv*id*or da Com*ar*ca dos Ilheos | sobre o autto q*ue* remeteo com ouro | feita **parece** em denun | cia – etc. (Século XIX – Cartas oficiais- O desembargador – Ouvidor da comarca dos Ilhéos – Francisco Nunes da Costa)

(44) A única coisa que faço é não entender nada. Nem isso, nem a proposta com que o orador terminou, para que se faça o contrato definitivo com o dito Fuão Dumas, pagando este à Câmara 100$000 mensais, em vez de receber os 400$000. Mas, repito, tudo isto sem barulho. Pode-se dizer**, é verdade**, que os pontos mais escabrosos deviam ser excluídos da ata, onde se relacionavam os serviços da Câmara, que não são poucos nem fáceis. (Século XX – Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara, Corpus mínimo – Crônicas – Balas de Estalo)

(45) É óbvio que não: partilha ilegítima (não foram consultados), injusta e proporcionalmente estranhíssima (maior e melhor parte da terra para a minoria de judeus recém-chegados ao Oriente Médio). Mas o que é que isso muda agora? O leitor quer a paz ou não? O mundo inteiro (menos Israel, **lógico**) concorda com as fronteiras de 1967, com eventuais arranjos. (Folha.uol – Cartas do Leitor, 03/06/2011, São Paulo – SP)

Por meio da investigação diacrônica, foram encontradas diversas construções de base verbal e adjetival, o que evidencia uma variabilidade de tipos. Entre os diferentes tipos, três se mostram bem consolidados no PB, porque mantiveram ou intensificaram suas

frequências de uso ao longo das sincronias investigadas: *(eu) acho*, que, pode se afirmar, surge somente no século XX, *(é) claro* e *(é) lógico*.

Embora seja parte do grande grupo, a CPE *é verdade* perde força no século XX, fato que a impede de seguir o mesmo caminho dos demais tipos, em termos de consolidação na língua. Na próxima seção apresenta-se a análise da presença/ausência de complementizador e cópula seguida de uma análise construcional que permitirá compreender a consolidação dos tipos de CPE, que são licenciados pelo esquema [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ do PB.

3.2.2 Presença/ausência de complementizador e/ou cópula

Trabalhos como os de Casseb-Galvão (1999; 2000), Gonçalves (2003), Fortilli (2013), Carvalho (2017; 2020) e Gonçalves, Sousa e Dall´Aglio-Hattnher (2019) focalizam usos inovadores de construções parentéticas epistêmicas de base verbal, adjetival e nominal. A convergência dessas análises é o elo entre forma e significado expresso por cada tipo de construção, que, ao se parentetizar, assume estatuto semelhante ao de advérbios modalizadores.

De modo semelhante aos resultados desses autores, nesta investigação constatamos também alguns tipos de CPE de base verbal que, originadas de matrizes de mesmo tipo, preservam o complementizador *que*, como é o caso de *acho que, creio que* e *parece que*.

Esses usos revelam que, possivelmente, o primeiro micropasso da mudança ocorreu em construções ainda com complementizador, porém sem a função de encaixar complemento oracional. Para melhor compreensão desse funcionamento e da gradualidade da mudança que se analisa, é apresentado em (46) o que seriam os dois momentos de uso da construção analisada, (46a) com a presença da CPE com complementizador *que* e (46b) com ausência dele.

(46)

a. É... aí:: ela parÔ::(u) acho que nisso a gente já tinha ido embora porque ela chegô(u) em casa... DIZ Ela que chegô(u) cinco pras seis da manhã NÉ?... daí:: ela saiu:: da casa de::le de ca::rro... foi **acho que** ali no Cris::to... perto do Cris::to e ficô(u).. [BDI - AC - 010 - NE: L. 124]

b. Doc.: éh:: C.… eu gostaria que você me contasse uma história que tenha acontecido com você que você tenha achado engraça::da triste ou constrangedora Inf.: meu casamento éh::… é:: uma situação alegre eu **acho** ((risos)) bom eu::… o meu 5 marido… eu conheci ele ele trabalhava perto da onde eu morava… e ele passava SEMpre por ali a gente ficava olhan(d)o eu e as meninas…[BDI - AC – 028 – NE: L.4]

Na ocorrência (46a), nota-se que *acho que*, embora mantenha o complementizador, está desvinculada da função de oração matriz. Em (46b), a CPE *acho* apresenta ausência de complementizador, atestando uma reconfiguração na construção, que passa a adquirir mais mobilidade sintática, assumindo-se como construção adverbial.

Processo de mudança como esse é explicado em Traugott e Trousdale (2013, p. 36) como envolvendo neoanálise da construção, porque, no caso em análise, *acho que* permite nova interpretação de uma forma já existente (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), cujo novo estatuto passa a se configurar como de advérbio modalizador. Essa configuração sintática se associa ao uso do mesmo tipo de predicado de base, mas sem complementizador, com ambos os tipos cumprindo a mesma função modal e perdendo, o estatuto de oração matriz.

Em (46a), o uso do complementizador que seria dispensável, devido à neoanálise, ou seja, a nova interpretação que permite compreender esses usos como correlatos às expressões adverbiais. Assim, a modalização recai sobre o locativo *ali no Cristo* à sua direita (“foi acho que *ali* no Cristo”), por se tratar do relato de um episódio remoto (distante da consciência do falante), cuja imprecisão de certas informações leva à modalização, um contexto propício à ocorrências desse tipo. Em (47a), exemplo reproduzido de Gonçalves (2003), observa-se o mesmo funcionamento da CPE com o verbo *parecer.*

(47)

a. hoje pode-se fazer o [casamento] religioso com efeitos civis e tal... então mas no/ [nós nos casamos no civil... **parece que** de manhã ... assim por volta de ... dez e meia onze horas por ai]. [NURC/RJ/SET/71] (GONÇALVES, 2003, p. 123)

b. Doc.: hum igual aquele ali? ((se referindo ao retrato))
Inf.: é daquele ali ((se referindo ao retrato))... sei lá como chama aquela roupa lá...((risos)) Doc.: beca? Inf.: é... e tem uns perfume dele lá... tem::... uma cômoda pequena a cama dele e um aquário lá Doc.: um aquário?... quê que tem no aquário? Inf.: tem umas pedra e achei um pe(i)xe lá... (**parece**) uma cobra ((Doc. e Inf.: risos)) Doc.: e por fora?... como é sua casa por fora? [BDI - AC - 057 – DE: L.241]

Para Gonçalves (2003), em ocorrências como essas, verifica-se que as CPE de base verbal *acho que* e *parece que* podem ser empregadas livremente, não havendo obrigatoriedade sintática de sua realização no enunciado. Essa construção parentética em posição medial, segundo o autor, "caracteriza-se pela presença do complementizador atrelado à construção, não introduzindo um complemento oracional, mas apenas um constituinte da oração" (GONÇALVES, 2003, p. 123).

Com base em Brinton (2008), a mobilidade sentencial e a independência sintática podem ser observadas prosodicamente, por meio de pausas e rebaixamento de entonação, o que ocorre nos usos em (46a) e (47a), em que o locutor, ao pronunciar tais construções, faz pausas entoacionais que são marcadas, na transcrição do texto falado, por reticências: *... parece que* e*... foi acho que*.

Pode-se afirmar que essas construções se consolidam no PB por meio de um pareamento distinto, no entanto, embora se diferenciem em sua forma, apresentam o mesmo significado daqueles tipos correspondentes que ocorrem sem complementizador.

Diante dessa constatação inicial, para reforçar a interpretação de que CPE sem complementizador se originam do uso parentético com presença de complementizador *que*, investigou-se, no córpus, a existência de CPE com a presença de *que*, para verificar a frequência e quais delas se originaram primeiro. Encontram-se, no córpus, 9 ocorrências de CPE com essa configuração, todas de base verbal, em contextos bastante semelhantes aos analisados em (46) e (47).

O resultado dessa investigação diacrônica é o mostrado na tabela 4.

Tabela 4: Presença de complementizador em construções parentéticas epistêmicas ao longo das sincronias do PB

CPE	século XVIII	século XIX	século XX	século XXI	∑
acho que	-	-	-	4	4
creio que	1	-	1	-	2
parece que	-	1	-	2	3
∑	1	1	1	6	9

Fonte: Elaboração da própria autora.

Por meio da tabela acima, nota-se um aumento sutil na frequência de uso de CPE com complementizador: entre os séculos XVIII e XIX, a quantidade é a mesma, e no século XXI, a frequência é mais alta, totalizando 6 ocorrências. Com base nesses dados, constata-se que a CPE *creio que* vem ocorrendo desde a formação do PB, enquanto *acho que* ocorre somente a partir do século XXI.

Abaixo, na ocorrência (48), observa-se que a construção *creio que* poderia ser apagada sem causar problema sintático ao enunciado a que ela se liga. Atesta-se, por meio dos dados em análise, que a primeira ocorrência encontrada em amostra de língua escrita apresenta um primeiro micropasso para a consolidação das CPE.

(48) No tempo de Hedberg, alem delle havia hum Escrivaõ com 300 [$] [r*eis*] hum Guarda Livros com 300 [$] [r*eis*] hum Guarda de Armazens com 200 [$] [r*eis*] hum Thesoureiro em Sorocaba om 200 [$] [r*eis*] hum Cirurgiaõ com 180 [$] [r*eis*], salvooerro, hum Boticario com 75 [$] [r*eis*] e certo numero de feitores. [espaço] A companhia Sueca constava do Director, dehum Mestre maquinista, de dois ferreiros, emais 5 homens, ehum interprete, q*ue* recebiaõ annualmente **creio q*ue*** 17½ mil cruzados conforme seus ajustes. (Século XVIII – PHPP – Memória econônima e metallurgica sobre a fábrica de ferro de Ypanema Sorocaba. Simões – Sorocaba)

Além de representar no córpus o primeiro exemplar em processo de mudança, comprova-se que a construção *creio (que)* pode ter servido de base para o surgimento de outros exemplares em contextos de parentetização, como *parece que* na ocorrência a seguir:

(49) Eu falei que nunca fui magro, né? Pois é, mas desde janeiro resolvi fazer algo a respeito. Aos poucos, aprendi a gostar de esteira e a cortar excessos — confesso, às vezes era uma pizza inteira. Sem nem saber, eu estava reprogramando minha cabeça de gordo. Dez quilos depois sem recaídas, o rehab **parece que** funciona. Quer tentar? Nesta edição você pode descobrir como dar o primeiro passo. Bom apetite (Século XXI – *Revista Galileu* – Cartas ao leitor - Eu, você e as nossas calorias)

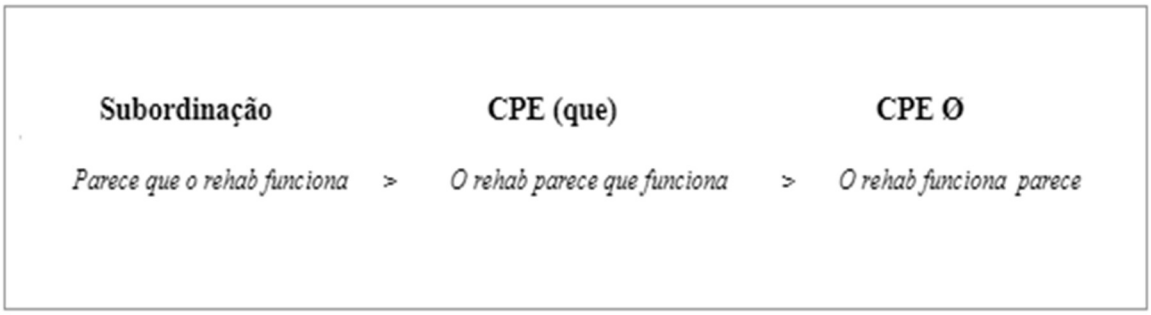
Embora, segundo Gonçalves (2003, p. 124), seja possível dizer que há "casos de topicalização de sujeito da oração encaixada, colocado em posição anteposta ao verbo", a partir dos dados encontrados, considera-se que ocorrências como em (49), em que a construção aparece após o sujeito, dão evidência de CPE com complementizador *que* e não a presença de topicalização e/ou alçamento, como sugere Gonçalves (2017), ao tratar casos como esses como de topicalização de constituinte ou de Alçamento[40] e considerar que "variantes com Alçamento de predicados matrizes epistêmicos raramente ocorrem com oração encaixada na forma infinitiva".

Conforme o autor, o critério para ocorrência de Alçamento não está restrito à redução da oração subordinada de finita a infinitiva quando o argumento é alçado, como em *Parece que o rehab funciona > O rehab parece funcionar*. No entanto, ao analisar os contextos em que tais construções ocorrem, o que se reconhece, em usos como em (49), é a existência de uma CPE, cuja possibilidade de análise a partir de conceitos como alçamento e/ou topicalização é inteiramente descartada, visto que não há apenas um sujeito topicalizado, mas toda uma sentença em evidência. Assim, compreendendo que a CPE sempre incidirá em orações com forma finita, constata-se que, em (49), não há caso de topicalização ou alçamento, mas de parentetização, se se considera estrutura semelhante com *achar que* e à qual não caberia a interpretação como sendo de alçamento.

A trajetória a seguir ilustra o caminho traçado por essas construções modais no processo de mudança.

[40] Gonçalves (2017), ao considerar *Alçamento* sob perspectiva sociofuncionalista, define-o, inicialmente, a partir de Noonan (2007), que considera a existência de um processo por meio do qual argumentos são removidos de suas predicações, resultando uma estrutura de complementação de tipo não sentencial. Assim, o movimento de argumento de uma sentença de nível mais baixo para uma de nível mais alto, caracteriza-se como *Alçamento*. Diferentemente dessa interpretação, em vez considerar que o argumento de predicado encaixado é removido de sua posição argumental para a periferia à esquerda da oração matriz, prefere-se a interpretação de que a oração matriz é que tem a sua posição alterada para o meio da sentença.

Figura 15: A trajetória de mudança das construções parentéticas epistêmicas de base verbal com o predicado *parecer*



Fonte: Elaboração da própria autora.

Como mostrado em Gonçalves (2003), a sequência [verbo+complementizador] parece romper a estrutura canônica da oração, levando o ouvinte a uma reinterpretação induzida pelo contexto. Assim, "procedida a reanálise, o complementizador, não mais funcional sintaticamente, é apagado e mais claramente o "verbo" assume propriedades de satélite" (GONÇALVES, 2003, p. 124). Com os demais *types* desse conjunto de CPE o fenômeno ocorre de modo distinto, apresentando a característica de estarem após o predicado verbal, como nas duas ocorrências abaixo.

(50) Inf.: oito... doEU... assim::... o que doeu mais foi na hora do pon::to... que eu acho que... na hora que eu machuquei num:: foi muita dor não.
Doc.: não?... e depois? você ficô(u) de repo::uso?
Inf.: fique::i **acho que**:: uma semana um mês uma semana... eu num sei se/ eu acho que já tava pra chegá(r) as férias aí eu acho que eu fiquei uma semana... duas... sem í(r) na escola... mas foi um MÊS de repo::uso... [BDI – AC – 009 – NE: L. 109]

(51) Muita gen::te né? depois:: de adolescen::te assim... confia muito mais nos::... ami::gos né?...que eles cha::mam né? de aMIgos... do que:: nos PAIS só que eles são **acho que** mui::to erra::do... porque:: os melhores amigos MESmo né?... pode sê(r) considerado amigo... é os PAis né?... que são aqueles que sempre que deu fo::rça... apo::io né?... [BDI – AC – 011 – RO: L. 257]

Em relação às CPE de base adjetival e nominal, na busca por usos como os descritos acima, cuja forma apresenta o complementizador *que*, não se encontraram no córpus ocorrências que poderiam revelar um primeiro passo para essa mudança. No entanto,

presume-se que, da mesma forma que ocorre com as de base verbal, o processo gradual também ocorre com os demais tipos originados de matrizes de base nominal e adjetival, que, por analogização aos de base verbal, reproduziriam os mesmos micropassos de mudança, mantendo elo de herança mais explícito com as construções matrizes de que se originam

Considerando que o esquema genérico pode ser reconhecido como [([EU]) $[PRED]_{verbal}$ ([EU]) ([que])]$_{CPE}$, têm-se a seguinte trajetória de mudança:

(i) uso conservador: [([eu]) $[PRED]_{verbal}$ ([eu]) [que]]$_{matriz}$
(ii) uso intermediário: [([eu]) $[PRED]_{verbal}$ [que]]$_{parentético}$
(iii) uso inovador: [([eu]) $[PRED]_{verbal}$ ([eu])]$_{parentético}$

O uso conservador é caracterizado pelo encaixamento sintático entre oração matriz e subordinada, e quando se inicia o processo de mudança, visualiza-se o uso intermediário marcado pela parentetização da construção matriz. Posteriormente, ao passar por neoanálise a construção perde o complementizador que e adquire maior mobilidade sintática, o que caracteriza um novo uso na língua.

Quando se compara a frequência das CPE com a presença do complementizador *que* com as que não o apresentam, tem-se os seguintes resultados:

(i) em relação a alternância entre [acho *que*] ~ [acho], ambos ocorrem nos séculos XX e XXI, porém com frequência distintas, uma vez que a ausência do complementizador é muito mais frequente no século XXI, totalizando 57 ocorrências em contraste com apenas 4 ocorrências de *acho que*.

(ii) a *mudança construcional* pode ser observada a partir da alteração da forma da construção [([eu]) [PRED] ([que])]$_{parentético}$, a qual assume o funcionamento de parentético modal sem a presença do complementizador *que*.

(iii) CPE com o complementizador *que* é um forte indício de que esse seja o contexto que faz emergir CPE, para, em seguida, licenciarem padrões de uso sem o complementizador e em qualquer posição do enunciado, também no século XVIII.

(iv) as amostras indicam que os usos [(eu) creio *que*] ~ [(eu) creio (eu)] possivelmente surgiram no século XVIII, e seguem disponíveis aos interlocutores. No entanto, no século XIX não foi encontrada ocorrência de *creio* sem o complementizador e, no século XXI, apenas ele se sobressaiu, não sendo encontrado nenhum dado de *creio que* parentético.

(v) o uso variante das CPE [parece *que*] ~ [parece] ocorre no século XIX, porém sem nenhum valor significativo que indique a preferência entre uma ou outra, visto que nesse século registram-se uma ocorrência de *parece que* e duas sem o complementizador *que*. No século XX, há apenas uma ocorrência com o uso de complementizador e, no século XXI, duas ocorrências que são representativas de *parece que*.

(vi) não se encontraram ocorrências das CPE *acredito*, *julgo*, *penso*, *presumo* e *suponho* com presença de complementizador em contexto de parentetização.

Com base nas análises acerca da presença e ausência do complementizador nas CPE, e a evidência de um primeiro micropasso no processo de mudança, analisam-se, a partir de agora, a presença ou ausência de cópula entre as CPE de base nominal e adjetival encontradas no córpus. Essa análise permite, para esses tipos, a compreensão dos micropassos da mudança, os quais não ocorrem de forma abrupta, mas gradual.

A tabela abaixo apresenta a quantidade de ocorrências com e sem cópula ao longo do século XX e XXI, sincronias em que aparecem esses tipos de CPE no PB.

Tabela 5: A presença ou ausência de cópula em construções parentéticas epistêmicas de base nominal e adjetival nos séculos analisados

SÉCULOS	CPE COM CÓPULA	CPE SEM CÓPULA	Σ
XX	44	1	45
XXI (escrita)	7	16	23
XXI (fala)	5	27	32
Σ	56	44	100

Fonte: Elaboração da própria autora.

Por meio dos dados acima, nota-se o aumento de frequência de CPE sem cópula no século XXI, totalizando 44 ocorrências, sincronia em que também se verificam usos em que a cópula está presente. Para melhor descrição, o quadro abaixo mostra quais *types* ocorrem sem cópula dentro da amostra analisada.

Quadro 20: A presença ou ausência de cópula em tipos de construções parentéticas epistêmicas de base adjetival

USO/NÃO USO DA CÓPULA (É)	PREDICADOS DE BASE
Presença	Claro, lógico, certo
Ausência	Claro, lógico, óbvio, evidente, possível

Fonte: Elaboração da própria autora.

O quadro acima traz os predicados de base de CPE passíveis de ocorrerem com cópula e sem cópula do PB. Nota-se que, dentre as ocorrências, os *types claro* e *lógico* variam entre presença ou ausência de cópula. Por outro lado, *óbvio*, *evidente* e *possível* só ocorrem sem a cópula em sua composição.

Em Fortilli (2013), essas duas configurações são caracterizadas, respectivamente, como *uso conservador* e *uso inovador*. Segundo a autora, "diante dessa variação, é possível pensar que, para as estruturas mais gramaticalizadas, a verbalização (ou não) da cópula não é mais relevante, pois o significado independe da presença ou ausência desse mecanismo" (FORTILLI, 2013, p. 114).

A tabela abaixo apresenta os resultados acerca das CPE com cópula e sem cópula. Dos 126 *tokens* devidamente comprovados, 80 apresentaram cópula em sua composição e em 46 houve o apagamento dela.

Tabela 6: Presença ou ausência de cópula nas construções parentéticas epistêmicas entre as microconstruções

CÓPULA / TYPE	Século XVIII		Século XIX		Século XX		Século XXI		Σ	
	é	***Ø***	***é***	***Ø***	***é***	***Ø***	***é***	***Ø***	***é***	***Ø***
(é) claro[41]	-	-	-	-	17	1	9	28	26	29
(é) lógico	-	-	-	-	10	-	1	16	11	16
(é) certo	-	-	-	-	7	-	-	-	7	0
é óbvio	-	-	-	-	6	-	-	-	6	0
é evidente	-	-	-	-	3	-	1	-	4	0
é possível	-	-	-	-	1	-	-	-	1	0
é verdade	1	-	1	-	17	-	3	-	22	0
é fato	-	-	-	-	2	-	-	-	2	0
Σ	**1**		**1**	**-**	**63**	**1**	**14**	**44**	**78**	**45**

Fonte: Elaboração da própria autora.

Como se observa na Tabela 6, ao longo das sincronias, CPE de base adjetival oscilam quanto à presença de cópula, enquanto as de base nominal sempre a preservam. Do grupo, apenas dois tipos apresentam comportamento variável no último período do PB, *(é) claro* e *(é) lógico*, ambos com tendência ao apagamento da cópula. CPE com predicado *claro* é um pouco mais resistente a essa tendência (9/37 ocorrências com cópula), quando comparadas com as formadas por *lógico*, que, quase categoricamente, ocorrem se o recurso da cópula (16/17 casos).

Sobre os demais tipos de predicados (*certo*, *evidente* e *verdade*), a considerar o uso categórico com cópula no século XX e a escassez de dados no século XXI, pode se considerar que a tendência, no último período, é a de preservação da cópula

[41] A cópula entre parênteses indica que, na CPE, ela pode ou não ocorrer, diferentemente dos demais tipos em que a cópula é representada fora dos parênteses, porque sua ocorrência é categórica.

Em relação à modalidade em que tais dados ocorrem, é notória a tendência de CPE sem cópula aparecerem mais em dados de língua falada, com a CPE *claro* sendo a mais frequente, com 13 ocorrências, na comparação com *é claro*, que conta apenas com 3 dados. Dos 17 *tokens* de *(é) lógico*, na modalidade falada, 14 ocorrem sem o uso de cópula. Acerca das CPE *é verdade* e *é fato*, constata-se que são típicas da modalidade escrita, pois dos 24 dados encontrados, apenas uma ocorreu em língua falada.

A análise da presença ou ausência de cópula entre as sincronias atesta a tendência que Fortilli (2013) apresenta acerca dessas construções. Abaixo segue a gradualidade da mudança entre as CPE de base adjetival.

(i) uso conservador: [[COP] [PRED]$_{\text{adjetival}}$ [que]]$_{\text{matriz}}$
(ii) uso intermediário: [([COP]) [PRED] $_{\text{adjetival}}$ [que]]$_{\text{matriz}}$
(iii) uso inovador: [([COP]) [PRED] $_{\text{adjetival}}$]$_{\text{parentético}}$

O uso conservador da construção de base adjetival também é marcado pelo encaixamento sintático, assim como as construções de base verbal e nominal. O primeiro passo da mudança pode ser observado quando ocorre alternância de ausência e presença de cópula, o que se caracteriza nesta pesquisa como uso intermediário da construção. Quando passam por neoanálise, essas construções deixam de funcionar como predicados adjetivais, perdem o complementizador que e adquirem mobilidade sintática. A presença ou ausência de cópula no contexto intermediário não evidencia diferença na função que as CPE exibem na língua.

Para observação desses padrões dentro de contextos reais de comunicação, a seguir, apresentam-se ocorrências que representam o uso conservador, em (52), o uso intermediário, em (53), e o uso inovador em (54), (55) e (56):

(52) Assim como muito bem discorreu, na Folha, Maurício Fiore ("Tendências/Debates", 28/5), creio numa certa irracionalidade na intolerância ao pensamento diverso. Permitir a Marcha da Maconha seria como permitir manifestações pelo aborto ou pela pena de morte. Cenas típicas de ditadura não devem ser mais aceitas pela sociedade. **É óbvio que** o Estado deve seguir o protesto da marcha de perto e não permitir afronta aos que pensam de outra forma. Mas, de uma vez por todas, precisamos ver e ouvir todas as diferentes visões sobre os mais variados temas, só assim poderemos evoluir socialmente. (Cartas ao leitor – Antônio Palocci, Marcha da maconha, alcoolismo, Ustra - Folha.com)

(53) **Claro que** serão anos muito difíceis para o país, mas, como ocorreu na Argentina, com um plano independente e desenvolvimentista, poderá recuperar sua economia e sua autoestima. (Leitor comenta com ceticismo crise grega - Cartas ao leitor - Folha.com)

(54) Quando terminei o filme, olhei em volta e me vi sozinho, deitado, sem sono, e sem vontade de fazer nada. Já estava assim há três dias. Não por tristeza ou algo do tipo. Pelo contrário. Me sinto confortável, e consigo assumir sem culpa que essa condição também faz parte da minha natureza humana. Ficar sozinho, fazendo nada, por mais que pareça um desperdício de existência, a cada dia se torna uma das minhas atividades favoritas. Também amo ver pessoas, encontrar amigos, viajar e me divertir de diversas formas, **é claro.** Mas é um estilo de vida cansativo. (Carpie diem? - Cartas ao leitor - Revista Subjetiva)

(55) TODO dia... lo::gicamente que perceBEU... que o colchão estava invertido... e pra num dá(r) e pra piorá(r) a situação tava com aquele perfume... MUITO FORTE da menina entendeu? e a mãe dele perceBEU aquele perfume **é lógico**... aí a mãe dele começô(u) a pressioná(r) ele a pressioná(r) ele até que ele disse que foi…[BDI – AC – 055 – NR: L. 79]

(56) Inf.: hum... tem um amigo meu ele chama U.... ele TEM a fama de sê(r) meio garanhão:: tal:: volta e meia ele leva umas menina pra casa de::le... aí teve uma ca::so que ocorreu assim... teve uma vez que ele chegô(u) ne mim desespera::do... falan(d)o –"M. M....pelo amor de Deus... se a minha mãe perguntá(r)... DI::Z... que on/ ah:: na noite anterior você estava em casa comi::go tal porque aconteceu um negócio lá deu rolo e ela descobriu um negócio que eu fiz"–... e eu curioso **LÓ::gico** perguntei pra ele o que ele tinha feito né?... [BDI – AC – 055 – NR: L. 79]

Ao analisar a presença ou ausência de cópula entre as CPE de base nominal, nota-se que, embora ela expresse o mesmo funcionamento das demais, não há o apagamento de cópula em nenhum momento. No entanto, percebe-se que, como efeito analógico da mudança ocorrida com as CPE de base verbal e adjetival, nas de base nominal ocorre o desaparecimento do complementizador *que.* Um mesmo percurso pode ser estendido para dar conta das CPE de base nominal:

(i) uso conservador: $[[\text{COP}]\ [\text{PRED}]_{\text{nominal}}\ [\text{que}]]_{\text{matriz}}$
(ii) uso inovador: $[[\text{COP}]\ [\text{PRED}]_{\text{nominal}}]_{\text{parentético}}$

A seguir, são apresentados alguns usos dos dois padrões acima. Em (57) apresenta-se o uso conservador da construção de base nominal e em (58) o uso inovador.

(57) Seu intimo amigo e coniventes **é verdade que** ellas naõ foraõ ainda aprovadas, mas espera-se que agora o sejaõ, e naõ tenhaõ a mesma sorte que outra ora tiveraõ as mal dirigidas deligencias do incansavel Antonio d'Arr*ud*a e Amaral, que achou no Cap*ita*m Ioze Corr*ei*a, hoje seu mais cordial amigo a m*es*ma opposiçaõ. (Livro de Notas / Lançamento de Sesmaria – PHPP - Século XIX)

(58) Enfim, 1968 não foi um ano qualquer — outros tiveram imensa relevância, **é verdade**, como 1848, o da Primavera dos Povos na Europa; ou 1989, o ano da queda do Muro de Berlim. Mas nenhum deles ecoou tanto…(Um grande ano para Veja - Carta ao Leitor, Revista Veja Abril)

A partir dessas ocorrências, é possível visualizar a gradualidade da mudança com base na ausência de cópula das CPE adjetivais seguida da ausência de complementizador nos três tipos de CPE.

Figura 16: Presença/ausência de cópula e complementizador

TIPO DE CPE	USO CONSERVADOR	USO INOVADOR
Verbal	[([EU]) [PRED]$_V$ ([EU]) **[que]**]$_{MATRIZ}$	[([EU]) [PRED]$_V$ ([EU]) ([que])]$_{CPE}$
Adjetival	[[COP] [PRED]$_{ADJ}$ **[que]**]$_{MATRIZ}$	[([COP]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE}$
Nominal	[[COP] [PRED]$_N$ **[que]**]$_{MATRIZ}$	[[COP] [PRED]$_N$]$_{CPE}$

Fonte: Elaboração da própria autora.

No *cline* acima, o uso conservador é marcado pela presença indispensável de complementizador nos três tipos de CPE. As CPE de base verbal, diferentemente das demais, pode funcionar com ausência e presença de complementizador.

Nas CPE de base adjetival, a ausência de cópula é o primeiro passo da mudança seguida do apagamento de complementizador em contextos de parentetização. As CPE de base nominal têm uso indispensável de cópula e ausência de complementizador apenas no contexto inovador.

3.2.3 A manifestação de primeira pessoa nas construções parentéticas epistêmicas de base verbal originadas de matrizes de orações objetivas

A análise das CPE de base verbal originadas de matrizes de orações objetivas trouxe a comprovação de variação da posição ocupada pelo pronome *eu*. A tabela 7 mostra os resultados da investigação da posição do sujeito em 56 dados[42] de CPE com pronome explícito.

Tabela 7: Manifestação de sujeito nas construções parentéticas epistêmicas de base verbal

SÉCULOS	ANTEPOSTO	POSPOSTO	Σ
XVIII	-	1	1
XIX	-	-	-
XX	7	8	15
XXI (escrita)	-	2	2
XXI (fala)	38	-	38
Σ	45	11	56

Fonte: Elaboração da própria autora.

Na tabela 7, observa-se que, entre as CPE de base verbal com sujeito explícito, 45 apresentaram sujeito anteposto e 11, sujeito posposto. No século XVIII, embora com escassez de dados, evidenciou-se a manifestação de sujeito posposto. No século XIX, não se registram ocorrências com manifestação de sujeito, e, no século XXI, o sujeito ocorre preferentemente anteposto.

O resultado para o século XXI revela que CPE de base verbal se consolidam sem sujeito explícito, fenômeno que pode ser interpretado como associado ao apagamento de cópula das CPE de base adjetival. Na busca por um maior detalhamento do uso pronominal, investigou-se quais os *types* apresentam alternância na expressão de sujeito [eu]. Abaixo seguem alguns resultados.

[42] Para análise da presença/ausência de sujeito, desconsideram-se os *types parece que* e *parece*, pelo fato de não apresentarem sujeito em sua composição.

Quadro 21: A posição do sujeito em construções parentéticas epistêmicas de base verbal

POSIÇÃO/EXPRESSÃO DE SUJEITO	*TYPES*
Anteposto	creio, acho
Posposto	creio, acredito, penso, suponho
Desinencial	creio, acho, julgo, presumo, acho que, creio que

Fonte: Elaboração da própria autora.

O quadro acima permite a compreensão de que, ao longo da evolução diacrônica, a maioria das CPE deixa de exibir o pronome lexical de 1a. pessoa, mantendo na construção apenas a desinência verbal *-o* como marca de expressão de 1a. pessoa. Dos usos que apresentam tal variação, *creio* é a única CPE em que ocorre as três possibilidades de expressão do sujeito anteposta, posposta e desinencial, seguida da construção *acho* que varia entre anteposição e a manifestação apenas pelo morfema de pessoa do verbo.

CPE com *acredito, penso* e *suponho* não apresentaram variação pronominal no córpus, ocorrendo todas com pronome posposto. Em relação à quantidade de *types* que ocorrem apenas com a marca de sujeito desinencial, constata-se um grupo considerável de CPE em processo de gramaticalização, ao lado da construção *parece,* que, por ser impessoal, nunca expressa sujeito.

Quadro 22: Posição de [EU] em construções parentéticas epistêmicas de base verbal

POSIÇÃO DE [EU]	Século XVIII	Século XIX	Século XX	Século XXI
Anteposição	-	-	eu acho eu creio	eu acho
Posposição	creio eu	creio eu	acredito eu creio eu penso eu suponho eu	creio eu

Fonte: Elaboração da própria autora

Os quadros acima revelam que a posposição é exclusiva de CPE com *acredito*, *creio*, *penso* e *suponho*.

A partir dessas análises, presume-se que a alternância entre anteposição e posposição esteja associada ao rebaixamento de tessitura, que pode ser observado nas CPE *penso eu* e *creio eu*, por exemplo.

Embora essa hipótese ainda careça de comprovação por meio da análise prosódica, é possível que o mapeamento do contorno entoacional desse tipo de construção revele efeitos mais subjetivos, no sentido de o falante mitigar ainda mais o posicionamento diante do que afirma.

3.2.4 Expressão tempo-modo das orações associadas às construções parentéticas epistêmicas

Para ampliar a compreensão dos contextos sintáticos que se associam a cada construção, foram mapeados os tempos e modos verbais das orações escopadas pelas CPE.

Os resultados são mostrados nas tabelas 8, 9 e 10.

Tabela 8: Tempo-modo das orações associadas às construções parentéticas epistêmicas de base verbal do português brasileiro

Tempo-modo CPE	Pret.Perf. Ind.	Pret.Imp. Ind.	Pret.+Q. Perf.Ind.	Pret.Imp. Subj,	Pres. Ind.	Pres. Subj.	Fut.Pres. Ind.	Fut.Pret. Ind.	Σ
(eu) creio (eu)	-	-	1	-	7	-	3	-	11
(eu) acho	16	2	-	-	38	1	2	2	61
julgo	-	-	-	-	-	-	1	-	1
acredito eu	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Presumo	-	-	-	-	3	-	-	-	3
Suponho (eu)	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Penso (eu)	1	-	1	-	2	-	-	-	4
Parece	1	-	-	-	2	-	-	-	3
Acho que	3	-	-	-	1	-	-	-	4
Creio que	-	1	-	-	-	1	-	-	2
Parece que	-	1	-	-	1	-	1	-	3
Σ	21	4	2	1	55	2	7	2	94

Fonte: Elaboração da própria autora.

A tabela acima mostra que a expressão tempo-modo das orações associadas às CPE de base verbal é bastante ampla, pois foram identificados 8 contextos distintos associados às construções parentéticas, o que é um indicativo de que a avaliação modal, como sempre uma instância de tempo presente, é indiferente ao valor temporal do conteúdo comunicado sobre o qual ela incide.

No entanto, como se observa nos resultados apurados, o tempo de presente do indicativo das orações escopadas pelas CPE prevalece sobre os demais (55/94 ocorrências), seguido do pretérito perfeito do indicativo (18/94 ocorrências).

Entre as CPE de base verbal que expressam sujeito, a com *acho* pode ser considerada a mais generalizada, porque a maior variabilidade temporal das orações com que combinam (*presente do indicativo*, *presente do subjuntivo*, *futuro do presente do indicativo*, *futuro do pretérito do indicativo*, *pretérito perfeito do indicativo* e *pretérito imperfeito do indicativo*) revela de contextos de uso mais generalizados.

A tabela 9 apresenta a expressão tempo-modo das CPE de base adjetival analisadas nesta pesquisa:

Tabela 9: Tempo-modo das orações associadas às construções parentéticas epistêmicas de base adjetival do português brasileiro

CPE / Tempo-modo	*(é) claro*	*(é) lógico*	*(é) certo*	*(é) evidente*	*(é) óbvio*	*(é) possível*	Σ
Pret.Perf.Ind.	4	7	2	1	2	-	16
Pret.Imp.Ind.	5	4	2	-	-	1	12
Pres.Ind.	39	15	3	3	2	-	62
Pres.Subj.	2	-	-	-	-	-	2
Fut.Pres.Ind.	3	1	-	-	-	-	4
Fut.Subj.	2	-	-	-	-	-	2
Fut.Pret.Ind.	-	-	-	-	2	-	2
Σ	55	27	7	4	6	1	100

Fonte: Elaboração da própria autora.

A expressão temporal das orações associadas às CPE de base adjetival também mostrou ampla variedade, com também o presente do indicativo prevalecendo sobre os demais tempos-modos.

Ao verificar quais tipos se associam a um maior número de contextos, constata-se que CPE com *claro* é a mais generalizada, porque, além de ser o tipo mais frequente (55/100 ocorrências), associa-se a orações com maior variabilidade tempo-modo (*presente do indicativo*, *pretérito imperfeito do indicativo*, *pretérito perfeito do indicativo*, *presente do subjuntivo*, *futuro do presente do indicativo* e *presente do subjuntivo*), seguida de CPE

com *lógico* que se associam a orações com quatro tempos-modos distintos, e de CPE com *óbvio* e *certo*, que se associam a apenas três tempos-modos distintos das orações que escopam. Abaixo, segue a tabela 10 com as constatações acerca dos contextos associados às CPE de base nominal do PB.

Tabela 10: Tempo-modo das orações associadas às construções parentéticas epistêmicas de base nominal do português brasileiro

CPE Tempo-modo	*é verdade*	*é fato*	Σ
Pret.Perf.Ind.	11	1	12
Pres.Ind.	8	1	9
Fut.Pres.Ind.	2	-	2
Fut.Pret.Ind.	1	-	1
Σ	22	2	24

Fonte: Elaboração da própria autora.

Em relação ao tempo-modo das orações associadas às CPE de base nominal, constatam-se quatro possibilidades apenas: *presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, futuro do presente do indicativo* e *futuro do pretérito do indicativo*, o que pode ser explicado pela restrita variedade de tipos.

Ao comparar as duas microconstruções de base nominal, *é verdade* pode ser considerada tipo mais constitucionalizado, por, além de maior frequência *token*, associar-se a orações com todos os quatro tipos de tempo-modo possíveis para a classe de base de que faz parte, enquanto *é fato* ocorre com apenas dois (*presente do indicativo* e *pretérito perfeito do indicativo*).

Em relação ao tempo-modo das orações associadas, diferentemente das de base verbal e adjetival, CPE de base nominal tendem a ocorrer mais com orações que expressam tempo de passado (13/24 ocorrências) do que com as de tempo presente (13/24). Essa distinção se explica pela nuance modal de certeza de *é verdade* e *é fato*, que tendem a incidir mais sobre orações que expressam eventos passados acerca dos quais a verdade da proposição pode ser mais facilmente asseverada.

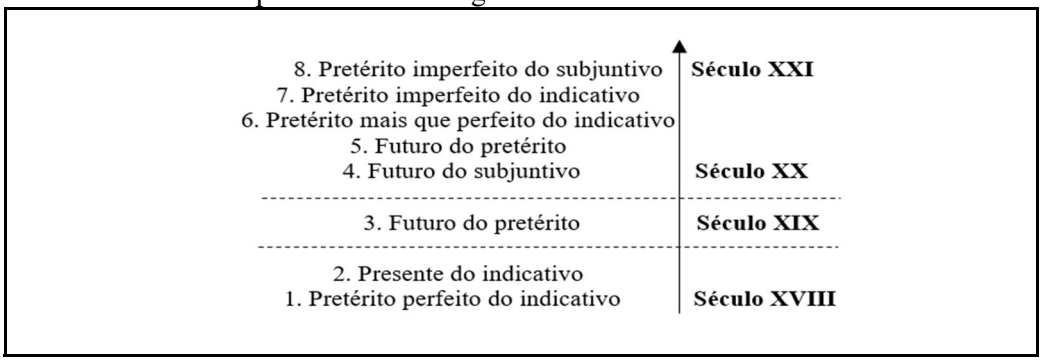
Observe as duas ocorrências a seguir:

(59) Agora, com a entrada de mais seis cursos o que elevou para vinte e três as modalidades colocadas sob a mira da pesquisa, a Usp sofreu uma queda considerável. Manteve, **é verdade**, doze primeiros lugares na graduação e chegou a somar duas novas lideranças às dez que conquistara na pós-graduação no ano passado. mas foi pouco. (Século XX – Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara, Corpus mínimo – Revista Veja)

(60) Makoto Nakazono era o único com poder para dizer não à chacina, mas a desejava mais que ninguém como única maneira de livrar-se daquele garoto incômodo que lhe roubara uma hostess e uma gueixa. Livrou-se do garoto, **é fato**, mas não dos fantasmas que ele deixou. Estava condenado a atravessar a vida com dois chifres enfeitando-lhe a cabeça e com o legendário pau de Christopher para sempre atravessado na garganta. (Século XX – Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara, Corpus mínimo – Revista Veja)

Em (59), a CPE *é verdade* torna possível enfatizar, com algo grau de certeza, que as proposições contidas nas orações "*manteve doze primeiros lugares na graduação"* e "*chegou a somar duas novas lideranças"* são verdadeiras. Do mesmo modo, em (60), a CPE *é fato*, inserida após a oração "*livrou-se do garoto"*, reforça a certeza da verdade da proposição. Para constatar a ampliação dos contextos de uso das CPE do PB, buscou-se identificar diacronicamente qual tempo-modo das orações associadas às CPE predominam ao longo do tempo. É o que segue mostrado na figura 17.

Figura 17: Expressão tempo-modo das orações associadas às construções parentéticas epistêmicas ao longo das sincronias analisadas



Fonte: Elaboração da própria autora.

A partir da figura acima, constata-se que, no século XVIII, as CPE restringiam seu escopo a orações no *presente do indicativo* e *pretérito perfeito do indicativo*. No século XIX, passa a escopar orações no *futuro do pretérito do indicativo*, e no século XX amplia o escopo para cinco novos contextos: *pretérito imperfeito do subjuntivo*, *pretérito*

imperfeito do indicativo, pretérito mais que perfeito do indicativo, *futuro do pretérito* e *futuro do subjuntivo.* Nesse sentido, ao longo do tempo, as CPE foram ampliando seus contextos de uso, passando a admitir combinação com orações de tempo-modo diferentes. Com o aumento da frequência de uso das CPE em diferentes contextos, há a consolidação dessas construções no PB, pois, por escoparem um maior número de ocorrências, cristalizam-se como um padrão adverbial modal.

3.2.5 Posição das construções parentéticas epistêmicas no enunciado

No português, a ordem preferida dos elementos na oração segue a ordenação canônica S-V-O. No entanto, a estruturação da sentença passou a ser descrita por estudos como os de Guillaume (1966), em termos de relevo cognitivo.

Para o autor, nenhum pensamento ou ação seria possível se a percepção apresentasse todas as estruturas em um mesmo plano. Essa interpretação sugere que, no uso da linguagem, alterações de ordem podem indicar algumas intencionalidades por parte do locutor, seja de enfatizar informação considerada mais importante ou de atenuar comentários e opiniões ao longo do enunciado. Essa premissa contribui com as análises aqui realizadas, pois, a depender da posição assumida pelas CPE, é possível reconhecer os processos de (nter)subjetivização que serão descritos na seção de análise do significado/função. O estudo da posição das CPE revela algumas tendências que diferenciam os três tipos categoriais: *adjetival*, *verbal* e *nominal*.

Para uma descrição mais detalhada, primeiramente, apresenta-se, na tabela 11, o resultado obtido para duas posições possíveis, *medial* e *final*, para, posteriormente, mapear a posição preferida de cada um dos *subesquemas*.

Tabela 11: Posição das construções parentéticas epistêmicas em relação ao enunciado no total dos dados analisados

TIPO DE CPE	POSIÇÃO		Σ
	medial	*final*	
Adjetival	73	27	100
Verbal	71	23	94
Nominal	21	3	24
Σ	165	53	218

Fonte: Elaboração da própria autora.

Os dados acima revelam que, entre as CPE de diferentes bases, a posição mais frequente é a *medial*, presente em 165 ocorrências das 218 analisadas. A posição *final*, embora a frequente, ocorre em menor número. Em termos percentuais, 75,8% (= 166/219) das CPE ocorrem em posição *medial* e 24,2% (53/219), em posição *final*.

Na tabela a seguir, encontram-se os resultados apurados para a posição das CPE de base adjetival, em cada uma das sincronias em que elas ocorrem.

Tabela 12: Posição das construções parentéticas epistêmicas de base adjetival nas sincronias investigadas

POSIÇÃO DAS CPE DE BASE ADJETIVAL	MEDIAL		FINAL		Σ
	escrita	*fala*	*escrita*	*fala*	
Século XX	31	-	14	-	55
Século XXI	14	28	8	5	56
Σ	45	28	22	5	100

Fonte: Elaboração da própria autora.

Os resultados da tabela acima mostram que, das CPE de base adjetival, a posição medial destaca-se compondo o maior número.

Na sincronia atual, há um aumento significativo de ocorrências em posição *medial*, enquanto em posição *final* ocorre um declínio, o que indica a maior consolidação dessas construções em posição medial.

Na tabela 13, são apresentados os resultados da posição das CPE de base verbal.

Tabela 13: Posição das construções parentéticas epistêmicas de base verbal nas sincronias investigadas

POSIÇÃO DAS CPE DE BASE VERBAL	**MEDIAL**		**FINAL**		Σ
	escrita	*fala*	*escrita*	*fala*	
Século XVIII	2	-	-	-	2
Século XIX	4	-	-	-	4
Século XX	20	-	1	-	21
Século XXI	7	38	1	21	67
Σ	33	38	2	21	94

Fonte: Elaboração da própria autora.

Os dados acima revelam que, embora as ocorrências das CPE de base verbal apareçam desde o século XVIII, é a partir do século XX que elas passam a ocorrer em posição *final.* A tabela acima mostra uma alta frequência das CPE em posição *medial* ao longo dos séculos e um número relativamente menor em posição *final*.

Entre as amostras do século XXI, constata-se maior concentração desse tipo de CPE mais em posição *medial* (45/67 ocorrências) do que posição *final* (22/67 ocorrências).

Ao observar os resultados a partir do século XX, nota-se uma diferença significativa entre as duas posições, pelo fato de a posição *final* surgir a partir desse século, para as três diferentes bases (cf. tabela 11, 12, 13), compreende-se que tal posição permanece ganhando espaço, visto que demonstra um aumento gradual no século seguinte.

Abaixo, na tabela 14, constata-se que as CPE de base nominal também estão mais consolidadas em posição medial. Para além disso, reitera-se que o surgimento das CPE de base nominal em posição final possivelmente se deu a partir do século XX.

Tabela 14: Posição das construções parentéticas epistêmicas de base nominal nas sincronias investigadas

POSIÇÃO DAS CPE DE BASE NOMINAL	MEDIAL		FINAL		Σ
	escrita	*fala*	*escrita*	*fala*	
Século XVIII	1	-	-	-	1
Século XIX	1	-	-	-	1
Século XX	17	-	2	-	19
Século XXI	2	-	-	1	3
Σ	21	0	2	1	24

Fonte: Elaboração da própria autora.

Com base nos resultados da tabela acima, evidencia-se que as CPE de base nominal surgem no século XVIII em posição *medial* e apenas a partir do século XX há usos em posição *final*. Ao investigar a frequência *type* e *token* de cada tipo de CPE nas duas posições, constata-se que algumas são comuns em uma ou outra posição. A seguir, apresentam-se tais análises para melhor compreensão de quais construções admitem as duas posições, *medial* e *final*, e quais ocorrem estritamente em uma delas. Começando pelas CPE de base adjetival, têm-se os resultados da tabela 15.

Tabela 15: Correlação entre posição e tipos específicos de construções parentéticas epistêmicas de base adjetival

***Types* de base adjetival**	**SÉCULO XX**		**SÉCULO XXI**		Σ
	medial	*final*	*medial*	*final*	
(é) claro	8	10	26	11	55
(é) lógico	6	4	14	3	27
(é) certo	6	1	1	-	8
é óbvio	5	1	-	-	6
é evidente	2	1	1	-	4
é possível	1	-	-	-	1
Σ	**28**	**17**	**42**	**14**	**101**

Fonte: Elaboração da própria autora.

Com base nos resultados da tabela acima, nota-se que CPE de base adjetival tendem a ocorrer mais em posição medial nos séculos XX (28/45 ocorrências) e XXI (42/56 ocorrências). Dentre os tipos de CPE de base adjetival, no século XX, *(é) claro* tende a ocorrer mais em posição final e, no século XXI, mais em posição medial. Com as outras microconstruções, a tendência nas duas sincronias, é sempre a de ocupar posição medial.

Ao se consolidarem no PB, CPE de base verbal também tendem a assumir a posição *medial*, conforme observado na tabela a seguir.

Tabela 16: Correlação entre posição e tipos específicos de construções parentéticas epistêmicas de base verbal

Sincronia	**Século XVIII**		**Século XIX**		**Século XX**		**Século XXI**		Σ
Types	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	**M**	**F**	
(eu) acho	-	-	-	-	3	1	36	21	61
(eu) creio (eu)	1	-	-	-	8	-	2	-	11
penso eu	-	-	-	-	3	1	-	-	4
parece	-	-	2	-	1	-	-	-	3
presumo	-	-	-	-	2	-	1	-	3
acredito eu	-	-	-	-	1	-	-	-	1
suponho eu	-	-	-	-	-	-	1	-	1
julgo	-	-	1	-	-	-	-	-	1
acho que	-	-	-	-	1	-	4	-	5
creio que	1	-	-	-	1	-	-	-	2
parece que	-	-	1	-	-	-	1	-	2
Σ	2	0	4	0	20	2	45	21	94

Fonte: Elaboração da própria autora.

Considerando a posição assumida por tipos específicos de CPE de base verbal, conforme resultados da tabela anterior, apresentam variabilidade entre posição inicial e final, nas sincronias em que ocorrem, apenas as *(eu) acho* e *penso eu*, com a primeira se

expandindo também para a posição final, no século XXI, embora permanecendo mais frequente em posição medial. Todas as demais microconstruções restringem-se, nas sincronias em que ocorrem, à posição medial.

A seguir, são apresentados os resultados para a posição das microconstruções de base nominal *é verdade* e *é fato*.

Tabela 17: Correlação entre posição e tipos específicos de construções parentéticas epistêmicas de base nominal

Sincronia	**Século XVIII**		**Século XIX**		**Século XX**		**Século XXI**		**Σ**
Types	*medial*	*final*	*medial*	*final*	*medial*	*final*	*medial*	*final*	
é verdade	1	0	1	0	14	3	3	0	22
é fato	0	0	0	0	2	0	0	0	2
Total	1	0	1	0	16	3	3	0	24

Fonte: Elaboração da própria autora.

Pelos resultados da posição de CPE de base nominal expostos na tabela acima, percebe-se a mesma tendência de posição medial apresentada pelos outros dois tipos, com apenas 3/24 casos em posição final, verificados para a microconstrução *é verdade*, apenas no século XX, o que se explica pelo fato de a alta frequência deste tipo nesta sincronia (17/19 casos) aumentar as possibilidades de ocorrência também em posição final.

Constata-se, a esse respeito, a baixa frequência de uso dos dois únicos tipos de CPE de base nominal nas nos séculos XVIII, XIX e XXI, os quais, juntos, alcançam o máximo de três ocorrências, e somente em posição medial, no último século das sincronias consideradas.

Dos dados coletados, abaixo seguem em (61) e (62) ocorrências exemplificativas de CPE de base adjetival em posição medial e final, respectivamente.

(61) Que o natal e o ano novo te tragam tudo o que você (e **claro** eu!) sempre sonhou e entre essas coisas, esse 'presentão'. E Logo! Tudo de ótimo p*ara* você e todos aí, ok?
Da sua amiga que te adora... (PHPP - Cartas pessoais - De fã para fã)

(62) Com o mapa a meu lado, arranquei, faceiro, dirigindo em Los Angeles. Sílvia Regina morava em Santa Monica, e eu fui por Sunset Boulevard - de novo as lembranças! - e Santa Monica Boulevard. Íamos começar pela Disneylândia, **é claro**. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara – Crônicas: *Nos bastidores da notícia*)

Em (61) e (62) há uma mesma microconstrução, porém, em posições diferentes no enunciado. Já em (63) e (64), apresentam-se exemplos de CPE de base verbal, em posições medial e final, e em (65) e (66), de base nominal, nessas mesmas posições.

(63) Eu queria vê(r) ele sempre perto de mim... nós ficamo(s) muito triste aí a gente sempre se conversava por telefone... aí:: de repente um dia ele me ligô(u)... e falô(u) pra mim que ia morá(r) em São Paulo c'o pai dele... nossa aquele dia foi mui::to ruim muito triste sabe? eu chorava ((latidos)) dema::is demais demais eu entrei numa depressão MUIto profunda emagreci muito sabe?… só sabia chorá(r) chorá(r) chorá(r) chorá(r) eu fiquei muito ruim nossa foi **acho** a fase pi::or da minha vida...[BDI - AC -022 - NE: L. 39]

(64) Esse homem, lavrador, creio, andando de noite pela fazenda, caíra em um poço abandonado, sem cobertura, e só fora encontrado horas depois, de manhã, **penso eu**. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara - Literatura jornalística, crônicas e correspondências – Querido poeta: correspondências de Vinicius de Moraes, século XX)

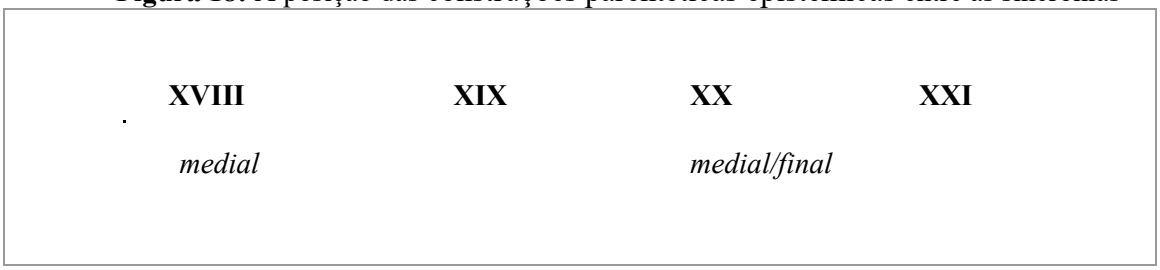
(65) Os cidadãos de meia-idade tiveram de se reinventar no cotidiano do trabalho, com a adesão maciça ao home office. Mas, seis meses depois do início da quarentena, pode-se afirmar que as crianças e os adolescentes...Houve, **é verdade**, um louvável empenho das instituições escolares para oferecer aulas por vídeo nesse período. (Revista Veja Abril – Carta ao leitor: *Uma lição necessária*)

(66) De tantos homens que falaram aos eleitores, um só teve para mim a intuição política; "Conhecido dos meus amigos (escreveu o Sr. Dr. Nobre, presidente da Câmara Municipal), julgo-me dispensado de definir a minha individualidade política." Tem você amigos? - Alguns. - Tem muitos. Bota para fora essa morrinha da modéstia. Você não terá idéias, mas amigos não lhe faltam. Eu tenho ouvido cousas a seu respeito, que até me admira, é verdade. Já vi baterem-se dois sujeitos por sua causa. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara - Crônicas: Bom dia)

A partir dos resultados acima, atesta-se que, embora a posição medial seja a mais recorrente para os diferentes tipos de CPE em todas as sincronias do PB, quando se analisa

tipos específicos, observa-se que o comportamento variável deles quanto à posição instancia-se somente a partir do século XX, como mostra a figura 18.

Figura 18: A posição das construções parentéticas epistêmicas entre as sincronias



Fonte: Elaboração da própria autora.

Sobre essa figura, cabe observar que a restrição de CPE à posição medial até o século XIX não permite ainda sancionar completamente a construcionalização desse padrão construcional, porque a variabilidade de posição é propriedade fundamental que leva a construção a assumir funcionamento adverbial.

Assim considerando, é possível afirmar que é somente a partir do século XX que o estatuto adverbial das CPE é alcançado por construcionalização, quando a variabilidade de posição típica dos adverbiais se instancia, motivada inicialmente pela força de atração de CPE de base adjetival, primeiro tipo a ocorrer com frequência mais acentuada em posição final nessa sincronia (17/45).

Mais raramente, nesse mesmo período, a posição final é assumida por CPE de base verbal (2/20) e nominal (3/16). Nessa constatação, pode-se considerar que responde por essa força de atração a microconstrução *(é) claro*, que, no século XX, é o tipo específico de CPE de base adjetival a ocorrer mais acentuadamente em posição final (10/17).

A partir das hipóteses que sustentaram a análise da forma, confirmou-se que (i) os usos das CPE representam uma gradualidade, pois evidenciam perda de propriedades sintáticas que são características das construções matrizes e (ii) o tipo de modalidade expresso tem fortes correlações com a forma que a CPE assume na rede construcional.

Como arremates finais das análises dos parâmetros de forma das CPE, foram obtidos os seguintes resultados:

(i) o esquema geral [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ licencia três subesquemas no PB: ([EU]) [PRED]$_{verbal}$ ([EU]) ([que])]$_{CPE}$; [([COP]) [PRED]$_{adjetival}$]$_{CPE}$ e [[COP] [PRED]$_{nominal}$]$_{CPE}$;

(ii) no século XVIII, encontraram-se no córpus apenas usos de *creio* e *é verdade*, fato pode ser interpretado a partir da premissa de que o padrão construcional ainda está em fase de consolidação na gramática do PB;

(iii) a forma de base adjetival apresenta-se como a mais frequente, no total das três sincronias investigadas (100 ocorrências), ao lado da de base verbal, que representa 94 ocorrências; a de base nominal, embora apresente ocorrências desde o século XVIII, não ganhou força ao longo das sincronias;

(iv) em relação à presença e/ou ausência de complementizador, as microconstruções de base verbal *acho*, *creio* e *parece* podem ocorrer com ou sem complementizador, por meio do subesquema [([eu]) [PRED]$_{verbal}$ ([que])]$_{CPE}$, já as CPE de base adjetival e nominal ocorrem apenas sem o complementizador;

(v) quanto à presença/ausência de cópula nas CPE, as de base adjetival com os predicados *claro* e *lógico* variam na expressão de, e com os predicados *óbvio*, *evidente* e *possível* categoricamente se constroem sem recurso à cópula; todas as duas de base de base nominal com os predicados *fato* e *verdade* categoricamente expressam cópula ao longo das sincronias analisadas;

(vi) a variabilidade de tempo-modo das orações associadas às CPE atesta que estas ampliaram os contextos de uso e se consolidaram como construções adverbiais no PB;

(vii) embora CPE em posição medial ocorram desde o século XVIII, é somente a partir do século XX que o estatuto adverbial das CPE é alcançado por construcionalização gramatical, quando a variabilidade de posição típica dos adverbiais se instancia.

Após as constatações acima, apresentam-se, na próxima seção, os aspectos semântico-pragmáticos das CPE do PB. Para um maior detalhamento do

significado/função, parte-se do levantamento das nuances de cada construção, para descrever os processos metafóricos responsáveis pelo desenvolvimento de vários *types* na rede. Aprofundando as análises de significado, para além dos processos de (*inter)subjetivação*, evidenciam-se alguns elos de herança que conectam construções de três diferentes bases em uma mesma rede.

3.3 Parâmetros de significado/função

Para a descrição dos aspectos semântico-pragmáticos das CPE do PB, foram investigados: (i) seu *escopo de incidência*, para constatar se, a depender da ordem em que elas ocorrem, há mudança de escopo ou se ele se mantém igual em todas as ocorrências, (ii) o *grau de certeza epistêmica*, sob a hipótese de haver correlação entre tipos específicos e o grau de certeza, como afirmam Gonçalves, Dall'Aglio-Hattnher e Sousa (2019) e (iii) *as funções pragmáticas* adquiridas nos usos inovadores.

3.3.1 O escopo das construções parentéticas epistêmicas

Com a análise do escopo das CPE, comprovou-se a hipótese de que, em contextos de parentetização, há a possibilidade de a expressão modal recair sobre um ou outro constituinte da sentença, independentemente da posição que ocupam essas construções.

Ao investigar o contexto de cada ocorrência, buscou-se identificar em que medida cada tipo de CPE escopa o conteúdo ao qual se associa.

Observem-se os resultados na tabela a seguir.

Tabela 18: Correlação entre posição e escopo das construções parentéticas epistêmicas

Posição e escopo / CPE	Medial			Final		
	parte	***todo***	**∑**	***parte***	***todo***	**∑**
Adjetival	37	36	73	9	18	27
Verbal	49	22	71	13	10	23
Nominal	12	9	21	2	1	3
∑	98	67	166	24	29	53

Fonte: Elaboração da própria autora.

De modo geral, em posição *medial*, a tendência mais sutil é a de as CPE escoparem apenas uma parte do conteúdo, com destaque das de base verbal que mais frequentemente cumprem essa função. Já as que ocorrem em posição *final* tendem mais sutilmente a incidir sobre o enunciado como um todo, com as de base verbal e nominal se diferenciando do grupo, por tomarem mais as partes do enunciado por escopo do que o enunciado como um todo, função mais reservada as de base adjetival.

A seguir, discutem-se essas constatações, começando pelas CPE em posição *medial*. As ocorrências abaixo trazem CPE cujo escopo recai em parte do enunciado.

(67) A história, como me lembro, era assim. Esse homem, lavrador, **creio**, andando de noite pela fazenda, caíra em um poço abandonado, sem cobertura, e só fora encontrado horas depois, de manhã, penso eu. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara - Literatura jornalística, crônicas e correspondências – Querido poeta: correspondências de Vinicius de Moraes)

(68) Conta pra mim ago::ra alguma história que tenha acontecido com algum amigo teu:: assim alguma pessoa conhecida... **Inf.:** hum... tem um amigo meu ele chama U.... ele TEM a fama de sê(r) meio garanhão::tal:: volta e meia ele leva umas menina pra casa de::le... aí teve uma ca::so que ocorreu assim... teve uma vez que ele chegô(u) ne mim desespera::do... falan(d)o –"M. M.... pelo amor de Deus... se a minha mãe perguntá(r)... DI::Z... que on/ ah:: na noite anterior você estava em casa comi::go tal porque aconteceu um negócio lá deu rolo e ela descobriu um negócio que eu fiz"–... e eu curioso… **LÓ::gico** perguntei pra ele o que ele tinha feito né?... [AC - 055 - NR; L.69]

(69) Os cidadãos de meia-idade tiveram de se reinventar no cotidiano do trabalho, com a adesão maciça ao home office. Mas, seis meses depois do início da quarentena, pode-se afirmar que as crianças e os adolescentes... Houve, **é verdade,** um louvável empenho das instituições escolares para oferecer aulas por vídeo nesse período (Revista Veja Abril – Carta ao leitor: Uma lição necessária)

Em (67), (68) e (69), todos os três tipos de CPE escopam parcialmente o enunciado, focalizando a parte do conteúdo da oração sobre a qual recai a avaliação epistêmica do locutor: em (67), a incerteza do locutor sobre a ocupação do personagem que ele descreve ("Esse homem, lavrador, creio, …"); em (68), a certeza sobre um traço de personalidade do próprio locutor (e eu curioso …LÓ::gico…), e em (69), a afirmação categórica de ocorrência de um estado de coisas julgado como verdadeiro (Houve, é verdade…).

Em posição final, as CPE também podem escopar todo o enunciado ou parte dele. A tendência maior de o escopo recair sobre todo enunciado, como nas ocorrências (70), (71) e (72), deve-se ao fato de a CPE estar em posição periférica, à direita da oração, função semelhante exercida por construções matrizes que ocorrem na periferia à esquerda da do enunciado modalizado.

(70) Agora, uma pergunta. Por que você não volta aos metros curtos das grandes realizações do seu primeiro livro?... Acho o português, embora às vezes tão melodioso (nunca o é inteiramente no alexandrino, **penso eu**) (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara - Literatura jornalística, crônicas e correspondências)

(71) Com o mapa a meu lado, arranquei, faceiro, dirigindo em Los Angeles. Sílvia Regina morava em Santa Monica, e eu fui por Sunset Boulevard - de novo as lembranças! - e Santa Monica Boulevard. Íamos começar pela Disneylândia, **é claro**. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara - Literatura jornalística, crônicas e correspondências – Crônica: Nos bastidores da notícia)

(72) De tantos homens que falaram aos eleitores, um só teve para mim a intuição política; "Conhecido dos meus amigos (escreveu o Sr. Dr. Nobre, presidente da Câmara Municipal), julgo-me dispensado de definir a minha individualidade política." Tem você amigos? - Alguns. - Tem muitos. Bota para fora essa morrinha da modéstia. Você não terá idéias, mas amigos não lhe faltam. Eu tenho ouvido cousas a seu respeito, que até me admira, **é verdade**. Já vi baterem-se dois sujeitos por sua causa. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara – Crônica: Bons dias)

O escopo da CPE, no entanto, pode se modificar e recair apenas sobre um constituinte da oração, modalizando-o e, ao mesmo tempo, focalizando-o, como se vê nas ocorrências em (73) e (74), representativas dos únicos tipos de CPE (de base verbal e nominal) que apresentam com mais frequência esse comportamento de escopo parcial quando em posição final.

(73) Esse homem, lavrador, creio, andando de noite pela fazenda, caíra em um poço abandonado, sem cobertura, e só fora encontrado horas depois, de manhã, **penso eu**. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara - Correspondências de Vinicius de Moraes: Querido poeta)

(74) Tagarelas, teimosas e briguentas: 85538. Viúvas que choram o falecido e estão de olho no pretendente: 68 330. Queixosas de gastrite e espartilhadas: 79 400. Não me perguntem qual era o universo da pesquisa. Neste ano do censo, o Carapuceiro devia ter uma estátua, machista, **é verdade.** (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara – Crônica: A velhinha de Taubaté)

Em (73), do conteúdo enunciado, *penso eu* focaliza apenas a locução adverbial "de manhã", sobre a qual recai a dúvida do locutor, e em (74), *é verdade*, focaliza somente o adjetivo "machista", expressando a convicção do enunciador.

As ocorrências revelam uma tendência inovadora das CPE em relação às construções matrizes de que elas se originam. Embora as CPE cumpram o papel de modalizar (inter)subjetivamente, assim como fazem as construções matrizes, elas intensificam as nuances (inter)subjetivas, por poderem escopar apenas parte do conteúdo enunciado.

3.3.2 Tipos específicos de predicados e o grau de certeza epistêmica das construções parentéticas

A análise do grau de certeza epistêmica dos três subesquemas adverbiais de CPE, (([COP]) [PRED]$_{N}$]$_{CPE,}$ [([COP]) [PRED].$_{ADJ}$]$_{CPE.}$ e [([EU]) [PRED)]$_{V}$ ([EU]) ([que])]$_{CPE}$, presta-se a confirmar se ele constitui traço de herança das construções matrizes de que as respectivas CPE se originam.

Dos 16 *types* específicos de CPE, 5 de base adjetival e 2 de base nominal expressam alto grau de certeza epistêmica, e 8 de base verbal e 1 de base adjetival expressam baixo

grau de certeza, resultado que se junta ao encontrado por Gonçalves, Dall'Aglio-Hattnher e Sousa (2019). Tais constatações são apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 23: Tipos específicos de construções parentéticas epistêmicas e grau de certeza

Grau de certeza / ***Types***	**Grau de Certeza**	
	Alto	**Baixo**
CPE de base Adjetival	*certo, claro, evidente, óbvio, lógico*	*possível*
CPE de base Nominal	*fato, verdade*	**-.-**
Verbal	-.-	*acho, acredito, creio, julgo, parece, penso, presumo, suponho*

Fonte: Elaboração da própria autora.

Conforme o quadro acima, as CPE com os predicados de base *certo, claro, evidente, óbvio, lógico, fato* e *verdade* expressam alto grau de certeza, traço herdado do padrão [([COP]) [PRED]$_{ADJ}$ [que]]$_{MATRIZ}$, e as CPE *acho, acredito, creio, julgo, parece, penso, presumo* e *suponho* expressam baixo grau de certeza, que é herdado do padrão [([EU]) [PRED]$_{V}$ [que]]$_{MATRIZ}$ que as originam, com exceção da CPE *possível*, que, mesmo de origem adjetival, expressa baixo grau de certeza ao lado das CPE de base verbal.

Diante desse resultado, nota-se que, assim como em construções matrizes de sentenças subjetivas, há a possibilidade de expressão de alto grau de certeza nas CPE delas originadas.

Do mesmo modo, confirma-se que as construções matrizes de sentenças objetivas, que dão origem às CPE de base verbal, permitem a extensão de significado na construção inovadora, uma vez que, em contexto parentético, os *types* de base verbal só podem expressar baixo grau de certeza.

Nesse sentido, constata-se que o grau de certeza epistêmica é traço semântico-pragmático de orações matrizes herdado pelos diferentes padrões das CPE. O que se acrescenta a esse traço é o aumento da expressão de (inter)subjetividade das CPE, em relação às matrizes de que elas se originam.

Nesse sentido, a partir da literatura consultada (NEVES, 2011; FORTILLI, 2013; GONÇALVES; SOUSA, 2013; GONÇALVES; SOUSA; CASSEB-GALVÃO, 2016; GONÇALVES; DALL'AGLIO-HATTNHER; SOUSA, 2019), seguem, no quadro 12, os predicados adjetivais selecionados.

3.3.3 Aspectos pragmáticos das construções parentéticas epistêmicas

Para constatar o fato de que as CPE revelam alguns aspectos pragmáticos distintos das construções matrizes de que se originam, considera-se a proposta de De Lancey (1981) para descrição do *fluxo de atenção* nos usos inovadores, fator que, como se defende aqui, intervém na intensificação da expressão de (*inter)subjetividade.*

Para codificar informações com alta carga de (inter)subjetividade, o locutor recorre à organização da ordenação sintática de seu enunciado, com intuito de focalizar a informação que considera mais relevante. Segundo Fortilli (2021), a configuração parentética além de evidenciar a necessidade do locutor de assinalar seu grau de certeza epistêmica sobre um conteúdo proposicional, parcial ou totalmente, evidencia a imagem que ele quer que o ouvinte faça perante suas asserções. Para a autora, ao invés de interpretar o parentético apenas como uma marca de dúvida, identifica-se nele outro traço bastante direcionado ao ouvinte, o qual sugere a ele não tomar as afirmações como categóricas.

A presença desse traço indicado em Fortilli (2021) é responsável pelo aumento de (*inter)subjetividade* nas CPE, que pode ser observada quando o locutor:

(i) coloca-se como fonte do enunciado, porém em posição de ressalva (subjetividade);

(ii) orienta o ouvinte a não conceber a informação relevante como categórica (intersubjetividade);

(iii) centraliza a avaliação subjetiva apenas em uma parte do enunciado, para direcionar o ouvinte a compreender o constituinte focalizado como informação não categórica (intersubjetividade).

Para visualização das alterações no fluxo de atenção, contrastam-se as ocorrências em (75), a primeira, representativa de construções matrizes epistêmicas, e a segunda, de CPE.

(75) a. Estranho muito o ex-governador de São Paulo Alberto Goldman afirmar que a implantação do projeto do trem de alta velocidade não induz desenvolvimento. **Acho que** / ele não considera, por exemplo, a possibilidade de cidades como Volta Redonda, Campinas, São José dos Campos e Jundiaí se beneficiarem com a expansão imobiliária. Muita gente poderia morar numa dessas cidades e, precisando, poderia se deslocar para o trabalho ou outras atividades nas grandes cidades (São Paulo e Rio de Janeiro). (São Paulo, SP. Cartas do leitor - Folha.com)

b. …eu queria vê(r) ele sempre perto de mim... nós ficamo(s) muito triste aí a gente sempre se conversava por telefone... aí:: de repente um dia ele me ligô(u)... e falô(u) pra mim que ia morá(r) em São Paulo c'o pai dele... nossa aquele dia foi mui::to ruim muito triste sabe? eu chorava ((latidos)) dema::is demais demais eu entrei numa depressão MUIto profunda emagreci muito sabe?… só sabia chorá(r) chorá(r) chorá(r) chorá(r) eu fiquei muito ruim nossa foi **acho** a fase pi::or da minha vida… [BDI - AC - 022 - NE: L. 39]

Considerando que o ponto de partida do fluxo de atenção linguístico é sempre o elemento mais à esquerda na sentença, em (75a), a construção matriz permite que o locutor direcione a atenção do seu interlocutor à fonte da opinião, no caso, ele próprio, em razão de construir o enunciado encarecendo seu ponto de vista, expresso no conteúdo da oração matriz. Diferentemente de (75a), o fluxo de atenção, em (75b), volta-se para o próprio conteúdo comunicado colocado em foco ("(foi) a pior fase da minha vida"), o que torna secundária a marca da crença do locutor.

Diante das análises acima, afirma-se que, enquanto construções matrizes revelam saliência da crença/opinião do locutor a respeito de um conteúdo proposicional, razão de ser considerada [+ subjetiva, - intersubjetiva], no uso parentético, o fato de a informação (total ou parcial) ser considerada, pelo locutor, mais saliente do que sua expressão subjetiva, exige que o interlocutor dirija primeiro sua atenção para o conteúdo comunicado, para, depois, considerar a avaliação subjetiva do locutor sobre ele, o que implica reconhecer, nesse funcionamento, aumento de subjetividade e de intersubjetividade. Essa interpretação é reforçada quando se consideram os resultados sobre a posição e o escopo que as CPE assumem, como discutido anteriormente.

Como visto na subseção 3.3.1, CPE podem escopar todo enunciado ou parte dele, independentemente da posição que ocupam (medial ou final). As CPE, quando escopam todo o enunciado, cumprem a mesma função das construções matrizes de que se originam.

No entanto, pode-se dizer que elas se diferenciam das construções de origem por melhor focalizarem a posição do enunciador, gerando aumento de (inter)subjetividade, como em (76).

(76) Com o mapa a meu lado, arranquei, faceiro, dirigindo em Los Angeles. Sílvia Regina morava em Santa Monica, e eu fui por Sunset Boulevard - de novo as lembranças! - e Santa Monica Boulevard. Íamos começar pela Disneylândia, **é claro**. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara – Crônicas: *Nos bastidores da notícia*)

Em (76), o enunciado "Íamos começar pela Disneylândia" é o ponto de partida do fluxo de atenção e se configura como a informação mais relevante a partir da qual se cria o ponto de vista do locutor. Ao focalizar a posição epistêmica do enunciador sobre o enunciado, a CPE *é claro* revela um aumento gradual de (inter)subjetividade, por tonificar a preocupação do locutor em asseverar o que já afirmou ao interlocutor. Esse movimento eleva o grau de certeza do conteúdo, uma vez que ele é inteiramente escopado pela CPE.

Abaixo, em (77), ao focalizar parte do conteúdo afirmado, a CPE evidencia aumento de (inter)subjetividade, na medida em que o locutor dá ênfase à informação que considera mais relevante (no caso, o termo "remotíssimo" atribuído à marcha gradativa).

(77) Verificar-se-á que a modificação do mal trouxe a modificação da cura. Tanto melhor para os homens. O mal irá recuando. Essa marcha gradativa terá um termo, remotíssimo, **é verdade**, mas certo. Assim, chegará o dia em que, por falta de doenças, acabarão os remédios, e o homem, com a saúde moral, terá alcançado a saúde física, perene e indestrutível, como aquela. (Banco de Dados do Centro de Estudo Lexicográficos da Unesp de Araraquara – Crônica: A semana)

A posição medial tonifica o grau de (inter)subjetividade, pois além de focalizar a opinião do locutor, torna mais preciso o foco de atenção do interlocutor, que deve ser dirigido a parte do enunciado escopado pela CPE, como ocorre em (77), a partir do termo

"remotíssimo". A quebra do enunciado para inserções de informações é caracterizada em Castilho (1991, p. 172) como *adjunção*, fenômeno que provoca um atraso na progressão temática. Assim, por se dar conta de que falta uma ressalva, o falante altera o fluxo de atenção que estava sendo construído para esclarecer algo ao interlocutor. A reconstrução do enunciado em (77) evidencia a preocupação do falante em acrescentar informações para garantir a compreensão de sua fala nos termos pretendidos.

Pode-se considerar que as CPE funcionam na língua como uma espécie de *afterthoughts*, pois, em posição medial, interrompem repentinamente o enunciado. Segundo Castilho (1991, p. 173), a função pragmática de uma *afterthought* é alertar o interlocutor de que se está introduzindo uma informação que não deve passar despercebida. No caso das CPE, por expressarem graus de certeza epistêmica distintos, o falante recorre à adjunção para alertar o interlocutor de que se deve (ou não) considerar a informação enfatizada como categórica.

Em (78), o fluxo de atenção se constrói a partir do enunciado à esquerda da CPE. Com isso, o ponto de vista pelo qual se constrói o enunciado é a informação à esquerda e não a marca de subjetividade visualizada na CPE. Ao fazer uma ressalva utilizando a CPE *eu acho*, o falante orienta o interlocutor a interpretar o conteúdo ("que o colégio ganhou") como uma informação não asseverada.

(78) Doc.: como que é a biblioteca? Inf.: a biblioteca tem::...dois computadores... éh::... seis MEsas... mais ou menos... e VÁRIOS LIvros... uns troféis que o::... colégio ganhô(u) **eu acho**... [BDI - AC-0013-NE: L. 54]

O escopo da CPE em (78), por recair na justificativa para a presença dos troféus dentro da biblioteca, indica a preocupação do falante em orientar o ouvinte para o fato de que ele modaliza o que acabou de asseverar. Os usos em (76) e (77) evidenciam um movimento gradual de intersubjetividade, que resulta da alteração da *posição* e *escopo* das CPE.

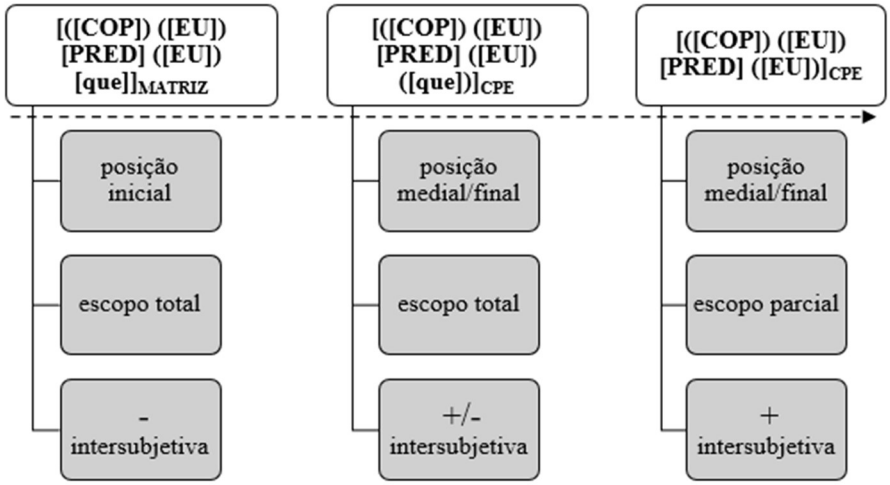
Alterações de ordem e tessitura são mecanismos usados para controlar o fluxo de atenção linguístico do enunciado. Assim, conteúdos situados à esquerda são orientados

pelo falante para elaboração do assunto, e os que estão à direita são orientados ao interlocutor.

Para Castilho (1991), as margens do enunciado representam os andaimes da construção linguística. Seu objetivo é deixar à mostra os processos de constituição do discurso. As *margens*, segundo o autor, "veiculam avaliações do falante a respeito do que ele fez constar no núcleo ou contêm instruções que orientam a interação, organizando as formas do desenvolvimento temático" (CASTILHO, 1991, p. 123).

Com base nos resultados descritos acima é possível assumir fortemente, para o PB, uma trajetória de mudança gradual, que torna orações matrizes epistêmicas em CPE de mesmo tipo de base e na qual intervêm alterações de aspectos de forma e de significado, típicas de um processo de construcionalização gramatical. É o que se propõe representar na figura 19.

Figura 19: Aumento de (inter)subjetividade nos esquemas



Fonte: Elaboração da própria autora.

Conforme a figura acima, à medida que a posição e escopo se alteram, há aumento de *intersubjetividade*, pois se reconhece a preocupação do enunciador em fornecer ao interlocutor pistas mais precisas sobre qual parte do enunciado a modalização incide.

CPE em posição medial e final que apresentam escopo total são mais intersubjetivas que às construções matrizes de que se originam e menos intersubjetivas quando comparadas às CPE que apresentam escopo parcial em posição medial e final. Diacronicamente, o aumento de intersubjetividade pode ser visualizado em um *continuum*, atestando a existência da gradualidade da mudança dessas construções.

Nos casos em que as CPE escopam somente parte do que é dito, o grau de *intersubjetividade* aumenta novamente, pois além da ênfase direcionar-se à posição do enunciador, o foco de atenção do interlocutor é direcionado a apenas parte do enunciado. Essas informações são sintetizadas no quadro abaixo.

Quadro 24: Aspecto sintáticos semânticos e pragmáticos dos esquemas construcionais

Aspectos sintáticos semânticos e pragmáticos / **Esquemas construcionais**	**[([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) [que]]$_{MATRIZ}$**	**[([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$**	**[([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU])]$_{CPE}$**
Posição	inicial	medial/final	medial/final
Escopo	total	Total	parcial
Grau de subjetividade	+	+	+
Grau de intersubjetividade	-	+/-	+
Estatuto adverbial	-	+/-	+

Fonte: Elaboração da própria autora.

Considerando as análises dos parâmetros de significado/função das CPE, sintetizam-se os seguintes resultados:

(i) em princípio, independentemente da posição que ocupam, CPE pode escopar tanto o enunciado como um todo, a exemplo das matrizes de que se derivam, como apenas parte dele;

(ii) do mesmo modo que construções matrizes, CPE cumprem o papel de modalizar intersubjetivamente um conteúdo comunicado, no entanto, se diferenciam das construções de origem, ao escoparem apenas parte do conteúdo ao qual se associam, apresentando, nesses casos, aumento de intersubjetividade;

(iii) o grau de certeza epistêmica é traço semântico-pragmático de orações matrizes herdado pelas CPE de base verbal, nominal e adjetival no PB;

(iv) o fluxo de atenção do enunciado e a posição e o escopo das CPE tornam-se mais flexíveis, passando suprir as necessidades comunicativas do locutor durante a interação;

(v) ao funcionarem como *afterthoughts*, as CPE revelam função *interativa* e *argumentativa*, uma vez que constituem pistas para adequada interpretação do enunciado;

(vi) como resultado dessa mudança, as CPE figuram-se como mais (inter)subjetivas que as construções matrizes de que se originam, porque revelam, por parte do locutor, uma preocupação mais acentuada com a interpretação do destinatário em relação ao conteúdo informado.

Com as análises dedicadas ao significado/função das CPE, confirmam-se as seguintes hipóteses: (i) em posição medial e final, o julgamento epistêmico pode recair sobre parte do conteúdo proposicional e (ii) o uso inovador é resultado de um processo de construcionalização gramatical que leva os predicados adjetivais, verbais e nominais ao funcionamento adverbial modal.

3.4 O desenvolvimento diacrônico das construções parentéticas epistêmicas

Ao investigar as CPE por meio dos parâmetros de forma e função estabelecidos, foi possível atestar com maiores detalhes a correlação existente entre as três diferentes bases de formação. Esta seção é dedicada à explicitação do comportamento diacrônico das CPE, o qual, ao longo das sincronias aqui investigadas, culmina no pareamento [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ ↔ *modalização epistêmica*. As construções abrangidas por esse pareamento esquemático evidenciam três novos subesquemas modais epistêmicos no PB, como segue mostrado e exemplificado em (79).

(79) Subesquemas de CPE

a. [[é] [PRED]$_{N}$]$_{CPE}$
(outros tiveram imensa relevância, **é verdade** (Um grande ano para Veja - Carta ao Leitor, Revista Veja Abril))

b. [([é]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE}$
(Que o natal e o ano novo te tragam tudo o que você (e **claro** eu!) sempre sonhou (PHPP - Cartas pessoais - De fã para fã))

c. [([eu]) [PRED]$_{V}$ ([eu]) ([que])]$_{CPE}$
((...) foi **acho** a fase pi::or da minha vida… [BDI - AC - 022 - NE: L. 39])

Para apresentar a rede de CPE modais que consolidam o esquema [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$, a subseção tem como ponto de partida a descrição do elo sintático-semântico e o aparecimento das microconstruções que são licenciadas pelos subesquemas ao longo das sincronias. Posteriormente, descreve-se a frequência *type* e *token*, para identificar o grau de produtividade e esquematicidade dos padrões representados nos níveis em rede. Com base em Bybee (2016), a partir da observação da frequência *type*, é possível mapear o quanto um esquema ou subesquema é capaz de sancionar novas construções menos esquemáticas, aprofundando, assim, a compreensão do perfil dessas construções no sistema linguístico.

3.4.1 Os elos de herança e a rede de construções parentéticas epistêmicas do século XVIII

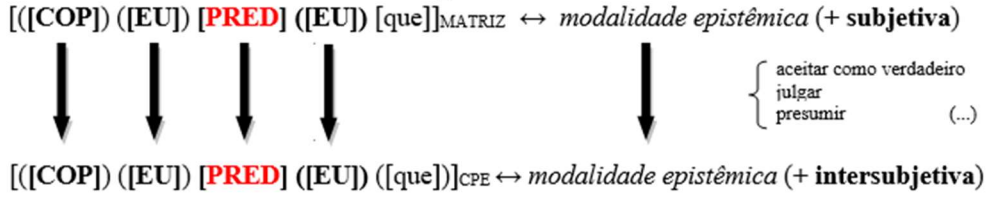
Embora não esteja em foco nessas análises o compromisso com as origens das CPE, tendo em vista que seus usos são anteriores ao século XVIII, é possível, entretanto, captar traços de construções matrizes que se preservam nas CPE, e assim ligá-los diacronicamente, para, então, verificar como, de fato, o esquema de CPE se sedimenta na rede de modalidade epistêmica do PB, partindo-se do século XVIII.

A constatação de que algumas acepções serviram de base para o desenvolvimento de novos *types* de CPE pressupõe elos de herança entre essas construções. As relações identificadas entre a semântica dos predicados do esquema subjetivo [([COP]) ([EU]) [PRED] [que]]$_{MATRIZ}$ e o *esquema intersubjetivo*[([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ caracterizam extensões metafóricas, visto que, de um domínio menos abstrato, usos como *é lógico,* que originalmente expressa raciocínio, aproximam-se da expressão

modal. Analisando-se as relações de herança entre esses dois esquemas modais, constatam-se dois tipos de elos (*links*) entre essas construções: *elos metafóricos* e *elos de subparte*.

Os elos metafóricos são vistos no compartilhamento de traços de significado que expressam certeza e incerteza epistêmica e que podem ser encontrados em cada esquema construcional. O elo de subparte é verificado na comparação entre os dois esquemas modais, uma vez que só assim é possível reconhecer no novo pareamento, partes do esquema que lhe deu origem. A figura a seguir apresenta os elos sintático-semânticos que conectam esses esquemas em uma mesma rede.

Figura 20: Elos de herança entre os esquemas de oração matriz e de construções parentéticas epistêmicas



Fonte: Elaboração da própria autora.

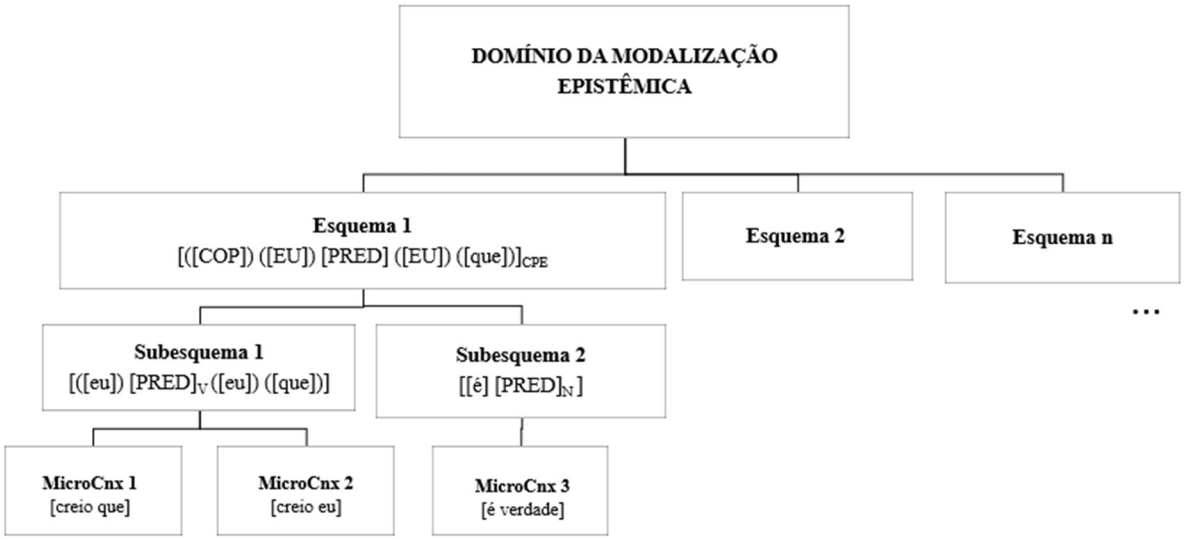
Embora reconheçam-se elos de herança, os esquemas acima se diferem em relação a sua formação. O processo de mudança que afeta o primeiro esquema, como afirmam Gonçalves, Dall'Aglio-Hattnher; Souza (2019), leva um complexo bioracional a tornar-se mono-oracional, visto que a parte que constituía oração matriz, por meio de neoanálise, desvincula-se do enunciado e passa a constituir uma construção independente e, portanto, um novo pareamento de forma e função.

A alteração entre as subpartes, a nova ordenação dos constituintes e a perda de conexão sintática visualizada no esquema, somadas à função intersubjetiva atestam o novo nó na rede dos modalizadores epistêmicos. Assim, considerando que toda rede de construções forma-se no sentido *bottom-up* (de baixo para cima), efetivando-se a partir do *token* devidamente comprovado, no PB, já no século XVIII, encontram-se as microconstruções de base verbal *creio eu* e de base nominal *é verdade,* que permitem o surgimento dos subesquemas [[PRED]$_V$ ([eu]) ([que])]$_{CPE}$ e [[é] [PRED] $_N$]$_{CPE}$.

Por meio do esquema [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ ↔ modalização epistêmica, as microconstruções por ele instanciadas passam a atuar ao lado de outros padrões construcionais com significado semelhante, como [ADV] e [Adj-mente] etc.

Os esquemas a que se chega, pelo fato de compartilharem características sintáticas e semânticas, ampliam a rede de modalidade epistêmica e as possibilidades de modalização do PB, como se vê na figura 21.

Figura 21: Esquema de construções parentéticas epistêmicas na rede de modalidade epistêmica do século XVIII



Fonte: Elaboração da própria autora.

A rede de modalidade epistêmica do século XVIII, exposta na figura acima, comporta, em seus dois níveis de abstração, o esquema parentético e dois subesquemas de CPE, instâncias de abstratização das microconstruções *creio que e* creio eu, de base verbal, e *é verdade, de base* nominal.

Importante a destacar é que a possibilidade de manifestação de complementizador prevista no subesquema 1 é o principal traço que permite advogar que o esquema de CPE tem como origem o esquema de construções matrizes subsumido pela mesma rede de modalidade epistêmica. É possível, assim, constatar o início de um processo de *mudança construcional,* que é acompanhado de processos de (inter)subjetivização, tendo em vista o desenvolvimento de padrões de uso mais abstratizados que passam a codificar significados

não mais voltados somente à expressão do julgamento epistêmico do enunciador (alta ou baixa certeza epistêmica), mas também da interpretação esperada do interlocutor em relação ao foco do conteúdo modalizado.

A possibilidade de posposição ou de não expressão do pronome de primeira pessoa no subesquema 1 funciona também como estratégia pragmática que reforça ainda mais a intersubjetividade do padrão construcional de CPE. No subesquema 2, de base nominal, preserva-se, das construções matrizes de origem, o uso da cópula, que permanece em CPE de mesmo tipo em todas as sincronias, mas não em CPE de outros tipos, como se verá mais adiante. Ainda sobre a rede representada na figura 21, associados ao esquema parentético de modalidade epistêmica, estão os seguintes traços:

(i) as bases: verbal (subesquema 1) e nominal (subesquema 2);

(ii) os graus: baixo (subesquema 1) e alto (subesquema 2) de certeza epistêmica;

(iii) a possibilidade de preservação de complementizador (subesquema 1) e a presença categórica de cópula (subesquema 2);

(iv) a posição medial e o escopo total (subesquemas 1 e 2)

(v) a possibilidade de o pronome de primeira pessoa [eu] ocorrer em posição posposta (subesquema 1).

3.4.2 A rede de construções parentéticas epistêmicas do século XIX

Os dados encontrados no século XIX não indicaram nenhuma mudança na forma dos subesquemas de base verbal [([eu]) $[\text{PRED}]_{V}$ ([eu]) ([que])]$_{CPE}$ e nominal [[É] $[\text{PRED}]_{N}$]$_{CPE}$.

No grupo de CPE de base verbal (subesquema 1), são licenciadas as microconstruções *julgo*, *parece* e *parece que*, e no de base nominal (subesquema 2) nenhum novo uso é detectado.

Na rede investigada, as CPE licenciadas pelo subesquema de base verbal herdam baixo grau de certeza das construções matrizes de que se originam. A CPE *julgo* ocorre sem a presença de pronome [eu] e complementizador [que].

No caso da microconstrução *parece (que)*, nota-se que o uso de complementizador [que] é opcional, uma vez que ela pode funcionar como CPE com ou sem a presença dele, já a microconstrução de base nominal permanece com uso obrigatório de cópula e sem a presença complementizador.

Em posição medial, a microconstrução *parece* pode escopar apenas uma parte do conteúdo afirmado, enquanto as demais (*creio* e *julgo*) focalizam todo o enunciado ao qual se associam.

Sobre a rede representada a seguir, por meio da figura 22, associados ao esquema parentético de modalidade epistêmica, estão os seguintes traços:

(i) as bases: verbal [([eu]) [PRED]$_{V}$ ([eu]) ([que])]$_{CPE}$ e nominal [[É] [PRED]$_{N}$]$_{CPE}$;

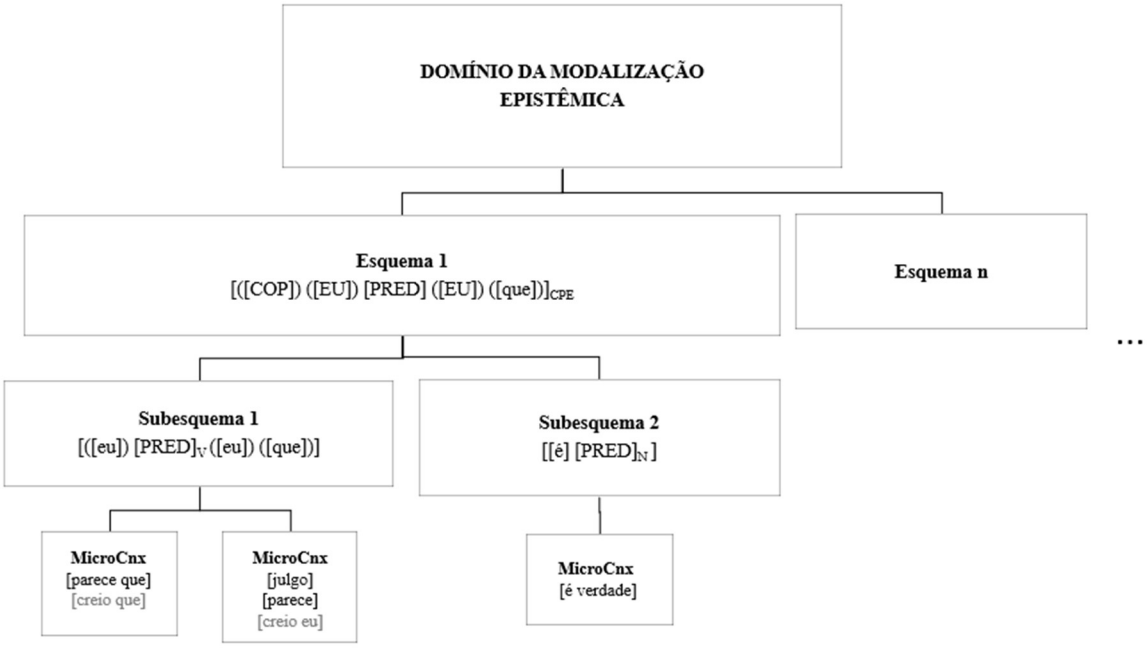
(ii) os graus *baixo* (subesquema 1) e *alto* (subesquema 2) de certeza epistêmica;

(iii) a possibilidade de preservação de complementizador (subesquema 1) e a presença categórica de cópula (subesquema 2);

(iv) a posição medial e o surgimento de escopo parcial (subesquemas 1 e 2), com forte tendência de o foco de atenção estar dirigido para parte do enunciado.

Com base nos apontamentos acima, nota-se que, enquanto os traços (i) a (iii) são heranças de orações matrizes, o traço (iv) é a inovação experimentada no século XIX, pelas CPE, em relação às matrizes de que elas se originam.

Figura 22: Esquema de CPE na rede de modalidade epistêmica do século XIX[43]



Fonte: Elaboração da própria autora.

Considerando as constatações feitas até aqui, é apresentada, a seguir, a configuração da rede de CPE no século XX, que, além de demonstrar uma ampliação significativa em relação às frequências *type* e *token*, exibe a arquitetura consolidada no recorte sincrônico.

3.4.3 A rede de construções parentéticas epistêmicas do século XX

No século XX, o subesquema de base verbal [([eu]) [PRED]$_V$ ([eu]) ([que])]$_{CPE}$ amplia significativamente as possibilidades de uso, licenciando as microconstruções *(eu) acho (que)*, *(eu) creio (eu) (que)*, *parece (que)*, *acredito eu*, *penso eu* e *presumo*. Já o subesquema de base nominal [[É] [PRED]$_N$]$_{CPE}$ licencia apenas a microconstrução *é fato*, que, por analogia à microconstrução *é verdade*, passa a apresentar o mesmo funcionamento.

Além do subesquema 1 e 2, surge ainda o subesquema de base adjetival [([É]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE}$ que licencia, além das microconstruções com alto grau de certeza

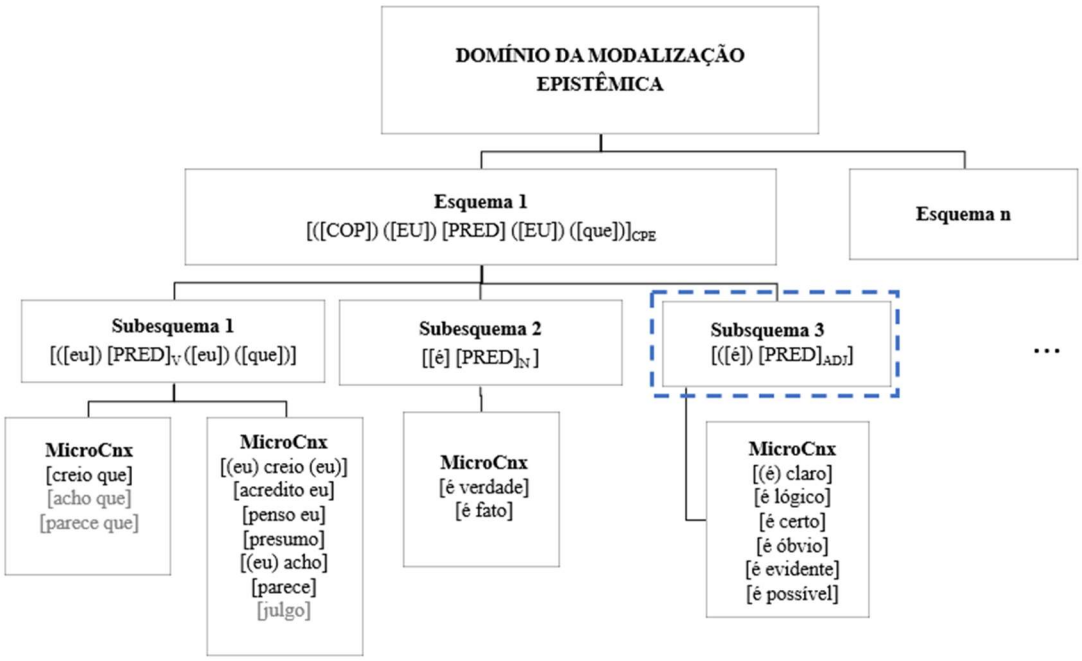
[43] Microconstruções em escala de cinza, tais como *creio que* e *creio eu*, representam usos que, embora não tenham sido encontrados na sincronia analisada, estão disponíveis no PB.

epistêmica *(é) certo*, *(é) claro*, *(é) lógico*, *é evidente*, a microconstrução *é possível*, que apresenta baixo grau de certeza, a exemplo das CPE de base verbal.

O novo subesquema não apresenta complementizador [que] e, embora surja por analogia ao subesquema de base nominal, alterna entre presença e ausência de cópula [é]. Nessa sincronia, atenta-se ao fato de que, além das CPE ocorrerem em posição medial, elas ampliam a possibilidade de uso em posição final do enunciado. Somada a essa constatação, há a possibilidade de, também em posição final, o escopo modal recair em apenas parte do conteúdo. A posição (medial e final) e escopo (total e parcial) atestam o funcionamento adverbial das CPE, uma vez que passam a apresentar as mesmas características da classe dos advérbios modais.

A figura 23 apresenta a rede de CPE do século XX.

Figura 23: Esquema de construções parentéticas epistêmicas na rede de modalidade epistêmica do século XX



Fonte: Elaboração da própria autora.

Diante da rede representada na figura 23, associados ao esquema parentético de modalidade epistêmica, as CPE apresentam os seguintes traços:

(i) as bases verbal [([eu]) [PRED]$_{V}$ ([eu]) ([que])]$_{CPE}$, nominal [[É] [PRED]$_{N}$]$_{CPE}$ e adjetival [([É]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE}$;

(ii) os graus *baixo* (subesquema 1) e *alto* (subesquemas 2 e 3) de certeza epistêmica;

(iii) a presença categórica de cópula no subesquema 2 e a alternância entre presença e/ou ausência de cópula no subesquema 3;

(iv) a possibilidade de a CPE ocorrer em posição medial e final;

(v) alternância de escopo, entre total e parcial, para os três subesquemas.

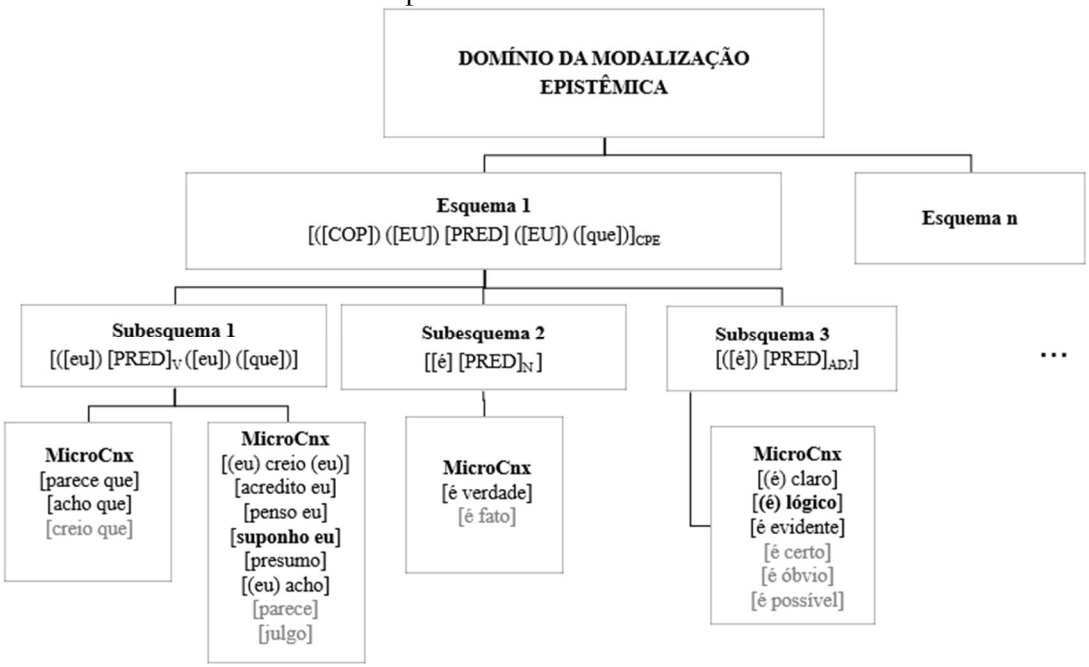
O século XX mostrou-se mais produtivo em termos de ampliação da rede construcional, por conta do surgimento de diferentes *types*, tanto das CPE de base verbal quanto adjetival. O subesquema de base nominal permanece o mesmo nessa e na próxima sincronia.

3.4.4 A rede de construções parentéticas epistêmicas do século XXI

As amostras do século XXI apresentam os mesmos subesquemas do século anterior. Entre eles, evidenciam-se novas microconstruções que auxiliam na consolidação do esquema com funcionamento adverbial modal.

A seguir, apresenta-se o esquema parentético modal seguido das principais constatações.

Figura 24: Esquema de construções parentéticas epistêmicas na rede de modalidade epistêmica do século XXI



Fonte: Elaboração da própria autora.

Na sincronia atual do PB, o surgimento da microconstrução *suponho eu* acrescenta mais uma possibilidade de uso no subesquema de base verbal [([eu]) [PRED]$_V$ ([eu]) ([que])]$_{CPE}$. O novo *type* passa a exercer o mesmo funcionamento das microconstruções *parece (que), (eu) acho (que), (eu) creio (eu (que), acredito eu, penso eu, presumo* e *julgo.*

O subesquema de base nominal [[É] [PRED]$_N$]$_{CPE}$ apresenta as mesmas microconstruções *é verdade* e *é fato*, e o de base adjetival [([É]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE}$ mantém as seis microconstruções do século anterior: *(é) claro, (é) lógico, é evidente, é certo, é óbvio* e *é possível.*

Enquanto a presença de complementizador [que] permanece restrita às CPE de base verbal *creio que, parece que* e *acho que*, entre as CPE de base adjetival, a ausência de cópula passa a ser característica da microconstrução *(é) lógico*, que por analogia à microconstrução *(é) claro*, apresenta ausência de cópula no século XXI.

Em relação à posição e escopo, permanecem entre as CPE:

(i) os graus *baixo* (subesquema 1) e *alto* (subesquemas 2 e 3) de certeza epistêmica;

(ii) a presença de complementizador apenas nas microconstruções *creio (que)*, *parece (que)* e *acho (que)*, no subesquema 1;

(iii) a presença categórica de cópula no subesquema 2, e a alternância entre presença e/ou ausência de cópula no subesquema 3;

(iv) a possibilidade de a CPE ocorrer em posição medial e final nos três subesquemas;

(v) alternância no escopo, entre total e parcial, para os três subesquemas.

3.5 A produtividade, esquematicidade e composicionalidade das construções parentéticas epistêmicas

Esta seção busca descrever as propriedades mais gerais e específicas das construções aqui investigadas, bem como ampliar a compreensão dos aspectos que aproximam ou distanciam as CPE de base verbal, adjetival e nominal uma das outras.

Para entender mais detalhadamente os graus de composicionalidade, esquematicidade e produtividade, será realizada uma análise desses fatores dentro da rede atual, apresentada na seção 3.4.4.

Quadro 25: Níveis hierárquicos da rede de construções parentéticas epistêmicas

NÍVEIS	REPRESENTAÇÕES
Esquema	[([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$
Subesquemas	[([EU]) [PRED]$_{V}$ ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ [[É] [PRED]$_{N}$]$_{CPE}$ [([É]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE}$
Microconstruções	[parece (que)]; [(eu) acho (que)]; [(eu) creio (eu) (que)];[acredito eu]; [penso eu]; [suponho eu]; [julgo]; [presumo]; [é fato]; [é verdade];[é óbvio]; [é possível]; [(é) claro]; [(é) lógico]; [é certo]; [é evidente]

Fonte: Elaboração da própria autora.

Analisando o esquema geral [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ e as propriedades construcionais (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), são tecidas as seguintes conclusões:

(i) *produtividade*: Traugott e Trousdale (2013, p. 17) afirmam que a produtividade de uma construção pertence ao nível dos esquemas e está relacionada à sua extensibilidade, isto é, ao grau com que os esquemas sancionam outras construções menos esquemáticas, e ao grau em que tais esquemas são restringidos. Ao analisar o esquema modal [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$, pode-se reconhecer um alto grau de produtividade, uma vez que esse esquema geral licencia três diferentes subesquemas: [([eu]) [PRED]$_{V}$ ([eu]) ([que])]$_{CPE}$ (subesquema 1); [[É] [PRED]$_{N}$]$_{CPE}$ (subesquema 2) e [([É]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE}$ (subesquema 3);

(ii) *esquematicidade*: considerando esse fator intimamente relacionado ao grau de produtividade, um esquema terá o grau de esquematicidade alto quando houver vários subesquemas por ele licenciados. Aqueles que apresentam maior variabilidade de elementos nos *slots*, apresentam, consequentemente, alta produtividade, ao passo que a menor variabilidade de tipos para o preenchimento do *slot* confere grau baixo. Nesta análise, no nível do esquema, é possível considerar alto grau de esquematicidade, pois na representação simbólica [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ ocorre variabilidade no *slot* [PRED], a possibilidade de presença e ausência do complementizador [que] nas CPE de base verbal, e da cópula [é] nas CPE de base adjetival;

(iii) *composicionalidade*: no que compete à composicionalidade do esquema genérico, pode-se afirmar que, por meio do pareamento [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ ↔ modalização epistêmica], as microconstruções licenciadas perdem composicionalidade semântica, e deixam de acionar literalmente os significados de origem. Em relação à composicionalidade sintática, há a formação de estruturas fixas que levam

> essas construções a assumirem um comportamento cristalizado na língua, conferindo ao esquema baixo grau de composicionalidade sintático-semântica.

Em relação aos subesquemas da rede apresentada, a tabela abaixo compõe uma análise quantitativa que relaciona as frequências *type* e *token* aos graus de *produtividade* e *esquematicidade* em relação às microconstruções licenciadas.

Tabela 19: Produtividade e esquematicidade da rede de construções parentéticas epistêmicas da sincronia atual

SUBESQUEMAS	FREQUÊNCIA *TYPE*	FREQUÊNCIA *TOKEN*	ESQUEMATICIDADE PRODUTIVIDADE
[([EU]) [PRED]$_{V}$ ([EU]) ([que])]$_{CPE}$	8	94	+ esquemático + produtivo
[[É] [PRED]$_{N}$]$_{CPE}$	2	24	- esquemático - produtivo
[([É]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE}$	6	100	+ esquemático + produtivo
Total	16	218	Σ

Fonte: Elaboração da própria autora.

Ao analisar os parâmetros *produtividade*, *esquematicidade* no nível dos subesquemas, constata-se que o subesquema de base verbal [([EU]) [PRED]$_{V}$ ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ é esquemático e produtivo, pelo fato de apresentar variabilidade no *slot* [PRED] e alta frequência *token* considerando-se as quatro sincronias.

O subesquema de base nominal [[É] [PRED]$_{N}$]$_{CPE}$ é pouco esquemático e relativamente produtivo, apresentando 24 *tokens* para apenas dois *types* disponíveis (*é verdade* e *é fato*). Esse resultado pode estar associado ao fato de essas construções desenvolverem as locuções adverbiais *na verdade* e *de fato*, que também expressam o compromisso do falante com a verdade do conteúdo proposicional e que são frequentes no PB.

Em relação ao subesquema de base adjetival [([É]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE}$, ao comparar as frequências *type* e *token*, nota-se que o subesquema é altamente produtivo e esquemático, pois apresenta alta variabilidade no *slot* [PRED] e presença ou ausência de cópula.

No que confere a composicionalidade, semanticamente, os subesquemas de base verbal e adjetival são menos composicionais do que o subesquema de base nominal, pois se distanciam das nuances de origem e mostram-se mais associados à posição enunciativa do locutor em relação do interlocutor e ao conteúdo do enunciado. Já o subesquema de base nominal, embora passe por processo de mudança, está bastante ligado à informações baseadas em fatos, que tonificam o grau de certeza do conteúdo. Sintaticamente, os três subesquemas apresentam baixa composicionalidade, pois se desassociam sintaticamente do enunciado e assumem-se como CPE, cujo funcionamento é análogo às expressões adverbiais modais.

Ao investigar a consolidação e o funcionamento das CPE dentro do domínio da modalidade, constatam-se, no esquema geral, duas mudanças construcionais: (i) a posição *final* das CPE, o que as aproxima ainda mais da classe de advérbios modalizadores, e (ii) o escopo parcial, que associado às posições (medial e final), permite que CPE focalizem apenas parte do enunciado, função exercida pela classe adverbial modal.

As mudanças construcionais consequentes da alteração de *posição* e *escopo* afetam o funcionamento dos três tipos de CPE. Nota-se que, após a construcionalização gramatical, mudança que consiste na criação do novo nó na rede modal epistêmica, ocorrem outras alterações rumo à consolidação do novo grupo de construções modais do PB, o que é mais evidente na sincronia atual.

Perante os resultados desta pesquisa, confirma-se a tese de que as CPE estão conectadas em uma mesma rede, a partir do pareamento [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ ↔ *modalização epistêmica*, que é sustentado pelo domínio da modalização epistêmica no PB.

CONCLUSÕES

Nesta tese, analisam-se as CPE de base verbal, nominal e adjetival originadas de esquemas de subordinação, sob a hipótese de que o seu surgimento na rede de construções epistêmicas seria resultado de um processo de construcionalização, antecedido por algumas mudanças construcionais (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Esta investigação é desenvolvida em três etapas: a primeira, que apresenta uma revisão dos pressupostos teóricos, entre eles (i) os estudos funcionais cognitivistas (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995; 2006; BYBEE, 2016), (ii) a abordagem construcional da mudança linguística (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), (iii) a parentetização (DEHÉ; KAVALOVA, 2007; KALTENBOCK, 2007; BRINTON, 2008; DEHÉ, 2014) e (iv) a modalização epistêmica (BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; BYBEE; FLEISCHMAN, 1995; NEVES, 1996; 2011). A segunda, de natureza metodológica, apresenta a organização do córpus, os critérios para seleção dos predicados, e os parâmetros estabelecidos para a análise das CPE. A terceira apresenta a análise e interpretação dos resultados, orientados pelos parâmetros de forma e significado.

As análises morfossintáticas revelam que os três tipos de CPE são licenciados pelo esquema genérico [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ ↔ modalização epistêmica]. Nele, consolidam-se ao longo das sincronias três subesquemas com base distintas: [([EU]) [PRED]$_{V}$ ([EU]) ([que])]$_{CPE}$, [[É] [PRED]$_{N}$]$_{CPE}$ e [([É]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE.}$

Focalizando o plano da forma, ao analisar a presença/ausência de complementizador e cópula, constata-se que as CPE de base nominal não apresentam ausência de cópula em nenhuma sincronia, diferentemente das CPE de base adjetival que, assim como as construções matrizes de que se originam, podem apresentar presença ou ausência de cópula, principalmente nas amostras do século XXI.

Na análise da presença ou ausência de complementizador, nota-se que apenas as CPE de base verbal em posição medial podem se parentetizar e manter o *que* em contextos intermediários de mudança. A alteração do estatuto da CPE com *que* é evidente, uma vez que não há dependência sintática entre a construção matriz e a subordinada que exija a presença de uma construção *creio que, acho que* ou *parece que* dentro do enunciado.

As análises da manifestação de primeira pessoa nas CPE de base verbal revelam

que o pronome ocorre anteposto ou posposto ao predicado de base verbal. CPE com pronome de primeira pessoa em posição posposta são mais (inter)subjetivas, pois evidenciam uma preocupação do locutor em mostrar cautela ao exibir seu posicionamento. O uso do pronome [EU] em posição posposta apresenta um rebaixamento de tessitura ainda maior e que poderá ser melhor avaliado por meio de análises prosódicas futuras. A pausa é uma característica das CPE que expressam baixo grau de certeza, que se torna ainda maior quando o pronome de primeira pessoa se encontra em posição posposta.

A correlação tempo-modo dos enunciados associados às CPE revelou uma ampla variedade de contextos. Com essa análise, identificaram-se nove tempo-modos diferentes, atestando assim a abstratização dessas construções e ampliação dos contextos de uso, uma vez que, ao se consolidarem enquanto construções adverbiais modais ampliaram a frequência de uso na língua.

A análise da posição que as CPE assumem no enunciado atestou que a posição medial é a mais recorrente, quando comparada a posição final, encontrada somente a partir do século XX. As microconstruções que admitem as duas posições em contextos parentéticos são: *(é) claro, (é) lógico, é óbvio, é evidente, (eu) acho (eu), penso (eu)* e *é verdade*; as demais ocorrem em uma ou outra posição.

Em relação aos parâmetros de significado/função, a partir das análises do escopo das CPE, constata-se que, diferentemente de construções matrizes, que tomam por escopo todo o enunciado subordinado, em contextos de parentetização, é possível que o escopo recaia sobre todo conteúdo da oração ou apenas sobre parte dele, característica marcante das construções adverbiais. Além disso, constata-se que o escopo parcial não é exclusivo de CPE em posições mediais, pois também pode ocorrer em posição final.

Por meio das análises dos tipos específicos de CPE e grau de certeza epistêmica é possível comprovar que, assim como há expressão de alto grau de certeza nas construções matrizes de sentenças subjetivas e baixo grau de certeza em matrizes de sentenças objetivas, as CPE herdam essas nuances epistêmicas das matrizes de que se originam. Enquanto as de base verbal expressam baixo grau de certeza epistêmica, as de base adjetival e nominal tendem a expressar alto grau de certeza, com exceção de *é possível*, que, embora surja no subesquema de base adjetival, expressa baixo grau de certeza,

devido às nuances de origem. Ao investigar as funções pragmáticas das CPE, comprova-se que as posições medial e final alteram o plano funcional dando origem à focalização de todo enunciado ou parte dele.

Com a mudança de posição, ocorre o aumento de (inter)subjetividade, que se dá a partir da construção do fluxo de atenção linguístico, que tem como ponto de partida o enunciado e não a marca de opinião. Ao utilizar a CPE, ele guia a atenção do ouvinte direcionando o seu foco àquilo que considera mais relevante. Essas estratégias revelam maior planejamento do enunciado, e consequentemente a expressão de modalidade epistêmica mais (inter)subjetiva.

Além das constatações acima, desenvolve-se, nesta tese, o mapeamento da rede de CPE ao longo dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Começando pelo século XVIII, primeira sincronia investigada, reconhece-se um processo de construcionalização, devido a criação do novo nó na rede dos modalizadores epistêmicos.

Na primeira sincronia investigada, há dois subesquemas no PB: o primeiro [([EU]) [PRED]$_{V}$ ([EU]) [que]]$_{CPE}$ formado pelas microconstruções *creio que* e *creio eu*, e [[É] [PRED]$_{N}$]$_{CPE}$ pela microconstrução *é verdade*. Embora esses subesquemas já estejam presentes desde o século XVIII, eles vão se consolidando a partir das demais sincronias com o aumento da frequência *type* e *token*.

No século XIX, novas microconstruções são recrutadas ampliando a produtividade da rede de CPE no PB. O subesquema de base verbal [([EU]) [PRED]$_{V}$ ([EU]) [que]]$_{CPE}$ passa a licenciar as microconstruções *parece (que)* e *julgo*, que atuam juntamente com *creio que* e *creio eu*.

A rede do século XX apresenta um novo subesquema que é licenciado pelo padrão genérico [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ ↔ modalização epistêmica]. O novo subesquema representa a consolidação das CPE no PB, pois, além da ampliação da rede, novas microconstruções são licenciadas. O subesquema de base verbal [([EU]) [PRED]$_{V}$ ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ passa a recrutar nessa sincronia os *types (eu) creio (eu), acredito eu, penso eu, presumo, (eu) acho* e *parece.* O subesquema de base nominal [[É] [PRED]$_{N}$]$_{CPE}$ recruta os *types é verdade* e *é fato,* e o subesquema de base adjetival [([É]) [PRED]$_{ADJ}$]$_{CPE}$ surge com seis *types* disponíveis *(é) claro, é lógico, é certo, é óbvio, é evidente* e *é possível.*

Na sincronia atual, embora a rede não apresente novos subesquemas, alguns *types* são licenciados: s*uponho eu*, que é recrutado pelo subesquema de base verbal, e *lógico*, que ocorre a partir do subesquema de base adjetival.

Com o desenvolvimento das análises, confirma-se que o esquema construcional [([COP]) ([EU]) [PRED] ([EU]) ([que])]$_{CPE}$ ↔ modalização epistêmica], além de perder composicionalidade sintático-semântica, é bastante produtivo e esquemático, pois recruta três tipos de CPE, com alta frequência *type* e *token* ao longo da diacronia.

Ao analisar a história das CPE no PB, confirma-se a hipótese de que, por meio de construcionalização gramatical, elas se consolidam na rede de construções epistêmicas como um novo esquema construcional.

Feita a investigação da natureza dessas construções, comprova-se que elas são ligadas por um mesmo padrão de forma e significado, que as caracteriza como construções adverbiais cuja modalidade epistêmica configura-se como mais intersubjetiva em relação às construções matrizes de que se originam.

Além das constatações aqui apresentadas, é relevante a observação de que as CPE são terreno fértil para o estudo de construções ainda mais intersubjetivas como *só acho*[44], *acho né*[45] e *é claro né*[46], que indicam um funcionamento ainda mais interativo dentro dos contextos que ocorrem. Para o estudo dessas construções, sugere-se um recorte sincrônico que contemple dados do português atual, visto que são observados com mais frequência em dados de língua falada do PB.

[44] Devia ter incluído todos os títulos da série e caprichado mais na BOX. *Só acho*. (bjc.uol.com.br - Corpus do português: *Web/Dialects*)
[45] Doc.: os bandidos não::... entraram dentro da casa junto com ele? Inf.: num deu tempo *eu acho né*?... [BDI – AC – 001 – NR: L. 76]
[46] Por baixo, estava de biquini... *é claro né??* (blogs.bolsademulher.com - Corpus do português: *Web/Dialects*)

REFERÊNCIAS

BARBOSA-SANTOS, L. A. **O uso de verbos cognitivos em construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem do ponto de vista da gramaticalização.** Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019, 110 p. (Dissertação de Mestrado)

BARBOSA-SANTOS, L. A.; FORTILLI, S. C. Aspectos semânticos dos verbos cognitivos deduzir e calcular no português. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 48, n. 2, p. 629-647, jul. 2019.

BARBOSA-SANTOS, L. A. Processos de subjetivação e intersubjetivação em usos do verbo calcular no português. **Revista Gatilho**, UFJF, v. 18, p. 109-122. out. 2020.

BARLOW, M.; KEMMER, S. **Usage-Based Models of Language.** Stanford: CSLI, 2000.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORBA, F. S. (Org.). **Dicionário Unesp do português contemporâneo**. Curitiba: Piá, 2011.

BRINTON, L. J. **Pragmatic markers in English: grammaticalization and discourse functions.** New York: Mouton de Gruyter, 1996.

BRINTON, L. J. **The comment clause in English: syntactic origins and pragmatic development.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar.** Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão téc. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

BYBEE, J. Cognitive process in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. **The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure**. v. 2. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 2003, p. 145-167.

CASSEB-GALVAO, V. C. O 'achar' no Português do Brasil: um caso de gramaticalização. 1999. 167f. **Dissertação** (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CASSEB-GALVAO, V. C. A atuação de mecanismos desencadeadores de processos de gramaticalização. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p.44-59, 2º sem. 2000.

CASTILHO, A. T. **Gramática do português falado.** 2ed. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1991.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do Português Falado.** Vol. 22: Níveis de Análise Linguística. 2ª Edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

CARVALHO, C. S. De cláusulas matrizes a construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem construcional. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 27, n. 55, p. 17-41, 2017.

CARVALHO, C. S.; BRAGA, M. L. Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: uma visão construcional. In: CARVALHO, C. S.; LOPES, N.; RODRIGUES, A. (orgs.) **Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces.** Salvador. EDUNEB, 2020. p. 169-199.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 4.ed. revista pela nova ortografia. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo.** 6.ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2013.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar:** Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford: Oxford University Press. 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DEHÉ, N.; KAVALOVA, Y. (Eds). **Parentheticals**. John Benjamins B.V. 2007.

DEHÉ, N. **Parentheticals in Spoken English:** The Syntax-Prosody Relation. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

DE LANCEY, S. An interpretation of split ergativity and related patterns. **Language, Baltimore**, v. 57, n. 3, p. 626-657, 1981.

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FILLMORE. C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions. In: **Language**, v. 64, n.03, p. 501–538, 1988.

FORTILLI, S. C. **Predicados matrizes adjetivais de orações subjetivas no português brasileiro: gramaticalização e dessentencialização**. 2013. 163 f. Tese de doutoramento (Doutorado em Estudos Linguísticos). UNESP/IBILCE. São José do Rio Preto. 2013.

FORTILLI, S. C. A ordenação de parentéticos epistêmicos de base verbal no português brasileiro: aspectos pragmáticos. In: SOUZA, E. R. F.; STASSI-SÉ, J. C.; MARQUES, N. B. N.; GARCIA, T. S. (Orgs.). **Linguística Funcional: retrospectivas, atuações e diálogos.** 1ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2021.

FRASER, B. Conversational mitigation. **Journal of Pragmatics**. 1980, p. 341–350.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach to argument structure.** Chicago/London: University of Chicago Press. 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions:** A new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, 2003.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language.** Oxford: Oxford University Press. 2006.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. Tese de doutoramento, Unicamp, 2003.

GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna**: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. 2007. Disponível em: http:://www.iboruna.ibilce.unesp.br.

GONÇALVES, S. C. L. Orações completivas em posição argumental de sujeito e o alçamento a sujeito sob perspectiva funcional. In: HORA, D.; PEDROSA, J.; LUCENA, R. (org.). **ALFAL 50 anos: contribuições para os estudos linguísticos e filológicos.** João Pessoa: Ideia, 2015. p. 367-417.

GONÇALVES, S. C. L. Posição de sujeito e objeto em construções complexas subjetivas. **Revista Linguística, Rio de Janeiro**, v. esp., 2016, p. 192-215.

GONÇALVES, S. C. L.; SOUSA, G. C; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). **A construção das orações complexas.** São Paulo: Contexto, 2016. v. 5, p. 69-121.

GONÇALVES, S. C. L. O estatuto variável de construções com e sem Alçamento: uma abordagem sociofuncionalista. **Delta: Documentação E Estudos em Linguística Teórica E Aplicada,** 33 (4), 2017, p. 1291-1321.

GONÇALVES, S. C. L.; DALL'AGLIO-HATTNHER, M. M.; SOUZA, G. C. **A subordinação substantiva: modalidade epistêmica e gramaticalização de construções matrizes**. In: PHPB v. 5. Contexto. 2019.

GUILLAUME, P. **Psicologia da forma.** São Paulo: Nacional, 1966.

HEINE, B. Are there two different ways of approaching grammaticalization? In: HANCIL, S.; BREBAN, T.; LOZANO, J. V. (Eds.) New trends in grammaticalization and language change. Amsterdam: John Benjamins, 2018. p. 23-54.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G. From clause to discourse marker: on the development of comment clauses. **Language Sciences** 87, 2021.

HIMMELMANN, N. Lexicalization and grammaticization: opposite or orthogonal? In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N; WIEMER, B. (Eds.). **What makes Grammaticalization?**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2004, p. 21–42.

HOPPER, P. J. **Emergent grammar.** Berkeley Linguistics Society, n. 13, p. 139-157, 1987.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 1993.

KALTENBOCK, G. Spoken parenthetical clauses in English - A taxonomy. In: DEHÉ, N. KAVALOVA (Eds). **Parentheticals**. John Benjamins B.V. 2007.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual:** trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LAKOFF, G.; JOHNSON. M. **Metaphors we Live by**. Chicago: Chicago University Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON. M. **Women, fire and dengerous things**: what categories reveal about the mind. Chigaco: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive Grammar:** Theorical prerequisites. Standford: Standford University Press, 1987.

LANGACKER, R. **Cognitive grammar**: a basic introduction. Oxford University Press, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Perspectivas teóricas na análise do discurso.** Recife: Universidade federal de Pernambuco, 1995.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaios para uma Sócio-História do Português.** São Paulo: Parábola, 2004.

MICHAELIS. **Dicionário escolar língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 2008.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado.** Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da UNICAMP -FAPESP, 1996, p. 163-199.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2013.

NOONAN, M. Complementation. In: SHOOPEN, T. (ed.) **Language typology and syntactic description: complex constructions.** Cambridge: Cambridge University Press. p. 43-140. 2007[1985].

NUYTS, J. Cognitive Linguistics and Functional Linguistics. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Handbook of Cognitive Linguistics.** Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 543-565.

ROUCHOTA, V. Procedural Meaning and Parenthetical Discourse Markers. In: JUCKER, A. H. & Y. ZIV (eds.) **Discourse Markers:** Descriptions and Theory. Amsterdam, John Benjamins, 97-126, 1998.

SCHNEIDER, S. **Reduced Parenthetical clauses as mitigators.** A corpus study of spoken French, Italian and Spanish. Amsterdam: John Benjamin Publishing Company, 2007.

THOMPSON, S. MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: E. Traugott, B. Heine (Orgs.). **Aproaches to grammaticalization.** Vol. 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (Ed.) **Variation, Selection, Development**-Probing the Evolutionary Model of Language Change. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE, K. *et al*. (org.) **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010.

TRAUGOTT, E. C. The status of on set contexts in analysis of micro-changes. In: KYTÖ, M. (ed). **English Corpus Linguistics**: Crossing Paths. Amsterdam: Rodopi, p. 221-255, 2012.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes.** Oxford: Oxford Unversity Press, 2013.